

ROSA GRACIÉLA DE CAMPOS LOPES

**AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE CUIABÁ-MT E AS
SUAS MUITAS CARAS DO AMOR: UM ESTUDO DE CASO**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)

MESTRADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE-MS

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROSA GRACIÉLA DE CAMPOS LOPES

**AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE CUIABÁ-MT E AS
SUAS MUITAS CARAS DO AMOR: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Profa. Dra. Sonia Grubits.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)

MESTRADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE-MS

2009

Ficha Catalográfica

Lopes, Rosa Graciéla de Campos
L864c As crianças de uma escola de Cuiabá-MT e as suas muitas caras do amor: um estudo de caso / Rosa Graciéla de Campos Lopes ; orientação Sonia Grubits Gonçalves de Oliveira. 2009.
155 f. + anexos

Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2009

1. Afeto (Psicologia) 2. Amor 3. Casamento – Relacionamento
I. Oliveira, Sonia Grubits Gonçalves de II. Título

CDD – 155.5

Bibliotecária responsável: Clélia T. Nakahata Bezerra CRB 1/757

A dissertação apresentada por ROSA GRACÍELA DE CAMPOS LOPES, intitulada “AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE CUIABÁ-MT E AS SUAS MUITAS CARAS DO AMOR: UM ESTUDO DE CASO”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi

.....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sonia Grubits (orientadora/UCDB)

Profa. Dra. Alexandra Ayach Anache (UFMS)

Profa. Dra. Angela Elizabeth Lapa Coêlho (UCDB)

Prof. Dr. Márcio Luis Costa (UCDB)

Campo Grande, MS, 14 de dezembro de 2009.

Aos meus filhos Daianny, Marcus Vinícius e
Thais.

AGRADECIMENTOS

A Carbene França Lopes meu companheiro de todos os momentos, inclusive deste.

Amar é a eterna inocência.

(Fernando Pessoa, 1888-1935)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar os relatos sobre as expressões do afeto, as relações afetivas e a concepção do amor, num grupo de crianças na faixa etária de seis a nove anos em uma escola privada, de ensino fundamental de Cuiabá, MT. Para tanto, foram utilizados alguns pressupostos e técnicas ligadas à pesquisa qualitativa de estudo de casos e do método clínico. Dentre os procedimentos, realizou-se a observação participante, as entrevistas semiestruturadas, teste do desenho e o estudo de caso. A análise dos dados se deu por meio da leitura e interpretação do material em conformidade com os conceitos teóricos da Psicologia Psicodinâmica e da Psicanálise, à medida que necessário para a compreensão do que estava sendo apresentado pelas crianças participantes. Para elas, o amor pareceu estar mais relacionado ao fazer juntas as tarefas do cotidiano. Os pais dessas crianças parecem ser, enquanto marido e mulher, a maior referência na vida delas. Foi plausível perceber quão benéfico pode ser para o desenvolvimento a criança poder contar com os pais que mantêm um bom relacionamento enquanto marido e mulher. Quando ocorre a separação do casal, o processo costuma ser doloroso para todos os envolvidos: o casal, os filhos, os avós, os tios, para a família como um todo. As crianças participantes desta pesquisa puderam contar com o apoio dos parentes próximos para ajudá-las na elaboração de uma nova vida e na adaptação às mudanças dela provenientes.

Palavras-chave: Amor. Afetividade. Família.

ABSTRACT

This study aims at analyzing reports on expressions of affection, affective relations and the concept of love that a group of children aged six to nine years, who study at a private school in Cuiabá, MT have. The study used some presuppositions and techniques of qualitative research for case studies and for the clinical method. Among the procedures, participative observation, semi-structured interviews, the drawing test and case study were used. The analysis of the data was done by reading and interpretation of the material, according to the theoretical concepts of Psychodynamic Psychology and Psychoanalysis as was necessary for the comprehension of what was being presented by the children. For them, love seemed to be more related to doing together daily tasks. These children's parents seem to be, as husband and wife the major reference for them. It was plausible to perceive how beneficial it can be for the development of the child, to be able to count on the parents who have a good relationship as husband and wife. When the couple separates, the process is usually painful for all those involved: the couple, the children, the grandparents, the aunts and uncles, the family as a whole. The children participating in this research could count on the support of close relatives to help them elaborate on a new life and to adapt to the changes they had to face.

Keywords: Love. Affection. Family.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Painel de imagens da escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.....	77
FIGURA 2 - Painel de imagens dos alunos, em Momento Cívico, da Escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.....	78
FIGURA 3 - Painel de imagens dos alunos, em brincadeiras na área externa, da Escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.....	85
FIGURA 4 - Desenho livre de Alice, representando o que vem ser amor para ela.	118
FIGURA 5 - Desenho livre de Bia, representando o que vem ser amor para ela.	119
FIGURA 6 - Desenho livre de Carlos, representando o que vem ser amor para ele.	120
FIGURA 7 - Desenho livre de Daniel, representando o que vem ser amor para ele.....	121
FIGURA 8 - Desenhos de Alice: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.....	124
FIGURA 9 - Desenhos de Alice: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.	125
FIGURA 10 - Desenhos de Bia: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.....	126
FIGURA 11 - Desenhos de Bia: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.	127
FIGURA 12 - Desenhos de Carlos: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.....	128
FIGURA 13 - Desenhos de Carlos: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.	129
FIGURA 14 - Desenhos de Daniel: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.....	130
FIGURA 15 - Desenhos de Daniel: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.	131

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A FAMÍLIA: CONCEPÇÃO E HISTÓRIA	16
3 A CRIANÇA: DO CASAMENTO À SEPARAÇÃO DOS PAIS	30
3.1 SEPARAÇÃO.....	37
4 O AMOR, O AFETO E AS RELAÇÕES AFETIVAS	42
5 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL	51
6 GÊNERO: SER MENINO/SER MENINA	66
7 OBJETIVOS	73
7.1 OBJETIVO GERAL	74
7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	74
8 A PESQUISA	75
8.1 O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO: LOCAL DA PESQUISA.....	76
8.2 MÉTODO	78
8.3 ASPECTOS ÉTICOS	82
8.4 INSTRUMENTOS.....	82
8.4.1 Entrevista	83
8.4.2 Observação participante	84
8.4.3 Estudo de caso.....	85
8.4.4 Teste do desenho	86
8.5 PROCEDIMENTOS	87
8.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	88
9 RESULTADOS E DISCUSSÃO	90
9.1 AS CRIANÇAS	91
9.2 CARACTERÍSTICAS DOS PAIS	95

9.3	A MANIFESTAÇÃO DO AMOR NA FAMÍLIA	96
9.3.1	A manifestação do amor do homem pela mulher e da mulher pelo homem	97
9.3.2	Demonstração do afeto dos pais pelos filhos.....	99
9.3.3	Demonstrações do afeto: falam os pais	102
9.4	O GOSTAR E O NÃO GOSTAR: COMO É DEMONSTRADO PELA CRIANÇA	109
9.4.1	Sentir-se amado.....	110
9.4.2	Ações de amor.....	111
9.4.3	Histórias de amor	112
9.4.4	A criança e suas concepções de amor	114
9.5	O DESENHO DA CRIANÇA E AS SUAS MUITAS CARAS DE AMOR	116
9.5.1	Análise dos desenhos.....	122
9.5.2	Desenhos das crianças HTP.....	123
9.5.3	Análise dos desenhos HTP e das famílias	132
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS	144
	APÊNDICES	155
	ANEXO	164

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação pretende ser um estudo sobre as ideias que algumas crianças têm do amor, ou seja, verificar como vivem e observam a relação afetiva na família, com seus pais, e no grupo social de pertença. A motivação para realização desta pesquisa partiu da suposição de que a criança atualmente pode ter, em relação aos afetos, uma tendente valorização das relações superficiais ou facilmente substituíveis e uma propensa desvalorização do relacionamento humano influenciado principalmente pela mídia, como, por exemplo, o pressuposto de que é feliz e realizado aquele que esteticamente é “belo” ou bem sucedido financeiramente.

Num trabalho de atendimento psicoterápico a crianças e numa observação da vida cotidiana de famílias e grupos, esta pesquisadora tem observado uma crescente dificuldade que as pessoas têm para se expressarem ao falar do amor, do que sentem pelo marido, pela esposa, pelos pais, pelos filhos, pelos irmãos, pelos amigos, colegas, professores, tios, avós. Parece que as pessoas se retraem na expressão sobre o afeto e amor para com o outro – seja com palavras, seja com gestos.

Ao ministrar cursos para pais e cuidadores, esta pesquisadora tem observado esse fato mais claramente, quando pais e mães expõem suas dificuldades de falar e demonstrar ao filho os próprios sentimentos. Costumam verbalizar que sentem vergonha e/ou medo de parecerem retrógrados ou avançados demais. No consultório, no atendimento a famílias, em muitos momentos, também se tem percebido essa dificuldade em explorar a questão dos afetos.

O questionamento sobre o porquê dessa situação fez com que esta pesquisadora se motivasse para a realização deste trabalho na tentativa de responder a uma situação concreta na realidade vivida em seu dia-a-dia: num momento histórico em que as relações sociais tendem a ser mais estéticas que éticas, e os vínculos, mais substituíveis que estáveis, como podem as crianças expressar e/ou viver suas relações afetivas?

Em vista disso, nesta pesquisa, foram ressaltadas as formas de expressão de amor por crianças – meninos e meninas de seis a nove anos –, no cotidiano de uma escola particular da cidade de Cuiabá, Mato Grosso. A escolha desse período da infância se deu pelo fato de que, nessa etapa, a criança estaria numa fase de certa calma aparente em relação ao instinto sexual, segundo a teoria da Psicanálise, o que poderia permitir aos participantes confundir-se em relação à questão de amor e afeto que se buscava avaliar.

Nas últimas décadas, as transformações em vários setores como industrialização, economia, entre outros, trouxeram, como em todo processo de mudança, ganhos pertinentes ao avanço tecnológico, mas deixaram suas marcas negativas, como a migração para os centros maiores, o que acabou por ocasionar desemprego, falta de moradia, dentre outras decorrências. Com tanta alteração, as mulheres-mães saíram de casa para trabalhar e ajudar os seus maridos. Nisso, elas acumularam trabalhos, já que antes sua responsabilidade limitava-se à educação dos filhos e às tarefas domésticas. Atualmente, além de continuar com a responsabilidade de educá-los, ela também assumiu compromissos financeiros em seu lar. Assim sendo, a maioria das mulheres acaba tendo de lidar com o estresse diário do acúmulo de responsabilidades, com a culpa de deixar os filhos para trabalhar e com o prazer em se sentir útil à sociedade com a profissão.

Na maioria das vezes, o que se tem observado nas famílias contemporâneas, são crianças sendo educadas por babás – mães substitutas, algumas sem condições de exercerem essa função; ou ainda sendo “educadas” pela televisão, videogames e outros aparelhos eletrônicos que se tornaram, muitas vezes, sua única companhia. Com todo o desenvolvimento ocorrido, houve o crescente número de pessoas que mudaram para as grandes cidades, ocasionando um aumento dos índices de desempregos e marginalidades, levando as famílias a mais um fator estressante – o medo. Com isso, os pais, temendo expor seus filhos aos perigos externos como assaltos, sequestros e outros, acabam por mantê-los “trancados” em casa. O problema é que se os programas de TV não forem supervisionados pelos pais ou um adulto cuidador, as crianças, mesmo trancafiadas, acabam ficando expostas ao perigo daquilo que veem e escutam, sem condições de filtrarem, de compreender ao que estão assistindo.

Todas essas mudanças vêm ocorrendo praticamente no mundo inteiro e são repetidamente veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Atualmente, parece que as pessoas tendem mais facilmente a expressar sentimentos relacionados a medo, tristeza, agressividade, desprezo, inveja, do que relacionados aos sentimentos de amor.

O amor que se procura abordar nesta pesquisa é o amor do cuidado, da ação. É o amor capaz de vínculo e apego, que pode ser experimentado pelas pessoas na posição de filho/pai/mãe/cônjuge e em suas relações. Dada a oportunidade e a pertinência ao assunto, buscou-se pesquisar como esta geração de pais, cuidadores, está deixando impresso na criança

as formas do afeto, numa sociedade em que as relações estão mais claramente erotizadas, como também perceber como as crianças, atualmente, expressam e lidam com essa ideia.

Em seu desenvolvimento psicossociocultural, todo indivíduo necessita de modelos, referenciais que exerçam a função parental inicialmente, bem como da ampliação dessas relações em outros ambientes – na creche, na escola, na praça, na igreja, no clube. Essas relações são referências e podem suprir suas necessidades no âmbito relacional, promovendo a autoestima, a segurança, o fortalecimento da identidade, o autorespeito, e a própria capacidade de expressão afetiva.

No desenvolvimento deste trabalho, apresenta-se, no segundo capítulo, o quadro teórico, fazendo uma exposição de ideias buscadas em diferentes fontes e autores da Psicanálise e da Psicologia Psicodinâmica para melhor compreensão do cerne da questão enfocada, qual seja, a família. Assim, abordam-se algumas concepções, a questão do casamento, sobretudo a temática da separação dos pais, as consequências na vida da criança. Há algumas idéias acerca do amor enquanto cuidado nas relações afetivas, certa particularidade sobre o desenvolvimento psicosexual infantil, do nascimento até o período da latência. A fundamentação teórica é finalizada com o processo pelo qual se dá o desenvolvimento do menino e da menina no contexto familiar e social. Na sequência, expõem-se os objetivos, os quais delinearam o desenvolver deste trabalho, os caminhos metodológicos seguidos para a realização de um estudo de caso, as referências que se têm para esclarecer sobre o método clínico qualitativo.

Por fim, expõem-se os resultados então alcançados, as convergências e divergências dos dados, chegando a algumas considerações percebidas como gerais.

2 A FAMÍLIA: CONCEPÇÃO E HISTÓRIA

A família é a primeira instituição de socialização e afetividade, tendo como característica de seu funcionamento a vinculação do afeto. Pode ser o contexto autorizado para sentir amor, ódio, ciúme, inveja, alegria, tristeza, entre outros sentimentos. Costuma ser o meio em que alguém ou alguns contribuem para que a criança faça originar dentro de si algumas coisas, como, por exemplo, o limite, o afeto e o amor, determinando sua subjetividade.

Na maioria das vezes, é a família que contribui no processo do desenvolvimento afetivo, porém isso não é garantia de saúde mental, como alerta Capelatto, H. (1999, p. 26): “Ter família não é garantia de felicidade. É preciso sentir desejo de ser família. O desejo será a garantia da continuidade, mesmo nas mais difíceis situações.”

A palavra família vem do latim *famulus*, que significa escravo doméstico. Segundo Engels (2005, p. 61): “Família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem.” Para o autor, a expressão família foi criada com o objetivo de designar um novo organismo social, pelos romanos, na Roma Antiga, no século VIII a.C., em que o chefe mantinha total poder sobre a mulher, os filhos e os escravos.

De acordo com a história da família, o seu termo vem se modificando e, nos tempos atuais, conforme definição encontrada no dicionário Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa e no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo família tem significado bem semelhante, abrangendo, principalmente as pessoas que vivem no mesmo domicílio (pai, mãe e filhos) ou aquelas unidas por laços de parentesco e adoção (FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

No entanto, Trad e Bastos (1998, p. 431) advertem que “Não se pode adotar uma definição de família como universalmente válida, ignorando a especificidade e diversidade de contextos culturais.”

A família é o laboratório no qual a criança/adolescente exercita e desenvolve o seu jeito de ser e de estar inserido num grupo. É na relação com os irmãos que a pessoa aprende a dividir, esperar, lidar com ciúmes, inveja, rejeição, compartilhar as alegrias, tristezas e vitórias. E, dessa maneira, se desenvolver abrindo-se para os relacionamentos fora da família à medida que vai crescendo.

Capelatto, I. (1999, p. 6) ressalta:

A família é, ao mesmo tempo, o “lugar” onde temos nossas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor e o “lugar” de onde trazemos tristezas, desencontros, brigas e ódios. É na família que aprendemos a linguagem mais complicada da vida: somos capazes de agredir com a maior profundidade de nosso ser as pessoas que mais amamos no mundo. Então, é na família e nas suas relações que encontramos nosso maior e mais profundo amor e nosso maior e mais profundo ódio.

A evolução é algo inerente ao organismo vivo. Tudo que é vivo evolui. Tanto a família quanto a sociedade são compostas por seres humanos que são seres vivos, por isso a sua evolução não é algo estacionário, mas algo que se movimenta por meio dos tempos de conformidade com os mitos e as crenças de cada época.

Como descreve Morgan (1871 apud ENGELS, 2005, p. 30), ao definir a família:

O elemento ativo; nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, pelo contrário, são passivos; só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente.

Teóricos da família, entre os quais Engels (2005), apontam para o fato de que os laços familiares estão condicionados à cultura e não a necessidades biológicas. Dessa forma, pode-se pensar que a família não seja algo que já esteja pronto ou existe à espera do nascimento do ser humano pelo simples fato da consanguinidade, mas que está ligada às diferentes formas de se organizar, enquanto pessoa inserida num contexto histórico e cultural.

Como declara Poster (1979, p. 162):

Além de ser o *locus* da estrutura psíquica, a família constitui um espaço social distinto na medida em que gera e consubstancia hierarquias de idade e sexo [...]. A família é o espaço social onde gerações se defrontam mútua e diretamente, e onde os dois sexos definem suas diferenças e relações de poder. Idade e sexo estão presentes, é claro, como indicadores sociais em todas as instituições. Entretanto, a família contém-nos, gera-os e os realiza em grau extraordinariamente profundo. Por outras palavras, o estudo da família fornece um excelente lugar para se aprender como a sociedade estrutura as determinações de idade e sexo.

A família é fundamental na vida de um ser humano. É ela que contribui com o desenvolvimento de cada membro para que ele se realize da maneira mais profunda, por meio dos vínculos afetivos. Ao mesmo tempo, pode ser um foco de conflito e desenvolvimento destrutivo. Costuma ser dentro da família que uma criança nasce, cresce, descobre o mundo e aprende a ser ela mesma, tendo chances de ser cuidada por pessoas que seguem alguma direção instintiva ao realizarem os cuidados básicos recebidos ao longo do seu desenvolvimento, ou orientada para promover a educação, a saúde e a manutenção da vida.

Winnicott (1997, p. 31) atribuiu à família um peso muito grande enquanto formadora e propiciadora de um desenvolvimento saudável ao ser humano:

Creio que a família da criança é a única entidade que possa dar continuidade à tarefa da mãe (e depois do pai) de atender às necessidades do indivíduo. Tais necessidades incluem tanto a dependência como o caminhar do indivíduo em direção à independência.

Engels (2005) aponta para o fato de que, no início da história da humanidade, as primeiras sociedades foram organizadas de maneira coletivista, tribal, nômade e matrilinear. No começo da civilização, as famílias se organizavam em torno da figura materna, ou seja, a partir da descendência feminina, o que se acreditava ser pelo fato de desconhecerem a participação masculina na reprodução.

Entretanto, com o passar dos séculos, houve mudanças e, na Roma Antiga, a família foi consolidada enquanto instituição. Assim, nascia uma nova ordem social centrada na descendência masculina, na qual o líder da família era como um chefe, ele determinava e a esposa e os filhos obedeciam. Na verdade, a esposa e os filhos nada mais representavam que uma posse – propriedade (OSÓRIO, 1996).

Segundo estudiosos, a família dessa época era centrada no homem, e a mulher participava apenas como ajudante. Engels (2005) comenta que o patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos e os escravos, podendo inclusive decidir sobre a vida ou morte, caso houvesse desobediência ou infidelidade. A autoridade do pai sobre sua família prevalecia inclusive sobre a autoridade do Estado, podendo ele (pai) até vender ou transformar em escravo o próprio filho.

Na época medieval, a criança era vista como um adulto pequeno ou um aprendiz. As crianças ficavam até os sete anos com seus pais, depois eram encaminhadas para a casa de

outros que, muitas vezes, eram estranhos, onde a criança iria aprender por meio do serviço doméstico, pois isso se confundia com uma forma de educação. Essas crianças eram identificadas, muitas vezes, como aprendizes.

Assim destaca Ariès (1981, p. 228-229):

Toda educação se fazia através da aprendizagem, e dava-se a essa noção um sentido muito mais amplo do que o que ela adquiriu mais tarde. As pessoas não conservavam as próprias crianças em casa: enviavam-nas a outras famílias, com ou sem contrato, para que com elas morassem e começassem suas vidas, ou, nesse novo ambiente, aprendessem as maneiras de um cavaleiro ou um ofício, ou mesmo para que frequentassem uma escola e aprendessem as letras latinas. Essa aprendizagem era um hábito difundido em todas as condições sociais.

Ainda não havia lugar para a escola nessa época (Idade Média), no que se refere à transmissão de conhecimento por meio da aprendizagem direta. O conhecimento de uma geração era passado para outra por meio da convivência, da prática diária. A escola na época medieval ainda era uma exceção (ARIÈS, 1981).

Dessa forma, compreendem-se como as crianças aprendiam a viver, pois em todos os lugares onde trabalhavam, jogavam ou brincavam, elas se misturavam aos adultos. Assim, com o contato do dia-a-dia, iam aprendendo com os mais velhos a viver. Isso se dava longe da família, pois a criança era retirada do seio familiar ainda muito nova e, muitas vezes, mesmo depois de adulta, não retornava, como já foi dito antes. Com isso, talvez, fosse difícil para os familiares desenvolverem um “sentimento existencial” mais profundo entre pais e filhos, pois “[...] a família era uma realidade moral e social mais do que sentimental [...]” (ARIÈS, 1981, p. 231), uma vez que logo, aos sete anos de idade, os filhos eram levados para outras famílias, o que também não significava que os pais não amassem seus filhos.

A partir do século XV, ocorreram mudanças na escola, que “[...] deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto.” (ARIÈS, 1981, p. 231). Com isso, os pais passaram a cuidar de seus filhos mais de perto, uma vez que eles não eram mais deixados aos cuidados de outra família. Dessa maneira, provavelmente, tivesse diminuído o sentimento de perda, e os pais e filhos começaram a desenvolver o relacionamento. É possível que tivessem permitido o fluir dos sentimentos, inclusive o do amor, pois já não precisavam mais se separar tão cedo.

Assim comenta Ariès (1981, p. 232):

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança.

No século XVII, embora as crianças fossem mandadas para estudar fora, já não havia o mesmo caráter de aprendiz; elas eram vistas como estudantes, sua relação com a família era estreita, havia um clima afetivo e elas já não ficavam tanto tempo longe dos pais. Vale ressaltar que com as meninas isso só ocorreu já no final do século XVIII e início do XIX.

Assim sendo, as meninas continuaram ainda por muito tempo sendo educadas como aprendizes em casas alheias. E até mesmo alguns meninos, pois somente os da camada média da hierarquia social é que tiveram acesso à escolarização num primeiro momento, pois a alta nobreza e os artesãos continuaram a aprendizagem da mesma maneira que antes, como pequenos aprendizes. Isso durou até o fim do século XIX. Só quando os progressos da higiene e da assepsia tornaram possível utilizar o leite animal sem riscos é que a família deixou de se separar de seus bebês, e quem passou a vir até o bebê foi a ama de leite.

No século XVIII, passou a existir o privilégio do primogênito, ao qual eram destinados os encargos, os empregos e posses dos pais, com o objetivo de mantê-lo (primogênito) em posição de destaque e de eternizar seu nome. Nessa época, houve uma divisão interna na família, uma vez que um filho era privilegiado em detrimento do outro.

Nos meados do século XVIII, surgiu a família burguesa, nascida no seio da burguesia europeia, rompendo assim com os modelos familiares existentes e criando novos padrões de relações familiares, que se caracterizavam pelo fechamento em si mesmo, segundo Reis (1989, p. 109-110):

Eles se caracterizavam antes de tudo pelo fechamento da família em si mesma. Esse isolamento marcou uma clara separação entre a residência e o local de trabalho, ou seja, entre a vida pública e a privada. Para o burguês, o trabalho era o espaço no qual as relações deveriam ser regidas pela frieza e pelo calculismo, qualidades imprescindíveis para vencer no mundo dos negócios. Sendo o mundo dos negócios o império da razão, o lar passou a ser o espaço exclusivo da vida emocional, no qual a mulher passaria sua vida em reclusão.

Com isso, o lar passou a ser um lugar exclusivo do relacionamento familiar, o que não existia antes – a separação entre a vida profissional, a privada e mundana ou social. O homem e a mulher passaram a ter papéis distintos. O homem passou a ser o provedor material da casa e também a autoridade máxima de sua família. A mulher ficou responsável pela organização da casa e educação dos filhos, tornando-se totalmente dependente do marido. Isso pode ser constatado no comentário de Reis (1989, p. 110):

A mulher burguesa ficou responsável pela vida doméstica, pela organização da casa e da educação dos filhos. Considerada menos capaz e mais emotiva que o homem, tornou-se totalmente dependente do marido. Além de depender dele materialmente, sua identidade pessoal seria determinada pela posição que ele ocupasse no mundo extrafamiliar.

Outra coisa que passou a ser valorizada foi o aleitamento materno, bem como o aconchego do colo da mãe, porque antes os bebês eram levados para as amas de leite para serem amamentados. Vale ressaltar que tudo isso ocorreu concomitantemente com as descobertas da Medicina em relação à assepsia e à higienização. Poster (1979, p. 193) destaca que:

O segredo da estrutura da família burguesa foi que, sem intenção consciente de parte dos pais, jogou com os sentimentos intensos de amor e ódio que a criança experimentava por seu corpo e por seus pais, de tal modo que as regras parentais foram internalizadas e cimentadas no inconsciente, com base em ambos os sentimentos de amor e ódio, cada um trabalhando para sustentar e reforçar o outro. O amor (como ideal de ego) e o ódio (como superego) atuaram ambos para promover atitudes de respeitabilidade burguesa. Assim, a família gerou o burguês 'autônomo', um cidadão moderno que não necessitava de sanções ou apoios externos, mas estava automotivado para enfrentar o mundo competitivo, tomar decisões independentes e bater-se pela aquisição do capital.

A partir daí, percebe-se que mudou a visão da família enquanto proporcionadora do desenvolvimento da identidade do ser humano, pois é nela que se desenvolve o primeiro papel social: o de filho. Dessa forma, a família passou a ser uma importante referência na vida do ser humano. E, o que antes era compartilhado, muitas vezes com pessoas que nem mesmo eram parentes, ficou então a cargo da família. Vale ressaltar que toda essa obediência aos pais se dava pela aceitação de normas impostas antes mesmo do nascimento e que não podiam ser questionadas pelo filho, que, em troca, recebia o afeto dos pais.

Como relata Reis (1989, p. 115):

Se o papel social e a ideologia mantêm uma certa identidade, é na família, local privilegiado de reprodução ideológica, que se desenvolve o aprendizado do primeiro papel social: o de filho. Na família burguesa esse papel é desenvolvido a partir da submissão aos pais, definida pelo exercício do controle sobre o próprio corpo em troca do afeto parental. Essa estrutura relacional solidifica as bases para o pleno desenvolvimento do papel de filho, prescrito pela ideologia vigente.

Ao longo dos anos, a família foi tendo mudanças significativas na medida em que foi mudando seu relacionamento íntimo com a criança. Segundo Ariès (1981, p. 239), “A família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança.”

No Brasil, as mudanças na família fizeram com que ela se tornasse nuclear, acompanharam o desenvolvimento no setor industrial, que, segundo Teruya (2000, p. 10), ocorreram principalmente no Sudeste, com o objetivo de atender às novas necessidades da família moderna:

A condição urbano/rural foi a baliza para determinar o tipo familiar. E, também, que a união do processo de urbanização e da industrialização da sociedade no século XX, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado. Em decorrência desta união ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido.

O século XX, praticamente todo ele, ficou marcado pelas crises econômicas e políticas que invadiram as famílias e trouxeram muitas mudanças, desde a nuclearização destas à queda da autoridade tanto paterna quanto de todos que estavam ligados ao processo de socialização e educação das crianças, como também no âmbito político.

Nos últimos dois séculos, a família vem sofrendo profundas modificações. Essas transformações, de alguma forma, acabaram enfraquecendo o vínculo pais-filhos. Tornou-se notável a perda da autoridade paterna, materna e dos professores.

Gomes e Fonseca (2005, p. 34) comentam:

Cabe destacar a constante e crescente crise de autoridade que se fez presente durante todo o século XX, a qual, mesmo sendo essencialmente política,

ocasionou a queda de todas as autoridades tradicionais, espalhando-se inclusive para áreas pré-políticas como na educação e na criação de filhos e filhas. Assim, percebemos que a autoridade, tão necessária à socialização das crianças, que permeava as relações entre pais, mães e filhos/filhas, adultos e crianças, professoras, professores, e alunos/alunas, bem como outros modelos de autoridade, deixaram de ser plausíveis, sendo, em muitos casos, substituída pela violência.

Com a saída da mulher para trabalhar fora, as crianças terminaram ficando aos cuidados de babás – mães substitutas, as quais, muitas vezes, têm pouco conhecimento das necessidades emocionais da criança em cada fase, mais precisamente em referência à necessidade de limites. Vale ressaltar que colocar limite implica ter que lidar com a frustração da criança, tarefa difícil, dependendo do temperamento dela. Só quem tem uma relação de amor e autoridade, neste caso, os pais, em função ao sentimento que nutrem e pela “obrigatoriedade”, é que teoricamente estaria em mais condições de ofertar esse tipo de cuidado para a criança.

No Brasil, a história da instituição familiar teve no início, como referência, o modelo patriarcal, importado pela colonização e adaptado às condições sociais do país daquela época – latifundiário e escravagista (SAFFIOTI, 1979; XAVIER, 1998).

O Brasil também acompanhou essas mudanças, que podem ser observadas desde a reprodução da população – na diminuição da fecundidade e mortalidade, como no aumento da esperança de vida ao nascer, devido às melhores condições de saúde aos novos padrões de relacionamento entre os membros da família (NASCIMENTO, 2006). Para Nascimento (2006, p. 4) “A história da organização familiar brasileira vem, desde a época do Império, passando por momentos decisivos”.

Com todas essas transformações ocorridas na vida familiar — inclusive o trabalho feminino, que a princípio surgiu como necessidade, e depois, como valor, por meio dos primeiros movimentos feministas do final do século XIX e início do século XX —, com a queda do excesso de poder patriarcal, surge um novo modelo de família nuclear, em que o pai passa a mediar as relações entre o público e o privado, libertando a criança da relação dual com a sua mãe. Desse modo, passou-se a ver pais que dividem com as mães os cuidados e afetos com os filhos, deixando de lado a concepção de que essa função era apenas da mulher.

Amazonas e Braga (2006, p. 178-179) comentam:

O projeto moderno foi seriamente abalado pelo advento das grandes guerras mundiais, o que teve como consequência, entre outras coisas, a afirmação do trabalho feminino, a princípio, como necessidade, e, depois, como valor, através dos incipientes movimentos feministas do final do século XIX e início do XX. No entanto, ao decair o excesso de poder patriarcal, o que se observa é que, no modelo de família nuclear moderno, vai caber ao pai mediar as relações entre o público e o privado, livrando a criança do aprisionamento à mãe. Hoje, em consonância com as transformações sociais, culturais e econômicas, sobretudo no que diz respeito à entrada da mulher no mundo laboral, o que vemos são pais que dividem com elas os cuidados e afetos com os filhos, exercendo uma função que, até então, era denominada 'maternalizante'.

As mulheres tiveram muitas conquistas nas últimas décadas, desde o direito a trabalhar sem precisar do consentimento do marido ao direito de votar e se candidatar a um cargo político em qualquer categoria do município à esfera federal. Enfim, de um lado as conquistas foram muitas, mas do outro o custo ficou caro demais para a família, o que se tornou perceptível aos olhos não só de estudiosos acerca dela, como de qualquer pessoa que venha a fazer esse tipo de observação.

Narvaz e Koller (2006, p. 51) explanam:

Somente em 1962 é que o Código Civil Brasileiro sofreu alterações, permitindo que mulheres casadas pudessem trabalhar sem a autorização de seus maridos. A Constituição Federal de 1988 e o novo Código Civil Brasileiro, de 2002, que substituíram o Código Civil, ainda de 1916, consolidaram alguns direitos femininos já existentes na sociedade. No novo Código, a família não seria mais regida pelo pátrio poder, ou seja, pelo poder do pai, como na época feudal, mas pelo *pater familiae*, que pressupõem a igualdade de poder entre os membros do casal.

O Censo Demográfico Famílias e Domicílios (1980), realizado pelo então Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta como causa do aumento de divórcios o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a mudança da legislação brasileira em relação ao divórcio (BRASIL, 1983).

É interessante ressaltar que essas transformações vêm ocorrendo numa velocidade tal que talvez seja difícil processá-las na mesma época em que ocorrem, pois o que antes levava às vezes três, quatro décadas para promover modificações significativas, de uns tempos para cá mudou. Na década de 1960, com a saída da mulher para trabalhar, a revolução industrial e

o movimento feminista na luta pela igualdade entre os sexos acarretaram tantas consequências devidas a mudanças tão rápidas e talvez à dificuldade de digeri-las na mesma velocidade de tempo. Nesse sentido, aumentaram as separações e divórcios – consequência dessa dificuldade de lidar instantaneamente com tantas mudanças, perdas de costumes e tradições.

As mudanças ocorridas durante o final do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX tiveram consequências diretas nas famílias brasileiras da segunda metade do século XX. Nascimento (2006) comenta que essas consequências estavam ligadas principalmente à saída da mulher para o mercado de trabalho. Com isso, mudou-se a educação dos filhos, surgiu o controle da natalidade e o enfraquecimento dos laços de parentesco. Assim se deu o início ao processo ainda vivido atualmente, a crise do individualismo. Carreiro (2001) comenta que, na sociedade atual, os valores ligados à dignidade, à individualidade e à efetivação dos desejos próprios é que são enfatizados.

A busca pela individualidade, às vezes até exaustiva, influenciou diretamente as mudanças nos padrões da família nuclear. Desde a arquitetura das casas, nas quais os filhos dividiam o mesmo quarto/banheiro, de umas décadas para cá, cada qual passou a ter o seu quarto com banheiro, a suíte. O que antes favorecia o aprendizado da vivência em grupo, tais como a espera, o negociar, entre outros, deixou de fazer parte da arquitetura das casas de famílias. Assim como a televisão, o aparelho de som e, em muitas famílias, o carro e o computador, passaram a ser individualizados.

Esse novo modelo de família – individualista - pode contribuir algumas vezes com a divisão familiar, cujos membros dividem o mesmo espaço físico, mas quase não se interagem. Aratagy (2007) nomeia isso de culto ao individualismo, em que cada um passa a ter o compromisso com o seu próprio prazer, que tem de ser imediato e sem custo. Dessa maneira, a autora acredita que a frustração passou a ser vista não mais como parte da bagagem humana, mas como um desvio de rota.

No modelo atual de família, encontram-se casais divorciados que vieram de outros casamentos e trouxeram consigo seus filhos, e muitas vezes acabam tendo um filho desse novo casamento, compondo as chamadas famílias reconstruídas. Há também os casais homossexuais tendo relações estáveis e podendo adotar filhos. Há o caso de pais solteiros que vivem cada um em sua casa, nomeado como produções independentes. Há ainda as famílias formadas por um casal e animal (s) de estimação.

Explica Rodembusch (2008), que em consequência das mudanças sociais, surgiram várias formas alternativas de modelos familiares: casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais homossexuais estabelecendo relações estáveis e adotando filhos; casais com filhos de outros relacionamentos, formando famílias reconstituídas; casais vivendo em casas separadas com filhos de outro relacionamento anterior; as chamadas ‘produções independentes’, que seriam as condições propiciadas pelos processos de fertilização assistida e, mais recentemente, as duplas de mães solteiras ou já separadas compartilhando a criação de seus filhos.

Nesse novo modelo de família, também é comum encontrarem-se casais que dividem tanto o sustento da casa, como o cuidado dela e dos filhos. Já não é só a mulher a responsável pela organização da casa e educação dos filhos. O homem passou a ter uma participação mais ativa dentro do lar, nas tarefas domésticas, assim como a mulher foi trabalhar fora e dividir as despesas financeiras com o marido, diferentemente do que ocorria nas décadas passadas, quando o homem era o principal sustentador e, em algumas famílias, o único mantenedor familiar.

Nos casamentos “modernos”, as divisões entre os espaços masculino e feminino foram dissolvidas, e há uma esperança de que tanto o homem quanto a mulher dividam o sustento da família e os cuidados com a casa e com os filhos (ARATANGY, 2007).

É interessante ressaltar que assim como o laço não garante a qualidade da relação, a relação de qualidade pode existir, até mesmo onde não há laços consanguíneos. Dessa forma, pode-se encontrar padrastos funcionando como pais, e madrastas, como segunda mãe.

Benghozi e Féres-Carneiro (2001, p. 116-117) expressam:

A nova fratria se co-constrói, no nível psíquico, com um neo-continente secundário de fratria. [...] A existência de um laço fraterno entre as pessoas não pressupõe a qualidade da relação existente entre irmãos e irmãs. [...] As relações fraternas são as que se constroem de indivíduo a indivíduo, entre os membros de uma mesma entidade grupal, a fratria.

Um dos aspectos considerados por terapeutas de família como sendo um dos mais complexos do status dos membros da família é a pessoa poder ou não escolher sua qualidade de membro e de responsabilidade numa família. O que muitos terapeutas acreditam estar acontecendo atualmente é o fato de as pessoas agirem como se tivessem escolha nessa

questão, quando, de fato, segundo especialistas em família, como Carter e McGoldrick (1995), existe muito pouco. Para esses autores, não são os filhos que escolhem nascer dentro desta ou daquela família, como também os pais não podem optar por ter ou não responsabilidade na educação do filho depois que ele nasce, ainda que esses pais negligenciem essas responsabilidades.

O Brasil é um país de muitas culturas, de multiplicidade de etnias. Para melhor compreensão da análise e discussão deste trabalho, optou-se por descrever um pouco a respeito da família cuiabana.

A família cuiabana possui uma história marcada por perdas, desvalorização da própria cultura e inclusive de seus bens materiais, devido ao fim do império de ouro e das mudanças ocorridas ao longo dos séculos. Costumam ser um povo hospitaleiro, mas, em certo sentido, ingênuo para lidar com as pessoas dos grandes centros que para lá se deslocaram e se fixaram.

Como comenta Póvoas (1987, p. 9):

A história de Cuiabá, nos seus dois primeiros séculos, é uma prova irrefutável da resistência e da tenacidade de sua gente [...]. Após a exaustão quase completa das famosas “lavras do sutil” [...] e que enriqueceu tanta gente e o Reino de Portugal, continuou resistindo à distância em que se encontrava dos grandes centros do país, num milagre de sobrevivência, apenas como ponto obrigatório de passagem para a sede do governo da Capitania, que era Vila Bela.

Outro fator que contribuiu para as mudanças, inclusive na cultura cuiabana, foi a saída dos jovens, em sua maioria de famílias abastadas, por volta da década de 1960, para outras capitais para estudarem, quando muitos se sentiram muitas vezes ridicularizados pela maneira de falar. Isso os fez mudar o seu linguajar e, ao voltarem para Cuiabá, influenciar os cuiabanos para falar diferente.

Arruda (1998, p. 46-47) explana:

[...] após a melhoria do sistema de transportes, os Cuiabanos passaram a conhecer outras cidades com mais frequência, como turistas, estudantes, etc. Em outros centros sentiram-se “diferentes” e, como tais, sujeitos ao ridículo, por causa, sobretudo do seu linguajar. Resultado: como defesa e também por modismo começaram a abandonar o sotaque caipira e a substituí-lo por outro mais civilizado. De volta à terra, foram eles transmitindo esse novo padrão à família e às pessoas de seu nível cultural. Com o tempo, o cuiabanês ficou limitado à zona rural e aos elementos citadinos menos cultos.

Segundo esse mesmo autor, Cuiabá herdou sua maneira original de falar dos paulistanos e portugueses que para lá foram em busca do ouro, fixando ali suas moradias. Somente com a abertura da navegação fluvial em 1958, por meio do Rio Prata, é que o povo de Cuiabá passou a ter um pouco mais de facilidade de acesso aos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. A distância dos grandes centros e a necessidade de trabalho fez com que os homens tivessem que trabalhar fora da cidade.

A mãe é a responsável pelas decisões e permissões no cuidado da casa e de tudo que está relacionado à família. São famílias que se importam muito com o bem-estar de seus membros. O relacionamento deles, do ponto de vista afetivo, parece ser intenso, chegando, em alguns casos, a lembrar uma simbiose. Costumam expressar o amor que sentem mais por meio de atitudes, do tipo fazendo comidas, dando presentes do que com abraços, beijos e palavras afetuosas, como “Eu te amo”.

Costumam ser um povo muito hospitaleiro. Talvez essa seja uma característica ingênua do povo cuiabano, no sentido de, ao acolherem, darem permissão quase sem limites para a pessoa que está chegando, às vezes antes mesmo de conhecê-la. Póvoas (1987) considera essencial essa característica cuiabana. Para esse autor, a característica mais marcante do povo cuiabano é a hospitalidade. Como apontado anteriormente, isto ajudará os leitores desta dissertação a compreender melhor a parte de resultados e discussão.

Em síntese, a literatura consultada evidencia as modificações na estrutura da família contemporânea, bem como as transformações dos papéis familiares na sociedade e a constituição da família contemporânea brasileira com intuito de uma melhor compreensão da concepção de família na atualidade. Sendo assim, vale ressaltar que família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas um produto de diferentes formas históricas de organização entre os humanos.

3 A CRIANÇA: DO CASAMENTO À SEPARAÇÃO DOS PAIS

Neste capítulo, a pesquisadora buscou abordar de forma resumida o casamento, desde sua invenção até os dias atuais, junto com as modificações que ele vêm sofrendo ao longo dos anos, inclusive, muitas vezes, terminando em separação. Para abordar a separação dos pais, foi escolhido falar primeiro do casamento.

O casamento é algo que foi criado pela sociedade e vem sofrendo modificações ao longo dos tempos, desde a preservação do patrimônio e proteção da mulher, o movimento feminista, à liberação do divórcio, à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), ao direito de igualdade na legislação do século XXI.

Como relata Aratangy (2007, p. 18):

O casamento foi inventado para consolidar alianças, garantir o direito de herança, proteger as mulheres: é um contrato que estabelece normas para o comportamento sexual, organiza interesses econômicos e delimita esferas de poder. [...]. Sua função, enquanto instituição passou por muitas transformações ao longo da História: de preservação do patrimônio à união dos espíritos (cantada pelos trovadores medievais do século XII) até chegar à legislação aparentemente liberal do início do século XXI.

Devido ao fato de se viver em uma cultura que valoriza muito a concepção romântica do amor, os jovens acabam construindo seus sonhos em relação ao casamento em torno de algo muito idealizado, como se encontram nos contos de fadas: o príncipe encontra a sua princesa e assim vivem felizes para sempre. No entanto, a metamorfose do sapo em príncipe parece estar sendo ignorada.

Jablonski (2001, p. 85) enfatiza:

Vivemos em uma cultura que valoriza extremamente a importância do amor e da paixão, numa visão “Hollywoodiana” da afetividade. O que os adolescentes aprendem através de maciça doutrinação – via cinema, TV, literatura, letras de música, teatro, jornais e até anúncios publicitários – é que o amor funciona como uma espécie de crachá, que permite aos seus afortunados portadores entrarem em graciosos aposentos com vista permanente para um paraíso nupcial terreno. Faz parte deste “pacote cultural” a ideia de que um dia eles encontrarão um príncipe encantado (ou uma princesa encantadora), com todas as qualidades possíveis e imagináveis, uma alma gêmea, com a qual compartilharão dias dourados pelo resto de suas vidas, em uma espécie de viagem a bordo de um Titanic à prova de icebergs e de monotonia também. Enquanto na Antiguidade era preciso beijar o sapo para transformá-lo em príncipe, as gerações de agora aprenderam a valorizar apenas o príncipe já *prêt-à-porter*.

O curioso é que, mesmo com todas as dificuldades que o casamento vem encontrando, ainda hoje, os jovens sonham com ele. Claro que, diferentemente de seus pais e avós, o casamento tem ocorrido mais tarde em suas vidas, porque os jovens da atualidade parecem construir os seus desejos baseados primeiro em sua realização profissional e pessoal. Com isso, eles têm levado mais tempo estudando e se preparando para a atividade profissional. Ao se formarem, necessitam de uma pós-graduação para conseguirem um melhor emprego, e só depois de um bom emprego é que eles têm buscado se casar. Calligaris (2001) afirma que, na última década, os casamentos prevaleceram.

Gomes e Paiva (2003) comentam que, na prática clínica contemporânea, as queixas que aparecem com mais frequência, seja no atendimento individual seja de casal, costumam estar associadas a problemas de relacionamento. Existe uma discrepância entre a idealização e a realidade da vida a dois. E que podem estar ligados:

[...] a impossibilidade de um perceber o outro do jeito que ele é, como alguém diferente, de maneira que se gere um relacionamento livre de tantas projeções e fantasias, promovendo uma vivência de respeito à coexistência dessas subjetividades (GOMES; PAIVA. 2003, p. 6).

O casamento dos pais costuma ser referência de relacionamento íntimo para os filhos, que, durante a infância e adolescência, vão observando e introjetando para si o modelo de relacionamento dos pais enquanto marido e mulher e pode se tornar a base da referência de casamento para eles. Essa referência que os pais se tornam, às vezes, pode chegar a ser determinante na vida da pessoa, levando-a, na fase adulta, inclusive à repetição do modelo de relacionamento introjetado e que, apesar de lutar contra essa repetição, ela acaba reproduzindo-a.

Deleuze (2000) comenta que, para além da repetição de objetos e situações recalcadas que não encontram lugar no universo simbólico dos sujeitos, há uma “paixão da repetição” que não pode ser eliminada por meio da atualização dos objetos que estariam a ela submetidos.

A repetição de circunstâncias que foram presenciadas e recalcadas, sobre as quais não se tenha feito uma análise, pode no futuro levar a pessoa a um comportamento de repetição. É como se o passado de repente invadisse a vida atual da pessoa sem que ela se apercebesse disso. Almeida e Atallah (2008) comentam que a repetição faz funcionar o simbólico. Ela dá

ao desejo seu mote original. Ela surge da impossibilidade de a pessoa significar o desejo, por isso, o desejo sempre retorna, mas de maneira impossível de ser decodificado.

Para Freud (1914), a repetição é determinada pela ocorrência da resistência; ela é uma força atual, contrapondo-se à recordação, que marca um acontecimento bem definido do passado. A elaboração seria uma forma de lidar com a resistência, proveniente da repetição não simbolizada. Ao repetir por atuação, a pessoa rememora eventos e reproduz situações não mediadas pela linguagem. Ao ser capaz de simbolizar um evento ocorrido por atuação, a pessoa se torna consciente, ou racionaliza seu comportamento, tornando-se capaz de elaborar a lembrança, ou a repetição, de forma simbólica, mais propícia a ser articulada com outras ideias inconscientes.

É possível que a própria busca do parceiro, inconscientemente, passe pela escolha de alguém que, de alguma forma, venha a contribuir para a repetição desse padrão de relacionamento introjetado. De acordo com a teoria psicanalítica, as relações amorosas passam pela estruturação psíquica do complexo de Édipo. Ou seja, as formas de amor que são desenvolvidas na fase adulta são organizadas, baseadas e fundamentadas no complexo de Édipo. Essa fase do desenvolvimento infantil é considerada de suma importância para o entendimento dos casamentos e das estruturas familiares. Tanto na Psicanálise como na Psicologia, a família de origem é percebida como a matriz que influencia o desenvolvimento da personalidade das pessoas e que poderá no futuro delinear as suas escolhas amorosas.

Pais (2008, p. 192) explica:

Quando ocorre alguma dificuldade de identificação com o genitor do mesmo sexo e de atração sexual pelo genitor do sexo oposto, durante a fase do complexo de Édipo, mais tarde, na puberdade, pode ocorrer uma fixação nesta primeira fase de desenvolvimento da sexualidade, dificultando o deslocamento da libido, inicialmente dirigida ao progenitor do sexo oposto, para seus substitutos. Se a menina tem medo, sente desprezo e desconfiança em relação ao seu pai, esses sentimentos, construídos durante a fase que normalmente deveria sentir-se atraída por ele, poderão ser transportados, para o momento da sua escolha amorosa.

Poderia ser mais saudável para toda a família se ela começasse depois do amadurecimento individual dos cônjuges, porém, algumas das vezes, isso tem se tornado difícil. Winnicott (1983, p. 33) comentou a respeito da importância que tem para o ser humano adquirir a capacidade de estar só: “[...] a capacidade de ficar só é quase sinônimo de

maturidade emocional.” Portanto, casar-se e constituir família é uma decisão que deveria envolver essa capacidade, não só dos cônjuges como também de seus próprios pais, pois é necessário desligar-se emocionalmente da família de origem para constituir-se como ser independente.

Cicco, Paiva e Gomes (2005, p. 56), comentando sobre a imaturidade do casal parental, destacam que: “[...] atualmente, é possível perceber que as pessoas se sentem muito sozinhas e esse estágio do desenvolvimento emocional não foi adquirido” – o estágio de maturidade para concepção de um filho.

Provavelmente, porque as pessoas, por não desenvolverem a capacidade de ficar só, por um determinado período de tempo e sentirem prazer nisso, podem acabar buscando na relação amorosa o prazer que poderiam desfrutar por um determinado período de tempo, em sua própria companhia. Além disso, vivemos numa sociedade que alimenta padrões altamente idealizados de relacionamento conjugal, o que, sem certa maturidade, poderia levar o casal a não questionar esse padrão e assim ter mais dificuldades no convívio comum. Conforme chama a atenção Jablonski (2001, p. 87):

Presenciamos a concomitante estimulação para um gozo maior da sexualidade (onipresente na mídia e nas artes) tendo de conviver com os ditames monogâmicos de uma relação a dois; a exaltação de um estilo de vida altamente individualista e narcísico-indulgente, que preza a realização individual acima de tudo, a qual é incompatível com o espírito de familismo que deve acompanhar a vida de um casal, mormente aquele com filhos; e o apelo ao novo e à descartabilidade, batendo de frente com a noção de comprometimento inerente à opção de quem quer se casar [...] que têm levado os casais de hoje a um estado de confusão de valores e de atitudes, que culmina em grande número de separações e de divórcios.

Para Siegel (2005), a criança observa, imita e tira suas conclusões em relação ao comportamento dos pais. E esse relacionamento observado e imitado acaba se tornando para a criança uma espécie de “esquema”, o qual no futuro ela usará para os seus relacionamentos íntimos. Essa autora defende que os pais capazes de demonstrar respeito e afeto mútuos e de resolver suas divergências de modo construtivo, acabam passando para os filhos que o casamento é um lugar em que as pessoas cuidam umas das outras, apreciam conviver com elas e sabem resolver seus problemas. Com isso, a criança cresce mais segura, com autoestima saudável e será capaz no futuro de dedicar-se à sua própria vida sem carregar o fardo dos pais.

Enquanto o contrário disso, segundo Siegel (2005), em um casamento no qual a discórdia é muito grande, bem como a falta de respeito e afeto mútuos, a criança geralmente costuma desenvolver a ideia de que o casamento não é seguro nem bom e a duvidar de que se possa realmente confiar nos outros, além de desenvolver uma baixa autoestima, depressão e muita raiva. Para a autora, essas crianças se tornam muito sensíveis a julgamento e culpa; qualquer coisa é capaz de despertar-lhes o sentimento de culpa, o que costuma acarretar uma série de problemas de relacionamentos afetivos na vida de um adulto.

O ser humano é um ser relacional, ou seja, ele está estruturado para ter relacionamento com as pessoas, o que começa com os seus pais, parentes, amigos e, na vida adulta, com alguém muito especial para ele, o qual se tornará o seu cônjuge.

Smalley (2007) defende a teoria de que o ser humano necessita de relacionamentos. Para o autor, as pessoas precisam se relacionar até mesmo quando os relacionamentos são considerados pesados, difíceis, ou frustrantes. Ele acredita que o ser humano anseia por sentir-se pertencente a alguém, querido e estimado.

Para Winnicott (1997), o casamento é sempre visto por meio do contexto familiar. Assim, a necessidade básica do casal se centraria em “ter filhos”. Os pais necessitam dos filhos para desenvolver seu relacionamento. Desse ponto de vista, o autor chega a desconsiderar de certa forma as questões da conjugalidade¹ quando afirma: “Os casais sem filhos tentam de todos os modos constituir uma família” (p. 64).

Com essa ótica, o casamento acaba sendo um lugar de desenvolvimento no sentido de condições necessárias para os filhos se desenvolverem de maneira saudável e do casal também, uma vez que esse autor associa família ao casamento. Para Winnicott (1997) a família e o casamento podem ser um espaço de contínuo crescimento para todos os envolvidos. Porém o casal não poderia focar apenas na educação dos filhos, senão o casamento e a família poderiam ficar enfermos.

Nos dias atuais, é comum encontrar pessoas já adultas, mas com uma visão muito idealizada em relação ao relacionamento conjugal, esquecendo-se de que todo processo de

¹ Segundo Dihel (2002, p. 138), “O termo aparece como um neologismo da palavra conjugar, que dá a ideia de união, de ligação entre duas pessoas, sem necessariamente, a existência de um contrato formal entre elas. O surgimento de neologismos como conjugalidade se deve, em parte, às amplas e profundas transformações sociais e culturais pelas quais vem passando a família na atualidade.”

amadurecimento traz consigo crises inerentes às mudanças oriundas desse processo. Basta olhar para o início do casamento, quando duas pessoas diferentes se unem e precisam aprender a lidar com as suas individualidades sem se esquecer de respeitar e de considerar as questões ligadas à conjugalidade.

Para Féres-Carneiro (1998), toda idealização e dificuldade de ser casal estão no fato de o casal conter, simultaneamente, duas individualidades e uma conjugalidade. O casal, por ser formado por duas pessoas, possui dois desejos, duas introduções no mundo, duas percepções de mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais e, no casamento, terá que se tornar um, como por exemplo, um desejo, uma história de vida conjugal e outros. Terão de aprender como ser um casal, sem deixar de ser dois, mantendo a identidade individual.

No casamento, pode ser necessário encontrar um no outro o apoio, a compreensão e a segurança de que cada um necessita, sem perder a sua própria identidade. Colman (1994 apud GOMES; PAIVA, 2003) afirma que no casamento deve existir uma contenção igual à que a mãe proporciona para o bebê, além da confiança ao surgir os problemas, ou seja, os problemas não irão destruir a relação do casal, e eles serão um continente para o outro mesmo nos momentos de conflito.

Parrott e Parrott (2000) comentam que os casais mais felizes que eles conheceram ao longo de seus trabalhos como terapeutas de casais, geralmente, quase não tinham obstáculos de comunicação. Segundo Parrott e Parrott (2000, p. 92), “[...] eles conversavam livremente sobre assuntos difíceis [...]” e era possível perceber que um compreendia o outro, não escondiam quase nada um do outro e acreditavam na capacidade que tinham de resolver conflitos. Para esses autores “A boa comunicação depende, primeiramente, de como você é – e só depois daquilo que faz” (p. 92).

A cumplicidade faz parte de um casamento saudável. Para ter cumplicidade é necessário que o casal tenha intimidade. E a intimidade requer tempo juntos, quando cada um poderá expressar por meio da fala, olhar e atitudes significativas, o amor, respeito e aceitação que um sente pelo outro. Segundo Worthington (2000, p. 265), “A intimidade é o calor do companheirismo e da unidade que vem de compartilhar experiências semelhantes. A intimidade normalmente leva muito tempo para ser construída e muito tempo para ser lapidada.”

Winnicott (1997) defende a ideia de que o casamento e a família costumam ser um espaço de contínuo crescimento para todos os envolvidos. No entanto ele adverte que, quando isso não ocorre, o casamento pode ficar exposto a distúrbios que podem gerar a desintegração da família. Um dos sinais da maturidade parental se expressaria na capacidade de sacrifício e luta dos pais pela manutenção do casamento:

Os pais têm maturidade suficiente para serem capazes de se sacrificar, como seus pais antes deles, em favor do estabelecimento e da manutenção da unidade familiar, de modo que as crianças não apenas nasçam no seio de uma família, mas também nesse meio possam crescer e adolecer e, por fim, em relação à família, possam conquistar uma vida autônoma, vindo talvez a constituir outro núcleo do mesmo gênero. Mas isso nem sempre é possível [...] (WINNICOTT, 1997, p. 66).

A maioria dos autores consultados é unânime em relação ao fato de que o casamento dos pais sempre será um ponto de referência para seus filhos, ou seja, a escolha amorosa é determinada pelos acordos e pactos inconscientes que são estabelecidos no início da relação, podendo estar relacionado a um conflito similar não resolvido (FÉRES-CARNEIRO, 1996). Ou ainda, como assinala Maldonado (2000), escolhemos o cônjuge que podemos e não o que queremos, ou que gostaríamos de poder. O amor nem sempre é o principal elemento na gênese do vínculo conjugal.

3.1 SEPARAÇÃO

A separação, para Carter e McGoldrick (1995), Ramires (2004) e outros, apresenta-se como o maior rompimento no ciclo da vida familiar e acaba ocasionando um aumento de tensão e de afazeres a todos os seus membros, como, por exemplo, quem muda de casa, o que pode levar, com quem os filhos irão ficar. É muito comum acontecer de maneira não planejada, quando então pega a todos desprevenidos. Para Peck e Manocherian (1995 apud ARAÚJO; DIAS, 2002) é raro o casal e os filhos estarem preparados para o impacto da separação.

A maioria dos casais quando decide se separar já está muito magoado um com o outro, segundo Garcia e Tassara (2003). Sendo assim, na maioria das vezes, o diálogo torna-se quase que restrito à educação dos filhos, e ainda há outros que nem se comunicam mais, além dos pais que se divorciam também dos filhos. A criança se vê muitas vezes diante do pai ou da

mãe em sofrimento e ainda procura confortá-los num momento em que ela, criança, precisa de informações e de apoio para elaborar tantas perdas e mudanças oriundas da separação.

Ramires (2004, p. 185) explana:

As crianças têm que lidar com as alterações na rotina de vida, a saída de casa de um dos pais, a família extensa, a situação econômica, as brigas, as mudanças no seu relacionamento social e seu comportamento no lar e na escola. Além disso, a separação conjugal conduz à reorganização da vida afetiva, social, profissional e sexual dos pais, modificando, às vezes dramaticamente, a rede de convivência e apoio das crianças e introduzindo, ao longo do tempo, a necessidade de relacionamento (e rompimento) com os novos parceiros dos pais e seus possíveis filhos e familiares.

Mesmo com tanta divulgação que há, por meio de programas de televisão, livros, artigos em jornais e revistas, informando sobre as consequências e até orientando os casais a buscarem ajuda antes de tomarem a decisão de se separar, é possível perceber a busca incessante por soluções rápidas. Dessa forma, muitos casamentos estão sendo desfeitos sem ao menos buscarem ajuda. Com isso, as taxas de separação e divórcio vêm, cada vez mais, aumentando nas diversas camadas sociais.

Segundo Waldemar (1996 apud ARAÚJO; DIAS, 2002, p. 91-92),

O número de divórcio nos países ocidentais atinge cerca de 30 a 50% dos casamentos. No que diz respeito ao Brasil, foram encerrados, em primeira instância, 36.251 processos de divórcio, no ano de 1985, e 99.887, no ano de 1995, o que demonstra que houve um aumento de 175,5% neste período. Quanto ao número de processos de separação judicial, foram encerrados 76.296, em 1985, e 88.118, em 1995, denotando um aumento de 15,5%.

Numa pesquisa mais recente divulgada pelo IBGE, informando que de 2005 para 2006, o número de divórcios no Brasil cresceu 7,7%:

Em 2006, o número de separações judiciais concedidas foi 1,4% maior do que em 2005, somando um total de 101.820. Neste período, a análise por regiões mostra distribuição diferenciada com a mesma tendência de crescimento: Norte (14%), o Nordeste (5,1%), o Sul (2,6%) e o Centro-Oeste (9,9%). Somente no Sudeste houve decréscimo de 1,3%. Os divórcios concedidos tiveram acréscimo de 7,7% em relação ao ano anterior, passando de 150.714 para 162.244 em todo o país. O comportamento dos divórcios mostrou tendência de crescimento em todas as regiões, sendo de 16,6% para o Norte, 5,3% para o Nordeste, 6,5% para o Sudeste, 10,4% para o Sul e 9,3%, no Centro-Oeste (BRASIL, 2007).

Essa pesquisa mostra o quanto o divórcio vem aumentando em nosso país. Embora, às vezes, possa parecer a melhor solução para um casal que desistiu de continuar tentando superar suas dificuldades, a separação acaba sendo vivenciada como uma experiência muito dolorosa e estressante, até por provocar no casal sentimentos de fracasso, impotência e perda. As mudanças oriundas da separação afetam a todos os membros da família, não só o casal, mas os filhos e, inclusive, os avós. Por isso, a participação de um dos familiares, como tios ou avós, por se encontrarem numa fase da vida em que já estão mais estáveis não só do ponto de vista econômico como também emocional, na vida da criança nesses momentos, pode ajudar a aliviar a tensão que esse processo suscita. Para Jaskowski e Dellasega (1993 apud ARAÚJO; DIAS, 2002) depois do casal e dos filhos, os avós são os parentes que mais sentem as consequências desfavoráveis da separação.

Embora os avós também sejam influenciados pela separação de um (a) filho (a), é mais provável que eles estejam numa fase estável nas suas vidas, sendo-lhes possível prestar assistência emocional ou expressiva e instrumental a seus filhos, ex-genros/noras e netos, desempenhando, então, um papel mais atuante (GLADSTONE, 1988).

No entanto, Araújo e Dias (2002) advertem que a extensão dessa assistência dependerá de variáveis como: distância geográfica, custódia parental, vinculação materna ou paterna, idade, estado civil e situação empregatícia dos avós.

Toda separação costuma ser dolorosa e difícil, ainda mais quando esse processo envolve divisões de dias em que o pai ou a mãe poderá ficar com os filhos, de partilha dos bens materiais; só não dividem a dor porque essa é individual, cada um dos membros sentirá a sua própria dor da maneira como puder experimentá-la. As mudanças que ocorrem nesse processo, geralmente vêm acompanhadas de muitos sentimentos, como a impotência, a tristeza e o medo. Para a criança, dependendo de sua idade, esse processo pode se tornar mais difícil, principalmente quando ela não compreende o que está acontecendo.

Souza (2000, p. 208) comenta:

Essas mudanças são acompanhadas por um conjunto complexo de sentimentos, o qual inclui muitas vezes o medo do abandono. São também caracterizadas pela imprevisibilidade e pela falta de informação e comunicação a seu respeito. Com frequência, uma série de modificações começa a ocorrer na vida da criança, sem que ela tenha uma noção clara do que está acontecendo e do que está por acontecer.

São muitas mudanças para serem elaboradas. Costuma ser corriqueira a falta de diálogo dos pais com os filhos nesse momento de separação. E assim, muitas vezes, a criança passa por todas essas modificações sem um preparo prévio, sem as informações devidas.

Alguns autores, como Ducibella (1995), Fry (1983), Souza (2000), Wadsby e Svedin (1994) apontam a falta de comunicação entre os pais e a criança a respeito da separação, que acaba levando muitas crianças a enfrentarem esse processo sem informações e até sem referências na mais absoluta solidão.

Porém, se o processo de separação tiver um caráter maduro, depois de tentativas com insucesso e principalmente quando se torna perceptível o não querer de um dos cônjuges, o planejamento por parte do casal, pode possibilitar a elaboração dessa perda, apesar da dor. Pode ser provável que consigam fazê-lo com menos trauma para os filhos. Como explica Hetherington e Stanley-Hagan (1999 apud SOUZA, 2000, p. 203):

Os filhos de divorciados poderão ser competentes e bem ajustados quando o divórcio puder conter a escalada de conflitos entre os cônjuges e a mãe ou pai que estiver com a guarda das crianças for capaz de proporcionar um ambiente de cuidado positivo, a despeito do estresse inerente ao seu papel singular mais sobrecarregado.

Vale ressaltar que, para a criança, o seu desenvolvimento emocional saudável está diretamente relacionado à maneira como os seus pais vivem, ou seja, como se relacionam enquanto marido e mulher. Por isso, os pais devem procurar cuidar do bem-estar do casal, melhorando a qualidade do relacionamento. Para Souza (2000, p. 203), “A saúde mental da criança está associada ao bem-estar dos pais e à qualidade do relacionamento entre ambos.”

No processo de separação, outro fato que muda é a identidade conjugal, que foi construída no casamento e que, com a separação, vai aos poucos se desfazendo, levando os cônjuges a uma redefinição de suas identidades individuais. Desconstruir a conjugalidade após a separação e, simultaneamente, reconstruir a identidade individual, costuma ser um processo lento e vivenciado com dificuldade pelos ex-cônjuges segundo Féres-Carneiro (2001).

Caruso (1989) descreve a separação como sendo uma das mais dolorosas experiências pelas quais pode passar o ser humano. Para o autor, é um processo complexo, vivido em diferentes etapas e em diferentes níveis; é lidar com a presença da morte em vida: “[...] o

outro não morre em vida, mas morre dentro de mim [...] e eu também morro na consciência do outro” (p. 20).

Para a criança também costuma ser doloroso esse processo de separação e, às vezes, muito difícil de elaboração, podendo chegar a desencadear depressão ainda na infância ou na vida adulta de acordo com Zavaschi et al. (2002). Entre os fatores associados à depressão na vida adulta “[...] encontram-se a exposição a estressores na infância, como a morte dos pais ou substitutos, as privações materna ou paterna por abandono, separações ou divórcio, entre outros.” (ZAVASCHI et al., 2002, p. 190).

Talvez por isso, seja comum encontrarmos filhos de pais separados ainda crianças tentando juntar a família de volta, e alguns já adultos, às vezes, até em suas profissões, trabalhando para manter outras famílias juntas e unidas.

4 O AMOR, O AFETO E AS RELAÇÕES AFETIVAS

O amor que será abordado neste capítulo será o amor do cuidado; da atitude; o amor capaz de vínculo e apego; que pode ser experimentado pelo ser humano na posição de filho/pai/mãe/cônjuge e em suas relações.

Por tudo que se vive, escuta e lê, o amor encerra a ideia de cuidado. É o agir, é o se importar com o outro. Amar também pode significar cuidar de si mesmo, importar-se com a própria saúde física, emocional. Pode ser a busca do crescimento, de ser uma pessoa mais altruísta ou centrada.

Para Freud (1915, p. 160), o amor decorre de algo puramente narcisista: “O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer autoeroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão.” Ele ainda descreve que o contrário do amor não é o ódio, pois os dois se encontram do mesmo lado, mas sim o desinteresse, ou seja, a indiferença. De acordo com Freud (1915, p. 161), o amor passaria por várias etapas lado a lado do ódio, pois, sempre que uma relação de amor fosse rompida, o ódio surgiria como resposta dando a impressão muitas vezes de ter sido transformado – o amor em ódio e “[...] só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio.”

Viveiros de Castro e Araújo (1977 apud REZENDE, 2002) mostram como o surgimento da noção de amor está associado à elaboração de um conceito moderno de indivíduo, bem como à construção de um Estado que passa a reger esferas públicas e privadas distintas.

Capelatto, I. (2007, p. 13) considera o amor como

[...] uma avalanche de gritos, queixas, pedidos, xingamentos e, após essa vivência vulcânica a possibilidade de pedir desculpas, aceitar desculpas, beijar, abraçar, chorar, se necessário, e rir da experiência maior da vida que é saber amar.

Para esse autor, o amor parece estar relacionado à capacidade de desculpar o outro, quando ofendido ou magoado, e também de aceitar a realidade da convivência humana, que, às vezes, pode emergir todos esses sentimentos e reações citadas pelo autor acima.

Ao definir o amor, Aratangy (2007) comenta que o amor faz parte da história da humanidade. O que há de novo nesse tema é a associação do amor ao casamento, pois “O amor sob a forma de solidariedade faz parte da diferenciação da espécie humana.” (ARATANGY, 2007, p. 57).

Para Winnicott (1997, p. 19-20), o significado do termo amor vai se alterando à medida que a criança cresce:

- (i) Amor significa existir, respirar, estar vivo, identificar-se a ser amado.
- (ii) Amor significa apetite. Aqui não há preocupação, apenas a necessidade de satisfação.
- (iii) Amor significa o contato afetivo com a mãe.
- (iv) Amor significa a integração (por parte da criança) do objeto da experiência instintiva com a mãe integral do contato afetivo; o dar passa a relacionar-se ao receber, etc.
- (v) Amor significa os próprios direitos à mãe, ser compulsivamente voraz, forçar a mãe a compensar as (inevitáveis) privações por que ela é responsável.
- (vi) Amar significa cuidar da mãe (ou do objeto substituto) como ela cuidou da criança – uma refiguração da atitude de responsabilidade adulta.

De acordo com Winnicott (1997), num primeiro momento, para a criança, o amor estaria relacionado ao fato de ela estar viva, pois isso denotaria que existiu alguém que a amou e a protegeu, possibilitando-a sentir-se amada. Nesse mesmo período do desenvolvimento infantil, o amor para o bebê ainda estaria ligado à questão de sobrevivência, ou seja, de ter suas necessidades básicas, como a fome, satisfeitas. Durante a infância, o amor da criança parece estar associado ao contato afetivo com a mãe, ao aconchego de seu colo, a integração com essa mãe que a faz sentir-se amada por meio de seus cuidados em seu aconchegante colo. Mas pode também significar a raiva expressa por meio da voracidade, quando essa mãe suficientemente boa demora um pouco para suprir as necessidades de seu bebê, fazendo-o experimentar momentaneamente a privação. E, à medida que cresce e se torna adulta, o amor para essa criança passaria a ter o significado de cuidar daquela que um dia cuidou dela – sua mãe, numa atitude que esse autor nomeia de “responsabilidade adulta”. Isso pode ser visto como um critério ético da gratidão, ou seja, cuidar da pessoa que um dia lhe dispensou cuidados. Conforme a teoria de Winnicott (1999), os fundamentos do relacionamento humano são estabelecidos na integração do bebê com a mãe ainda no período da amamentação. Esse encontro do bebê com o seio materno não representa apenas o início do seu processo de alimentação, mas também o início da sua relação objetal. De acordo com essa teoria, este é o ponto inicial do padrão que o bebê vai adotar no desenvolvimento de sua capacidade de relacionar-se com os objetos e com o meio à sua volta.

No entanto, Klein (1996) defende que o bebê responde com sentimentos de amor e gratidão ao amor e cuidados que recebe de sua mãe. Para essa autora, o amor do bebê ainda se

manifesta por meio do apego ao seio materno e convive lado a lado com os impulsos destrutivos que surgem quando o bebê passa momentaneamente por privações e só mais tarde irá transformar-se em amor pela mãe, enquanto objeto total. Vale ressaltar que esse amor a que a autora se refere é o amor como resposta ao cuidado, e isso é ético, pois o fenômeno humano se constrói muito mais a partir do outro do que de si mesmo.

Ainda sobre o amor da criança, na teoria psicanalítica freudiana, é possível observar o amor que o menino sente pela sua mãe e que, embora hostilize o pai nesse período, não deixa de amá-lo. O mesmo ocorre com a menina, só que de maneira invertida, ela ama o pai e hostiliza a mãe e, ao mesmo tempo, a ama. É que esse período é considerado como amor ao progenitor do sexo oposto e ódio em relação ao progenitor do mesmo sexo. Esses sentimentos são contraditórios porque a criança também ama o genitor que ela hostiliza. Para essa teoria, todas as relações amorosas passam pela estruturação psíquica do complexo de Édipo, por isso, a fase edípica é uma fase importante na vida das pessoas, quando elas experimentam um significativo crescimento psicológico, fundamental para o desenvolvimento de sua capacidade futura de amar e se relacionar.

Para Pincus e Dare (1981), o problema vivenciado no complexo de Édipo reside no conflito de querer manter, ao mesmo tempo, o amor, o carinho, o cuidado e a admiração do pai ou da mãe que ela pretende resistir. Para esses autores, é justamente no complexo de Édipo que a criança desenvolve sua capacidade de se relacionar com duas pessoas ao mesmo tempo, de outro modo, é a partir dessa fase que a criança começa a vislumbrar a possibilidade de amar várias pessoas ao mesmo tempo.

Cabe ressaltar que o amor dos filhos pelos pais sofre muitas mudanças. À medida que vão crescendo, a percepção pelos pais vai sendo modificada. No início, a criança vê seus pais como fonte de sua sobrevivência, poderia se dizer que é um amor de dependência. Com o seu desenvolvimento, a sua percepção de mundo e das pessoas a sua volta também muda e, na adolescência, os pais podem ser considerados pelo filho adolescente como castradores. Na vida adulta, o amor fica maduro e aí vem o sentimento de gratidão, com isso também muda a relação, que então fica mais amigável.

Portanto, a formação de vínculos e a capacidade de amar sofrem a influência de motivos e razões de ordem inconsciente, que começam a ser formadas nos primeiros meses de vida. A maneira como a pessoa passa pelas primeiras fases do desenvolvimento é que vai delinear os contornos da sua capacidade de amar e de se vincular com seus parceiros.

Dolto (1996) adverte que o desejo, a amãncia e o amor podem ser inconscientes. Para ela, em todo vínculo real, imaginário ou simbólico, existe um sujeito e um objeto, podendo variar, às vezes, existindo dois sujeitos, mas nunca dois objetos. Para existir desejo, amor e amãncia é necessário que haja uma pulsão na pessoa que a experimenta.

O amor dos cônjuges vem passando por várias mudanças. Segundo especialistas, tal como Aratangy (2007), a ideia do amor romântico se tornou um meio pelo qual as expectativas, principalmente das mulheres, que aprendem a sonhar desde meninas com príncipes e castelos, acabaram não sendo correspondidas. E, para Gray (1997, p. 236), “[...] quando as necessidades de amor e paixão de um homem não são satisfeitas, ele se concentra em sexo, enquanto a mulher é cativada pelo romance.”

De acordo com esses dois autores, a mulher parece se relacionar de maneira mais romântica e isso pode estar ligado aos contos de fadas e princesas que a menina cresce ouvindo, enquanto que para o homem o sexo parece ser mais cativante.

O amor de mãe é um tipo de amor revestido de muitos mitos. Os seus sentimentos constituem um modo de linguagem peculiar e acompanham seus gestos e palavras quando dirigidos ao filho. “Essa linguagem pré-verbal é, ao mesmo tempo, produto da educação da menina e suscitada pelo momento presente – o qual depende da relação com o genitor da criança e com o meio atual, tanto familiar quanto sociocultural.” (DOLTO, 1996, p. 219).

Para Klein (1991), o amor e a compreensão que a mãe expressa ao bebê nos primeiros estágios do desenvolvimento, por meio de seu jeito de cuidar, acaba levando-os a um sentimento inconsciente de unicidade, ou seja, o inconsciente da mãe e o inconsciente do bebê ficam numa íntima relação um com o outro.

Klein e Riviere (1975, p. 62-63) acrescentam:

O verdadeiro amor revela capacidade de sacrifício, certa capacidade de suportar o sofrimento, alguma dependência – o que para o bem do amor representa um lucro ainda maior; a necessidade de poder brota diretamente da incapacidade de tolerar seja sacrifícios por outros ou dependência de outros.

Freud (1910) destaca a importância do amor de pai, enquanto representante da figura de autoridade na vida da pessoa, e, tanto hoje quanto nos tempos primitivos, os seres humanos têm necessidade de apoiar numa figura de autoridade. Para ele, essa necessidade é tão

importante que, se essa autoridade for ameaçada, o mundo da pessoa que está apoiada desmorona. Além desse papel de autoridade que o pai exerce na triangulação pai-mãe-filho, existem outros momentos em que a participação do pai é fundamental.

Segundo Muza (1998), um outro momento em que a função do pai é crucial se encontra na entrada da adolescência, quando o amadurecimento genital obriga a criança a definir o seu papel na procriação. Cabe ressaltar que o pai para desempenhar essas funções necessita sentir amor pelo filho.

Conforme Gomes e Resende (2004, p. 121), “O pai representa a possibilidade do equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real [...]”, ou seja, é a presença do pai que facilita à criança a percepção da não mãe e, por meio dessa percepção, ela consegue passar do mundo da família para o da sociedade.

Durante a década de 1930 até meados da década de 1980, os pais, na maioria das vezes, desempenhavam suas tarefas educativas baseadas na tradicional divisão de papéis segundo o sexo, de acordo com Biasoli-Alves, Caldana e Silva (1997). O pai era responsável pelo sustento da família e pelo modelo profissional. Com as transformações socioculturais e econômicas que a família vem passando, o pai deixou de ser apenas provedor do sustento e passou a participar mais da educação diária da criança. E a família ganhou muito com isso, pois o amor do pai é tão essencial quanto o da mãe.

Freud (1915) defende que o amor dos pais, embora seja comovente, traz em si aspectos infantis, que é descrito como narcisismo dos pais renascido, ou seja, os pais, ao terem o amor pelo filho transformado em amor objetal, estariam na verdade revelando sua natureza anterior, em relação ao amor objetal vivido quando filho-bebê com sua própria mãe.

Cabe ressaltar que os pais, ainda que cheios de amor para oferecer aos filhos, inúmeras vezes, podem falhar. É importante perceber essa falha por meio da perspectiva do amor, ou seja, os pais também erram por amor. De acordo com Tiba (1999), deve-se considerar que os pais, ao errarem, não o fazem de propósito e que cometem um erro denominado por ele de “erro de amor”.

Para Chapman e Campbell (1999, p. 7): “[...] cada criança possui uma linguagem de amor principal específica na qual ela compreende melhor o amor do pai ou da mãe.” Segundo os autores, as cinco linguagens do amor das crianças podem ajudar os pais a compreender a

importância do amor no processo de educação, uma vez que o próprio autor destaca o amor como sendo o alicerce do desenvolvimento humano e que “[...] cada criança possui um tanque emocional, um reservatório de energia emocional.” Ele faz uma analogia entre carros, que são alimentados pelo combustível, e crianças, que são alimentadas pelo combustível do amor incondicional manifestado pelos pais (p. 18). Eles dividem em cinco as linguagens do amor da criança: Contato Físico, Palavras de afirmação, Qualidade de tempo, Presentes e Atitudes de serviço.

O Contato Físico é considerado pelo autor uma das mais fáceis linguagens de amor incondicional, até porque os pais não precisariam de nenhuma ocasião especial para manifestar esse tipo de linguagem. Não está restrita apenas aos abraços ou beijos, mas também a outros tipos de contato físico como, por exemplo, afagar a criança nas costas, nos braços, na cabeça ou nos ombros. “O contato físico é uma das mais potentes vozes do amor.” (CHAPMAN; CAMPBELL, 1999, p. 35).

As Palavras de Afirmação, na manifestação do amor, são palavras fundamentais. Palavras de afeto, carinho, elogio, encorajamento, todas elas transmitem a mesma coisa: “Eu me importo com você” (CHAPMAN; CAMPBELL, 1999, p. 35). Mesmo que as palavras sejam ditas de forma rápida, elas marcam a memória da criança, que irá usufruir dela o resto da vida.

A Qualidade de Tempo é o presente da presença do pai ou da mãe junto do filho, dando-lhe atenção exclusiva. A maioria dos bebês se beneficia dessa linguagem recebendo grandes doses de tempo com qualidade, pois, enquanto desempenham os cuidados, os pais acabam na maioria das vezes dando-lhe atenção exclusiva. Porém, à medida que vão crescendo, parece ficar mais difícil para os pais darem esse tipo de atenção ao filho. Assim, acabam exercitando mais as outras linguagens, como contato físico e palavras afirmativas (CHAPMAN; CAMPBELL, 1999). Os autores ainda afirmam que dar e receber presentes é uma forma de expressar amor e essa manifestação é universal. Isso, não como forma de pagamento, até porque dessa maneira não seria um verdadeiro presente, mas como uma expressão de amor para com a outra pessoa e que é ofertado de forma gratuita. Os presentes mais significativos ficam guardados na memória como símbolo de amor sincero.

As Atitudes de Serviço podem tornar-se um modelo para a responsabilidade e serviço da criança. Quando expressam seu amor fazendo pelo filho coisas que ele ainda não consegue fazer sozinho, os pais estão demonstrando um modelo a ser copiado, o que, segundo os autores, auxiliará a criança pequena a ser mais solidária, deixando de se ver como o centro do universo (CHAPMAN; CAMPBELL, 1999).

Por meio do amor do (a) irmão (a), a criança pode descobrir aspectos interessantes, tais como companheirismo, cooperativismo, lealdade, solidariedade, além da competição e dos conflitos naturais advindos do ciúme em si, inerente a essa relação. De acordo com Dunn (1983) e Turnbull e Turnbull (2001), o relacionamento entre irmãos é uma fonte fundamental de apoio, companheirismo, cooperativismo, ainda que haja conflitos, ciúmes, competição e até mesmo agressão. Para Frank (2000) e Lobato (1990), o relacionamento entre irmãos é o mais duradouro dos relacionamentos familiares, se estabelece na infância e pode durar a vida toda. Esses autores consideram o relacionamento fraterno como essencial na vida da pessoa. Por isso, o amor entre os irmãos pode ser considerado como algo importante na vida da criança que tem irmão (ã).

O amor dos avós costuma ser importante à medida que eles, quando querem e podem, ajudam muito na vida diária dos netos, e essa proximidade de gerações costuma ser positiva, porque, de certa maneira, um pode contar com o outro. Segundo Denham e Smith (1989 apud DIAS; SILVA, 2003), os avós ajudam a diminuir o impacto de problemas sociais sobre os netos, costumam ser figuras importantes no processo de socialização e de transmissão de valores, além de, muitas vezes, funcionarem como companheiros.

O amor entre amigos começa ainda na infância. A amizade surge como contraponto na vida da criança, quando esta descobre ter o amor não correspondido, conforme Brun (2007). O amor dos pais e irmãos é muito importante, pois fazem parte dos primeiros laços de afetividade e amor que a pessoa experimenta na vida. No entanto a criança será frustrada ao descobrir que o seu amor e desejo pelos pais de sexo oposto, na fase edípica, não pode ser correspondido. Então, por meio da amizade, a criança irá buscar conscientemente fugir dessa marca inaugural ou transformá-la em seu contrário; porém, inconscientemente, os traços desses primeiros laços, irão guiar a escolha dos amigos desde a infância, segundo essa autora.

De acordo com Brun (2007, p. 313), a pessoa encontra na amizade a possibilidade de:

Uma autonomia do pensamento, da fala, de uma construção que só pode se realizar fora da família, mesmo que seja nesta ou em comparação com esta que sua representação adquira sentido. Nesse contexto, não deveríamos nos surpreender, ao ver os laços tanto de amor quanto de amizade retornarem ao palco da cena analítica sob o efeito da transferência.

Assim sendo, o amor parece ser fundamental na vida do ser humano, seja este bebê, adolescente, adulto ou idoso, todos os seres humanos parecem necessitar de sentir-se amado e ter alguém a quem possam manifestar o amor que sentem, independente da fase em que se encontram.

Descreve-se, a partir de agora, como se dá o desenvolvimento psicosssexual da criança, do nascimento à fase de latência que é o foco desta pesquisa, buscando olhar por meio das teorias psicanalíticas de Freud, Klein, Winnicott e Dolto e também de autores da Psicologia Psicodinâmica.

5 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

A pesquisadora apresenta como se dá o desenvolvimento psicológico da criança até a fase de latência, principalmente no que concerne às questões afetivas e emocionais, que são o foco desta pesquisa.

Encontra-se em Piéron (1987, p. 11) que “A afetividade é a capacidade individual de experimentar emoções e sentimentos, ou reação emotiva generalizada, com efeitos definidos sobre o corpo e o espírito.”

Para Freud (1905), o desenvolvimento da personalidade é subsidiário ao desenvolvimento do instinto sexual, e é paralelo à passagem pelos estágios de desenvolvimento psicosexual. A primeira fase do desenvolvimento foi nomeada pelo autor de Estágio Oral – quando a libido se concentra na zona oral: boca e zonas próximas, de outro modo, a boca é a região do corpo que proporciona maior prazer para a criança nesse primeiro estágio de desenvolvimento que se estende desde o nascimento até o desmame.

De acordo com Freud (1905, p. 186), “A atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o elo sexual consiste na incorporação do objeto.” Por isso, é natural a criança levar à boca qualquer coisa que lhe desperte o interesse. O absorver o objeto pode ser entendido como possuir algo, e isso causa prazer no bebê.

A esse período, Freud (1905) chamou também de narcisismo primário, pois, nessa época, a criança ainda não possui relações com o objeto externo, tudo consiste na redução de uma necessidade do organismo; e a forma como a criança nessa fase conhece o mundo é por meio da incorporação, ou seja, é pela boca que a criança entra em contato com o mundo. Ao nascer, o bebê vive seu primeiro momento de separação da mãe, é um momento delicado e ele necessita totalmente de cuidados. Ele ainda não possui capacidade de falar, andar, reconhecer e nomear o que sente.

Para Klein (1991), o trauma do nascimento provoca ansiedade paranóide diante de um objeto avassalador desintegrador e ansiedade depressiva pela perda do ventre materno. Os mecanismos de projeção e introjeção são a defesa contra essas ansiedades e levam à formação do objeto bom interno por meio da introjeção do seio e à identificação com ele. Dessa forma, ambas as pulsões encontram um objeto ao qual se ligam, e assim com a projeção e reintrojeção, o ego é ao mesmo tempo enriquecido e fortalecido.

Isso costuma ser por meio da relação de cuidados, em décadas passadas feita geralmente pela mãe ou avó e atualmente com a participação do pai – que deixou de ser apenas provedor – mas que também participa, desde a gestação, nas consultas ao ginecologista/obstetra, no momento do parto e nos cuidados diários.

De acordo com Baruffi (2000, p. 4), o pai é figura importante para o desenvolvimento psicoafetivo dos filhos, sua contribuição vai além do papel de provedor e mantenedor da família para, por meio de seu afeto e de sua atitude, ser referência na construção da personalidade dos filhos e ser o primeiro transmissor da autoridade social: “O pai personifica autoridade e segurança, ideais e valores”.

É interessante ressaltar que, na década de 1960, Winnicott (1997) já demonstrava a importância da participação do pai nessa relação mãe/bebê. Para esse autor, a mãe precisa se sentir amada pelo pai da criança para conseguir desempenhar seu papel de mãe de maneira segura.

O desenvolvimento de uma pessoa depende da interação estabelecida com seus pais desde os primeiros anos de sua vida. A maneira como esse vínculo se estabelece, poderá ajudar ou não a criança a sentir-se amada, aceita. Por isso, seria bom para o bebê que, desde o começo de sua interação com a sua mãe ou substituto (a), fosse ouvindo a voz de seu (a) cuidador (a). Enquanto cuida – dá banho, troca fraldas e dá o alimento –, o adulto cuidador pode ir conversando com o bebê, falando do que está fazendo, como, por exemplo: “vamos mamar, você está com fome” ou “vamos tomar banho, você está com calor”. Assim, junto com o cuidado corporal o adulto oferece afeto e palavras para a criança, dando início à transmissão da herança cultural dos humanos – a fala.

Para alguns autores, como Manfro, Maltz e Isolan (2001, p. 75), a voz humana tem, no recém-nascido, efeitos diferentes de outros sons, mostrando que:

No decurso da segunda semana de vida, a voz (da mãe, de uma outra mulher, de um homem) é suscetível de provocar sorrisos, mais frequentemente do que outros estímulos sonoros. Evidencia-se, também, uma sintonia entre a voz da mãe e os movimentos observados no bebê.

O bebê atualmente é visto como um ser complexo e previsível que interage com os adultos que o cercam. E não é apenas o bebê que é modelado pelos pais, ele tanto os modela quanto é influenciado por eles: “É um bebê ativo, possuidor de uma capacidade interna de

organização e integração, que faz dele um ser competente e que permite o contato com o ambiente cuidador” (MANFRO; MALTZ; ISOLAN, 2001, p. 74).

Bowlby (1984) e Brazelton (1988) apontam para o fato de que mesmo vindo o bebê, ao nascer, já em condições de apegar-se a um cuidador, ele necessitará de alguém responsável e disposto a desenvolver com ele – o bebê, um padrão de apego. O bebê necessita do afago de alguém que esteja disposto a lhe dar colo, que haja um contato de pele entre a mãe (ou substituto) e o recém-nascido, desde o nascimento, pois isso o ajuda a elaborar a perda do útero materno (e tudo aquilo que ele representa) ocasionada no parto, além de prepará-lo para um desenvolvimento saudável.

Para Zavaschi, Costa e Brunstein (2001, p. 42), a adaptação do bebê em seu desenvolvimento constitui-se de uma sequência de transações entre:

O genótipo, o fenótipo e o ambiente que originalmente é o útero da mãe, depois o rosto, o corpo, o colo, o cheiro, o olhar somados à segurança e à alegria transmitidas pelo pai, sempre presente desde o início. Sabe-se que a expressão do rosto da mãe, a tensão ou a flexibilidade do seu corpo, a forma como ela sustenta o filho em seu colo, são todas as expressões de seu afeto perceptíveis pelo bebê.

O apego, investimento dirigido à mãe, cresce gradualmente a partir da satisfação que obtém dela. Esses cuidados introjetados é que vão formando a sensação de segurança no bebê e permitindo-lhe a explorar o mundo e a retornar à mãe ou substituta (o) quando sentir-se em situação de perigo ou angústia. Como relatam Piccinini et al. (2001, p. 476):

O estabelecimento de distintos padrões de apego vai depender, em grande parte, da sensibilidade materna às necessidades infantis, assim como da capacidade da criança de usar a mãe como base segura, a partir da qual explora o mundo e para onde retorna quando em situação de perigo ou angústia.

Segundo Klein (1991), o bebê tem uma noção inconsciente da existência de sua mãe. A experiência de ser cuidado, atendido e alimentado pela mãe vai formando a relação objetal com ela que, no início, apresenta características parciais. Para a autora,

A alteração do equilíbrio entre libido e agressão dá lugar à avidez que, juntamente com a voracidade, são as emoções típicas da fase oral. A agressividade inata aumenta com as circunstâncias externas desfavoráveis e é aliviada pelo amor e compreensão dispensados à criança (p. 87).

Ou seja, por meio dos cuidados maternos, o bebê pode ter sua agressividade aliviada, quando, diante de situações que provocam desconforto, como, por exemplo, na fome, for saciado pela mãe e tiver a ansiedade aliviada.

Klein e Riviere (1975, p. 152) comentam que a satisfação de nossas necessidades de autopreservação e a gratificação de nosso desejo de amor acham-se para sempre ligados:

Uma à outra, porque derivam em primeira instância de uma só e mesma fonte. A segurança foi-nos em primeiro lugar oferecida por nossa mãe, que não só mitigou os tormentos da fome, mas também satisfaz as nossas necessidades emocionais e aliviou em nós a ansiedade.

A partir dessa relação de cuidados, o bebê vai formando dentro dele algumas noções de si mesmo, por exemplo, descobre por meio da mãe os pezinhos, as mãozinhas, a boca, o nariz – o seu corpinho. E, por volta de um ano e meio, ele começa a juntar aquilo que descobriu separado, quando então começa a dizer “meu pé”, “minha mão”, “é meu”. Para chegar a esse amadurecimento, o bebê teve que contar com os investimentos de sua mãe ou substituto (a), pois o meio ambiente precisa possuir “[...] certas qualidades básicas, um ser humano tem de achar-se lá.” (WINNICOTT, 1994c, p. 220).

Nenhum bebê conseguiria chegar a esse amadurecimento sozinho, sem ter alguém que lhe ofertasse cuidados. Winnicott (1983) considera a aquisição de independência do bebê como uma grande mudança que pode ser verificada no primeiro ano de vida. A pessoa, para atingir o estágio do “eu sou”, necessita de um meio protetor, ou seja, da mãe capaz de se preocupar com as necessidades do ego da criança, por meio da identificação com a criança.

Para Spitz (1991), o desenvolvimento não se dá de forma linear, mas em degraus. Ele enfatiza que são os organizadores psíquicos, conforme sua denominação, que representam os sinais indicadores de que o bebê atingiu um determinado grau de organização interna. Dessa maneira, no primeiro ano de vida, o bebê já teria passado por grandes transformações, como as funções do ego que se desenvolvem, e ele passa a distinguir o ‘eu’ do ‘não eu’. Com isso ele também passa a diferenciar as pessoas, demonstrando suas preferências a respeito destas. Nessa época – por volta dos 12 meses – o bebê já formou uma ligação afetiva com a mãe e as pessoas com quem ele convive.

Dolto (1988, p. 30) afirma que, paralelamente a esse progresso, apareceu a dentição, com sofrimentos que requerem ser aliviados pela atividade de morder: “A mordedura é sua

primeira pulsão agressiva, a maneira como for permitida ou não pelo objeto de amor é da maior importância.” A maneira como a família lida com as expressões do afeto, como a raiva, a alegria, a agressividade e outras, poderá ajudar ou não a criança a se expressar. Ainda segundo o autor, seria importante se a mãe pudesse esperar passar esse período da mordedura para desmamar o bebê, pois, caso ocorra nessa época, o desmame pode representar para o bebê uma punição devida à agressão.

Winnicott (1996, p. 196) comenta que o modo como o ambiente se apresenta tem importância, por ser uma parte do bebê. “Ele costuma ser um fenômeno complexo que inclui o seu potencial e mais o seu ambiente”. Mesmo que o bebê tenha herdado tendências boas, pode ser que o seu desenvolvimento psíquico não ocorra de forma satisfatória, porque ele depende das experiências com a sua mãe. De outro modo, se a sua mãe, por meio de um comportamento adaptativo favorável, conseguir desempenhar uma maternagem suficientemente boa, poderá tornar possível ao bebê encontrar, fora dele, aquilo que lhe é tão necessário e esperado (WINNICOTT, 1994b).

Assim sendo, o bebê segue para a fase seguinte do desenvolvimento psicosexual, ao qual Freud (1905) nomeou de estágio anal. Essa fase vai até os quatro anos de idade, período que coincide com a época do treino de hábitos higiênicos, em que a libido é focalizada na zona do ânus. A criança percebe que pode controlar o esfíncter anal e as suas fezes são percebidas por ela, simbolicamente, como um presente ofertado à mãe e, em outros momentos, como algo agressivo.

Conforme Soifer (1992), nesse período, o objeto de sexualidade anal da criança são os pais reais ou seus substitutos, a quem a criança presenteia ou não com as suas fezes, devido às emoções contraditórias que começam a surgir nesse período.

Nessa fase, a criança já tem um eu separado da sua mãe, o que começou lá na retirada do seio, e se seguiu no engatinhar, no andar. Os aspectos mais marcantes dessa fase são as mudanças físicas, que, com o crescimento e amadurecimento neurológico e aquisição de habilidades, como a linguagem, a socialização, contribuem para torná-la mais independente. É nesse ponto que a criança se apodera da fala, e a fala marca o início de uma nova era. Com a fala, a criança é capaz de se afastar de um sistema primitivo de pensamento (raciocínio figurativo) para uma segunda forma de pensamento, mais elevado, na qual predominam os símbolos verbais.

Para Winnicott (1994a, p. 167):

O pensar começa como uma maneira pessoal que o bebê tem para lidar com o fracasso graduado de adaptação. O pensar faz parte do mecanismo pelo qual o bebê tolera tanto o fracasso da adaptação à necessidade do ego, quanto a frustração do instinto que produz tensão-tensão, particularmente o primeiro.

A criança busca viver de forma mais egoica, é a fase em que ela deseja reinar, é narcísica, acha que tudo deve girar em torno dela, que todas as suas vontades sejam realizadas. Dolto (1988) descreve a criança nessa fase como sendo ativa, barulhenta, brutal, agressiva em relação aos objetos até os quais agora, diferentemente da fase oral, ela pode se locomover e pegá-los para esmagar, agredir, jogar por terra, muitas vezes, com intuito de desagradar ao adulto. Para essa autora, a criança tem essa atitude de desagradar o adulto, porque o ama e sente prazer em irritar e agredir o que está diretamente relacionado à ambivalência dos sentimentos que surgem nessa fase.

Manfro, Maltz e Isolan (2001, p. 79) comentam que essa é uma fase crítica para o estabelecimento de confiança básica no eu e de um senso de iniciativa. A criança está no processo de:

Estabelecer fronteiras entre ela própria e sua mãe. Contudo, nesse processo de separação e individuação, a criança cada vez mais reconhece que os pais são pessoas separadas dela e essa “vulnerabilidade” desencadeia, então, uma certa ansiedade.

Quando existem limites e as pulsões são recalçadas, a criança começa a criar desejo; caso contrário, ela viverá de pulsões. A criança que não recebe limites pode apresentar intolerância à frustração, e assim, querer tudo na hora, senão ela tem uma crise. No cuidado com a criança, seus pais ou seus substitutos necessitam estabelecer limites claros e firmes para que ela aprenda a lidar com a frustração.

Para Zagury (2001, p. 149), “Os pais devem ser claros e objetivos quanto a posturas que consideram aceitáveis ou não”. Afinal, toda família deve ter regras e normas claramente estabelecidas e anunciadas, principalmente aquelas regras ligadas ao cuidado que favorecem o desenvolvimento saudável da pessoa.

A função dos pais é de educar a criança, de humanizá-la. Humanizar é ensinar a criança a lidar com as suas pulsões, é reprimi-la. Se uma criança não recebe limites a partir

desta fase, seus pais estarão privando-a de tornar-se uma pessoa que sabe o que quer, que venha a lidar de maneira adequada com as perdas necessárias na vida, de ser um adulto emocionalmente saudável.

Segundo Capelatto, I. (2007), existem alguns cuidados que os pais devem ter na hora de colocar limites, tal como procurarem não falar algo para o filho diferentemente do outro, pois isso pode desencadear dois tipos de problemas: a criança vai começar a se aliar a quem dá menos limite e também a se sentir culpada em relação àquele que dá o limite. Ele orienta para conversarem, quando houver divergência entre os pais em relação aos limites. Isso porque o limite é fundamental, silencioso, forte e uma das manifestações de amor mais bonita que uma criança pode receber. E amor é cuidado, fazer todos os gostos de uma criança pode impedir-lhe o desenvolvimento saudável.

Zagury (2001, p. 35-36) comenta que, quando nasce, a criança é hedonista e egocêntrica e que, além dessas duas características normais, é bom ressaltar que:

Ela também não tem ainda nenhuma noção de valores. Não sabe – e nem pode saber – o que é certo ou errado. Espera-se que cada papai e mamãe, ainda que intuitivamente, tenha consciência disso e, portanto, encarregue-se de, paulatinamente, ir mostrando aos filhos, em todas as ocasiões, mas especialmente pelo seu próprio modo de ser e viver, o que se pode e o que não se pode fazer numa sociedade [...] Quem não percebe essa realidade simples pode acabar muito mal na vida – emocionalmente, profissionalmente –, em tudo. Cabe aos pais em primeiríssimo lugar, porque é sua responsabilidade – e responsabilidade não se delega –, além do que, acredito que nenhum pai queira incumbir a outros a formação ética dos filhos.

Todo ser humano tem duas pulsões, que são a pulsão de vida e a de morte. Todas as vezes que cedem à chantagem ou que deixam de colocar limites no momento necessário na vida de seus filhos, os pais estarão permitindo a evolução da pulsão de morte. Com isso estará aumentando a agressividade, a impulsividade, a intolerância, a compulsão, e a criança pode então se tornar incapacitada para lidar com as perdas necessárias da vida. Em relação às pulsões, Dolto (1985, p. 146) argumenta que a “[...] criança necessita negar incessantemente essa superabundância de pulsões de morte para afirmar-se sujeito de seu desejo”. A pulsão de vida tem a ver com o desejo, com a própria vida, com o crescimento psicosssexual, com o ser que sabe esperar, batalhar pelo que quer e que consegue tirar prazer disso.

Heimann (1982, p. 348) esclarece:

De acordo com a teoria de Freud, os dois instintos básicos estão sempre fundidos um no outro. Embora fundidos, os dois instintos básicos digladiam-se mutuamente dentro do organismo. O instinto de vida procura a união e impele o indivíduo para outros; o instinto de morte almeja a desagregação do organismo e o rompimento da união entre organismos individuais ou tenta impedir que essa união se forme.

A disciplina é indispensável para o crescimento e o desenvolvimento psíquico sadio de uma criança. É por meio dela que a criança percebe que o mundo é um lugar organizado, que começa a considerar os sentimentos dos outros, e os seus direitos. A fase anal, também conhecida pela fase do ‘não’ e do ‘por que’. O ‘não’ é o primeiro recurso utilizado pela criança. A grande parte do que lhe é perguntado nesse período ela responde geralmente com um não, o que é considerado como primeiro conceito abstrato da criança.

Spitz (1991) mostra que, com o aparecimento do não como verbalização intencional e com sentido comunicativo, o que ocorre pouco depois de um ano de idade, o esquema motor congênito produtor da rotação lateral da cabeça fica a serviço dos conceitos abstratos.

Para a criança, esse meneio de cabeça torna-se símbolo e vestígio duradouro da ação frustradora da mãe. A criança adotará e reterá esse gesto, mesmo quando adulta [...].

O “não”, em gesto e palavra, é a expressão semântica de negação e de julgamento; ao mesmo tempo, é a primeira abstração formada pela criança, o primeiro conceito abstrato, no sentido da mentalização adulta (SPITZ, 1991, p. 136 e 142).

Dessa forma, o não da criança pode ser percebido como uma expressão adquirida por meio de seu desenvolvimento intelectual e psíquico em que ela busca também manifestar o seu descontentamento em relação à frustração necessária para o desenvolvimento saudável, ao qual se submete diariamente. A criança precisa encontrar substitutos simbólicos para extravasar a sua agressividade e descontentamento. E o brincar pode ser uma das formas simbólicas de a criança expressar ao adulto o que está sentindo. Por meio da brincadeira, torna-se possível compreender como a criança vê o mundo e se sente, como gostaria que fosse, bem como de que forma se encontram os seus conflitos internos. A criança pode utilizar-se da brincadeira para expressar o que teria dificuldade de traduzir em palavras. O processo de formação de símbolos constitui uma atividade por meio da qual a criança junta e integra o interior com o exterior, o sujeito com o objeto e as experiências mais antigas, com as mais recentes.

Aberastury (1992, p. 18) comenta que “O brincar do primeiro ano de vida dá as bases do brincar e das sublimações da infância e, além disto, conduz aos jogos amorosos.”

Para Winnicott (1994d), a satisfação da criança no brincar vai depender do uso de símbolos. Ele considera o brincar como uma conquista no desenvolvimento emocional da criança, por meio do qual ela lida criativamente com a realidade externa. Winnicott (1994d, p. 49-50) comenta que, ao final da brincadeira, deve produzir

Um viver criativo e conduz à capacidade de sentir-se real e sentir que a vida pode ser usada e enriquecida. Sem o brincar, a criança é incapaz de ver criativamente o mundo, e, em consequência disso, é arrojada de volta à submissão e a um senso de futilidade, ou à exploração de satisfações instintuais diretas.

Por isso, o brincar pode ser considerado como um dos presentes mais saudáveis que uma criança pode receber. Por meio da brincadeira, a criança transforma de forma simbólica aquilo que ela sente; desarruma o meio externo para arrumar o mundo interno. Como escreve Winnicott (1975, p. 80): “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)”.

Não há crescimento sem ansiedade, e o brincar pode ser um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento. A própria capacidade de brincar pode ser interpretada como um sintoma de saúde no desenvolvimento psicológico infantil, uma vez que por meio da criatividade é que a pessoa se descobre.

No final desse período, a criança já deve ser capaz de expressar sentimentos complexos, tais como: ciúmes, amor, inveja e outros, de forma verbal e não-verbal. No entanto esses sentimentos ainda costumam estar diretamente ligados ao cansaço e à fome. Ela ainda se preocupa muito em ter a aprovação, que para ela corresponde à aceitação, principalmente de seus pais ou de quem cuida dela (BASSOLS; DIEDER; VALENTI, 2001).

A próxima fase recebeu o nome de período fálico, em que a libido se localiza nos órgãos genitais, ou seja, a criança começa a ter consciência da genitália e das diferenças entre os sexos, o que contribui para aumentar suas fantasias, e se utiliza das brincadeiras para vivenciá-las de maneira aceitável social e internamente (FREUD, 1905). É o período em que esse autor situa o conflito edípico. A criança ama o genitor de sexo oposto, sente que isso é

proibido e conseqüentemente experimenta sentimentos de ameaça, manifestados no menino por “ansiedade de castração”, ou seja, medo de que seu pênis venha a ser decepado, e na menina, com “inveja do pênis”.

Para Freud (1925), o complexo de Édipo é visto como um momento do desenvolvimento libidinal, no qual o menino começa a desejar a mãe para si como mulher e paralelamente esse desejo traz consigo um sentimento de ódio pelo pai, que passa a ser visto como um rival, impedindo a concretização do seu anseio. Na menina, isso ocorre com o pai, ela ama e deseja o pai e concomitantemente sente raiva da mãe por percebê-la como rival. Ela começa a experimentar fantasias conscientes e inconscientes de ocupar o lugar da mãe, em sua relação com o pai, se tornando sua mulher. Mas, ao mesmo tempo, teme perder o cuidado e o amor da mãe por ela. Assim sendo, a atração sexual pelo genitor do sexo oposto desencadeia uma complexa e conflitante mistura de amor, ódio, rivalidade, ciúme e perturbação.

Dolto (1985) ressalta que a entrada no Édipo está vinculada ao fato de a criança já ter abandonado a relação de boca a seio com a mãe e também de ter adquirido o controle esfíncteriano. Para essa autora, quando já ocorreram os fatos citados, a criança “[...] deseja identificar-se com o genitor do mesmo sexo e ter as satisfações eróticas do casal parental” (p. 195).

Na teoria freudiana, o complexo de Édipo masculino e feminino possui uma característica resolutiva, e a relação amorosa, no futuro, herdará os aspectos envolvidos no Édipo. Para Klein (1996), o papel desempenhado pelo pai influencia a criança em todas as outras relações amorosas que experimentará ao longo de sua vida e em todo vínculo que fará com outras pessoas.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 110),

A importância do Édipo reside no fato de que ele realiza pela primeira vez uma objetivação do mundo para a criança, que a ajuda a conceber um mundo exterior distinto de si mesma. Sua vida ulterior dependerá do modo como essa objetivação se dará.

Para resolver o conflito e a ansiedade oriundos dessa fase, a criança passa a identificar-se com o genitor do mesmo sexo e ao mesmo tempo internaliza a autoridade paterna. Com isso ela introjeta as características desse genitor de identificação, incluindo o papel de

masculino ou feminino e também os valores – a ética – do meio em que vive, bem como adquire a capacidade de distinguir os acontecimentos na fantasia e na realidade, nascendo, assim, a consciência e o sentido de responsabilidade e culpa (DOLTO, 1988).

Para Winnicott (1990, p. 68), a saúde psicosexual do ser humano se estabelece por meio da organização da primeira relação triangular experimentada pela criança:

Feliz e saudável é o menino que chega precisamente a este ponto de seu desenvolvimento físico e emocional quando a família está intacta, e que pode ser acompanhado em meio a esta constrangedora situação em primeira mão pelos próprios pais, que ele conhece muito bem, pais que toleram ideias, e cujo relacionamento é firme o bastante a ponto de não temerem a tensão sobre as lealdades, criada pelos ódios e amores da criança.

Segundo Mitchell (1979), a elaboração do complexo de Édipo ocorre pelo reatamento da menina com sua mãe e do menino com seu pai. A menina experimenta a redescoberta de um intenso amor pela mãe, enquanto o menino, embora mantenha o vínculo afetivo com a mãe, passa a admirar, amar e a se identificar com o pai. Assim, a criança se organiza e vai para a fase seguinte do desenvolvimento psicológico.

Freud (1905) chamou de Período de Latência a etapa que vai da segunda infância até a puberdade. É a fase de certa calma para o instinto sexual, que coincide com a época em que as crianças aprendem a ler e escrever. Costuma acontecer por volta dos seis anos, quando o ego da criança se encontra livre para se concentrar em atividades intelectuais. O autor afirma que, durante esse estágio, se constroem as forças mentais que logo impedirão o curso da pulsão sexual. Ou seja, as defesas são colocadas em prática para controlar a pulsão sexual, que mais tarde na adolescência retoma o seu curso. Essas forças são: a repulsão, a vergonha e as demandas de ideias morais e estéticas.

Para Freud (1905, p. 166-167):

Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – é desviada do uso sexual e voltada para outros fins [...], a sublimação das forças pulsionais sexuais efetua-se pelo caminho da formação reativa.

Urribarri (1999) explica que a latência não se caracteriza apenas pela repressão do instinto sexual, mas também pela forma eficaz de reorganização operativa, em que ocorre um

esforço que é realizado no sentido da organização e diferenciação sofisticada do aparato psíquico, o que torna a criança mais calma, flexível e educável. No entanto, para que essa organização aconteça, é necessário que antes tenha ocorrido o desenvolvimento da função simbólica, como explicam Ferreira e Araújo (2001, p. 106):

A organização do estado de latência depende do desenvolvimento da função simbólica, da eficácia da repressão, da reestruturação da memória e do estabelecimento da constância comportamental. Aparecem respostas mais adaptativas do que a simples descarga impulsiva. Bom comportamento, conformidade e educabilidade resultam do equilíbrio entre impulsos e defesas mais elaboradas.

Nos primeiros seis anos de vida, a criança se fixa nos pais e irmãos para depois, de maneira gradativa, substituí-los por outras pessoas que irá conhecer como os amigos, vizinhos, com os quais ela irá intensificar os laços de amizade. E os professores, aos quais ela transfere o respeito e as expectativas inerentes ao pai onisciente da infância e os confronta. Porém, nesta fase, os meninos se distanciam das meninas e passam a formar grupos, como o “clubes da Luluzinha e do Bolinha”. Surge também o melhor amigo, aquele em quem a criança vai fazer maior investimento em termos de intimidade emocional e com o qual compartilhará os seus segredos. Assim, a criança começa a aprender a se relacionar de maneira mais elaborada, passa a ser mais cooperadora e solidária, ou seja, desenvolve a consideração pelas pessoas e o senso de justiça. Dessa forma, ela passa a se preocupar com aspectos sociais relacionados à justiça.

Ferreira e Araújo (2001, p. 113) comentam que o investimento afetivo estendido para outras figuras fora do grupo familiar permite:

O abandono do brinquedo paralelo ou do brinquedo recíproco apenas com um ou outro parceiro, característicos das fases anteriores. A criança começa a aprender como se relacionar de forma mais elaborada, além do dar e receber [...] Aparece o melhor amigo com o qual mantém períodos sustentados de brinquedos e a entrada de terceiros e das equipes.

Klein (1991, p. 86) revela que: “Esse é o estágio no qual a criança lida com seu superego rigoroso projetando-o em seu ambiente – em outras palavras, externalizando-o – e tentando chegar a um acordo com aqueles que detêm a autoridade.”

Neste período do desenvolvimento infantil, o narcisismo é deslocado para o ideal do ego, como sendo uma maneira de recuperar a perfeição do narcisismo infantil ameaçada pelas

críticas da própria criança e as recebidas dos outros, como, por exemplo, os pais, por meio da voz e posteriormente pelos irmãos, professores e demais pessoas do convívio da criança. Dolto (1996, p. 199) esclarece:

Graças à ordem inconsciente e consciente que a proibição clara e aceita do incesto instaura na libido apaziguada da criança, são despertados interesses eletivos pelas crianças de sua faixa etária, assim como pelos adultos que contribuem para seu desenvolvimento, respeitando sua pessoa: mestres, educadores, professores e irmãos mais velhos que a iniciem nas técnicas esportivas ou culturais.

Nessa fase, os brinquedos se adaptam à realidade e são menos criativos que antes. Isso devido ao recalçamento da imaginação e ao maior desenvolvimento do ego, que traz como consequência a habilidade em distinguir entre realidade e fantasia. A evolução dessa habilidade colabora com a percepção distinta do corpo e da mente, facilitando, assim, uma maior correlação entre o corpo e a mente, o que ajuda a criança a internalizar melhor a orientação dos pais, embora, às vezes, ela se enrole para contar ou explicar algo, dando a impressão aos seus pais de que esteja mentindo. Vale ressaltar que as exigências instintivas não se modificam nessa fase, mas o ego torna-se gradativamente mais apto para lidar com elas.

Para Ferreira e Araújo (2001), a reorganização complexa das defesas que ocorrem nessa fase está apoiada em dois pilares: no plano afetivo – o uso de mecanismos obsessivos – e, no cognitivo – o início do funcionamento das estruturas de operações concretas. As autoras defendem que a comunicação harmoniosa entre a escola e a família oferece grande contribuição na interação e na aprendizagem da criança. Para elas, o tamanho da escola pode favorecer a participação da criança nos afazeres e nos relacionamentos que trazem consigo oportunidades de identificação com diferentes papéis, bem como experiências que representam o âmbito social, pois a escola é a primeira comunidade, o primeiro relacionamento social que a criança vivencia depois de sua família.

A consolidação da latência ocorre quando acontece a resolução do Complexo de Édipo, o que acaba estruturando dentro da criança a capacidade de empatia, facilitadora da identificação com o pai do mesmo sexo que agora perde aquela idealização exagerada. No entanto, em seguida, começa a ocorrer a busca de modelos de identificação fora do âmbito familiar.

Ferreira e Araújo (2001, p. 108) afirmam que:

O temor ao incesto conduz o pré-adolescente a buscar outros modelos de identificação fora do âmbito familiar. Ele coloca em dúvida seus valores, sua onipotência, retirando dos pais o investimento afetivo idealizado e redirecionando seus impulsos a outras pessoas, ampliando assim seu universo relacional e tentando encontrar novos modelos com os quais se identificar. [...] esse é um período muito difícil porque implica abandono de princípios morais e éticos até então vigentes. A criança esconde suas dificuldades e não busca ajuda, deixando os pais perdidos e com sensação de impotência. A busca de outros princípios tem o sentido de deixar a ligação inicial, fazendo novos vínculos e caminhando em direção a uma identidade própria.

O pensamento também sofre modificação nesse período, ele passa a ser substituído paulatinamente pela capacidade de abstrair, desenvolvida por meio da habilidade de simbolizar. O símbolo transforma a ideia ou afeto inicial em outro elemento. É que o símbolo costuma mascarar a fantasia latente, para isso, “[...] a produção dos símbolos depende da capacidade de abstração, da capacidade de espera e da repressão” (FERREIRA; ARAÚJO, 2001, p. 110-111).

Segundo Ferreira e Araújo (2001, p. 111) “[...] é por volta dos sete anos que se instala o pensamento operacional concreto”. Para essas autoras, o pensamento operacional concreto é um tipo de pensamento abstrato que se apoia em características concretas da experiência. Nesse período, os medos noturnos são transferidos para figuras humanas, devido à mudança que ocorreu no pensamento e que agora fica mais situado em componentes reais e não extraordinários. Essa é a fase mais longa da infância, a maioria dos autores denomina a esse período de infância.

Dentro dessa perspectiva do desenvolvimento psicosssexual, passa-se a analisar o modo como se dá o desenvolvimento da criança no que se refere ao gênero, ou seja, o ser menino e ser menina.

6 GÊNERO: SER MENINO/SER MENINA

Em vista das diferenças de gênero, apresenta-se, de forma breve, como se dá o desenvolvimento do ser menino e do ser menina, percorrendo a infância até a fase adulta.

O termo gênero, em sua definição gramatical, segundo Araújo (2005, p. 42), indica:

Indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino.

O assunto da diferença entre os seres humanos é algo muito antigo que faz parte da história da humanidade e que pode ser percebido em quase todas as áreas do conhecimento, tais como a Psicologia e a Política, entre outros. Porém na modernidade é que esse tópico passou a ter maior importância enquanto objeto de estudo.

Na análise de Oliveira (1993), o feminismo transgrediu a ordem que atribuía ao masculino, que era o direito de definir o feminino como seu avesso. Para ele, a ideia da igualdade entre os sexos foi o primeiro estágio dessa transgressão. Esse autor comenta que, as mulheres tentaram ultrapassar as fronteiras do mundo dos homens, mas na luta pela igualdade passaram para a luta pelo direito à diferença.

O processo de formação de identidade de gênero, ou seja, do ser menino e ser menina, inicia-se por volta dos três anos, embora as bases da diferenciação sexual sejam evidentes desde o nascimento.

Bassols, Dieder e Valenti (2001, p. 103) comentam que:

A identidade de gênero tem sido definida através da capacidade da criança reconhecer que é membro de um sexo e não de outro. [...] A identidade de gênero pode ser inferida das brincadeiras da criança de acordo com seu sexo, nas quais elas expressam sua identificação com o sexo masculino ou feminino, por marcadores culturalmente aceitos de masculinidade ou feminilidade (papéis de gênero).

É por meio da identificação que a criança vai incorporar os valores e as atitudes da cultura em que ela vive para assumir o seu papel na sociedade. Aquilo que a criança observa nos adultos ao seu redor, pelos quais ela nutre certa admiração, poderá ser o que ela, por meio do relacionamento afetivo, independentemente de ser positivo ou negativo, poderá introjetar

como sendo sua referência de masculino ou feminino, para na adolescência “optar” em ficar parecida a (s) essa (s) pessoa (s). Porém é difícil para o ser humano escolher ficar parecido com alguém que não entra em sua intimidade emocional, que não estabelece um vínculo afetivo com ele.

Como descrevem Silva et al. (2004, p. 114): “Pode-se dizer que a base das diferenciações de gênero é biológica, mas as construções que se processam e a forma como se processam são simbólicas, são sociais.” Para que isso ocorra, a criança necessita ter ligação afetiva com os adultos que a cercam, pelos quais ela poderá desenvolver ou não, certa admiração. Como, por exemplo, o menino precisa se relacionar de maneira a ter proximidade com seu pai para que possa admirá-lo e assim desejar ficar parecido com ele. A esse processo dá-se o nome de identificação sexual. Quando isso não ocorre, fica difícil para a criança se identificar com alguém que ela não tem proximidade emocional, que ela não conhece. E com isso, o menino perde muito nesse processo de identificação com o pai ou seu substituto, se este não se fizer presente integralmente.

No entendimento de Dobson (2003, p. 69), o pai tem um poder imenso sobre a vida dos filhos:

Para o bem ou para o mal [...] Quando o pai não se envolve – quando não ama nem cuida de seus filhos isso cria um sofrimento, um anseio, que perdurará durante décadas [...] os meninos são emocionalmente formados para depender dos pais de maneiras que não foram compreendidas até recentemente.

Costuma ser por meio da admiração que a criança se identifica com o adulto cuidador, o qual ela imitará. O menino procura se identificar com um adulto masculino e a menina com uma adulta feminina. O ideal seria que cada criança pudesse encontrar em seus próprios pais o seu objeto de amor e de identificação sexual. Segundo Biddulph (2002, p. 83), “Os meninos cujos pais estão ausentes são estatisticamente mais propensos à violência, a sofrer acidentes, a se meter em confusões, a ter um fraco desempenho na escola e a integrar gangues de adolescentes.”

Atualmente as crianças, em média, passam mais tempo com as mães ou substitutas do que com o pai. Em termos de identificação, isso seria um privilégio para as meninas, caso puderem encontrar na mulher ou substituta, o prazer e a aceitação de ser mulher. Como enfatiza Fraiberg (1980, p. 234):

Uma mãe que teve satisfação em ser mulher vai, naturalmente, comunicar isso à sua filha sem utilizar palavras. Um pai que está feliz por ter uma filha, que valoriza a feminilidade como tal, vai incentivar muito o processo de identificação feminina na sua garotinha, porque ele ama sua filha e valoriza sua feminilidade.

Saraiva (1998 apud HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 54) enfatiza a necessidade de uma reconstrução da posição dos homens/pais para que eles possam assumir a própria masculinidade exercendo uma paternagem conectada com afetos e prazeres: “A paternidade é uma experiência humana profundamente implicada com propósitos sociais e institucionais que a legitima, ou seja, uma construção que deve ser compreendida face ao contexto sócio-cultural de um tempo.”

Winnicott (1996, p. 144-145) afirma que um menino ama seu pai, que:

Se intimida e não pode corresponder em função de uma homossexualidade natural, que se encontra reprimida. O menino fica então privado de pai. Isso atrapalha sua heterossexualidade, pois ele não pode abandonar-se a uma relação de ódio com seu pai [...] Alguns pais fracassam em espelhar aquilo que existe; outros estimulam aquilo que só existe de forma embrionária.

No entanto, a figura paterna é considerada importante não só na vida do menino, mas da menina também, pois a forma como se dá esse relacionamento entre pai e filha, principalmente na fase edípica, é que servirá de modelo para as relações afetivas na vida da menina, podendo, inclusive, ajudá-la a prosseguir no desenvolvimento psicosssexual ou não.

Pais (2008, p. 187) comenta em relação a isso:

A figura paterna é extremamente importante para o desenvolvimento psicosssexual normal dos filhos. A forma como o pai se relaciona com a filha, por exemplo, durante a fase do complexo de Édipo, servirá de modelo para todas as outras relações que ela vivenciará ao longo de sua vida, principalmente aquelas marcadas pela afetividade.

Quando, por alguma razão, o pai não consegue se tornar um objeto de identificação para o menino ou de atração para a filha, na fase do complexo de Édipo, as perdas podem ser muito grandes. No menino, pode prejudicar a identificação sexual, e na menina, desenvolver sentimentos como de raiva, desprezo, entre outros. Esses sentimentos poderão vir, na fase adulta, a interferir nas escolhas amorosas da menina.

Pais (2008, p. 192) destaca que:

Quando ocorre alguma dificuldade de identificação com o genitor do mesmo sexo e de atração sexual pelo genitor do sexo oposto, durante a fase do complexo de Édipo, mais tarde, na puberdade, pode ocorrer uma fixação nesta primeira fase de desenvolvimento da sexualidade, dificultando o deslocamento da libido, inicialmente dirigida ao progenitor do sexo oposto, para seus substitutos. Se a menina tem medo, sente desprezo e desconfiança em relação ao seu pai, esses sentimentos, construídos durante a fase que normalmente deveria sentir-se atraída por ele, poderão ser transportados, para o momento da sua escolha amorosa.

É importante ressaltar que a sociedade também contribui no ser menina ou ser menino na vida da criança, uma vez que a pessoa inconscientemente pode carregar tendências sexistas que foram se formando pela incorporação de estereótipos apresentados pela sociedade em que ela está inserida. Isso se torna mais perceptível observando anúncios que as indústrias de brinquedos realizam na mídia, principalmente na televisão, em que alguns brinquedos são apresentados como sendo de meninos, como é o caso do Homem-Aranha, Batman, e a Hello Kitty e outras bonecas, como sendo de meninas. Esse tipo de mensagem transmitida pela propaganda acaba sendo reforçado pela convivência e influência dos colegas e irmãos mais velhos, de acordo com Baron-Cohen (2004).

Na sociedade, podem-se perceber muitas diferenças na educação de meninos e meninas, inclusive na maneira de expressar sentimentos. Desde pequeninas, na maior parte do tempo, as meninas participam de atividades que as colocam em contato direto – face a face – com a outra pessoa, como nas brincadeiras de casinha, de desfile, de troca de papel de carta, em que elas costumam expressar o que pensam e o que sentem. Já os meninos são encorajados a competir e a esconder o que sentem. Em um jogo de futebol, por exemplo, quando um menino se machuca, mesmo com dor, ele tem que disfarçar o que está sentindo para não ser motivo de piadinhas desrespeitosas. Com isso, as meninas acabam sendo sensibilizadas para se relacionar intimamente e os meninos para competir. Como relata Siegel (2005, p. 46): “As diferenças começam cedo na vida e encerram a maneira como se “catequizam” os homens e as mulheres no que tange a dar e receber suporte”. Buscando fundamentar esse pensamento Josselson (1987 apud SIEGEL, 2005, p. 230) assim se posiciona:

A ideia de uma relação de apoio mútuo forma-se de modo distinto para meninos e meninas. O menino aprende o que é o apoio por meio da prática de esportes e do espírito de equipe, que são situações em que desenvolvem relações “lado a lado”. A menina gasta muito mais tempo com atividades que envolvem interação face a face e de vínculo direto.

A área dos esportes explicita essa diferença do que meninos podem e meninas não. A menina era vista como frágil portadora de um corpo delicado, que servia apenas para a procriação. Durante muitos anos, as meninas não puderam participar de atividades esportivas. Somente no final do século XIX, por meio de uma proposta de Rui Barbosa (1882), é que elas ganharam o direito de participar de ginástica. Rosemberg (1995, p. 280) argumenta que:

No contexto dessa cultura, a corporalidade feminina se definia em função da suposta missão das mulheres como reprodutoras. Se a elegância e a delicadeza eram ‘atributos femininos’ altamente valorizados, as práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as ideias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. Houve um receio grande em relação ao exercício físico para as meninas, atitude que no final do século XIX começou a modificar-se timidamente, como pode ser observado na proposta de 1882 de Rui Barbosa, na qual as escolas primárias deveriam abrir “uma seção especial de ginástica [...], tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura”.

Segundo o autor, antigamente, as mulheres e meninas eram consideradas como alguém que não entendia de futebol, de esportes; a percepção e opinião delas não eram consideradas e sua participação era proibida, inclusive por meio de um Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, que proibia às mulheres participar em esportes incompatíveis com as condições físicas delas, tais como futebol de salão, de praia, beisebol e luta, entre outros, como aponta Rosemberg (1995, p. 284):

Em concordância com essa análise, no âmbito da prática corporal prevaleciam as restrições; tanto é que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza. Regulamentado em 1965 por uma deliberação do Conselho Nacional dos Desportos, proibindo às mulheres de qualquer prática de luta, futebol de salão, de praia, polo aquático, polo, rúgbi, halterofilismo e beisebol.

A luta das mulheres para conseguirem ser ouvidas, consideradas e respeitadas foi árdua. Apenas nas primeiras décadas do século XX, é que as mulheres conseguiram tal participação, por meio do declínio da domesticidade feminina, em que o padrão da fragilidade começou a ceder espaço para um novo ideal, mais adequado à noção da mulher, que é uma pessoa ativa. Atualmente, as mulheres não só dão opiniões, como também se tornaram jogadoras, com direito a passe, a times de mulheres, conquistando espaço em olimpíadas e em outras competições.

Adelman (2003, p. 448) destaca:

Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos [...] Por exemplo, os esportes continuam sendo avaliados em termos de gênero, incluindo tanto os que se tornaram unissex', quanto os que são vistos como potencialmente 'masculinizantes' para as mulheres.

Cabe ressaltar que, em assunto de esporte, não foram só as mulheres que sofreram com a discriminação de gênero. Os homens também enfrentaram e ainda enfrentam discriminação em algumas práticas esportivas, como, por exemplo, na ginástica rítmica, na qual ainda não consta a participação masculina. No entanto, dentro da família, algumas vezes, ocorrem também separações sexistas na educação de meninos e meninas, na qual o fato de pertencer a tal sexo disponibiliza ou não algum tipo de privilégio, como se isso viesse a contribuir na masculinidade ou feminilidade da criança.

Mandelbaum e Mandelbaum (2005) apontam para o fato de a família sempre ter sido um lugar seguro para acolher as crianças em seus primeiros anos de vida, contexto em que se deve atentar para a questão de serem elas efetivamente capazes de percorrer, com eficiência, todo o caminho que leva um menino ou uma menina a se tornar um homem ou uma mulher.

Por meio dos autores pesquisados, foi possível perceber a luta tanto de homens como de mulheres tentando encontrar o seu verdadeiro lugar no mundo, ou o sentido de ser masculino e de ser feminino. Isso, sem tantas restrições que mais limitam o desenvolvimento da intimidade nos relacionamentos, seja na condição de namorados, de amigos, de pais, seja na de filhos, a fim de poder ajudar a se conhecerem, a se respeitarem e assim desenvolverem uma parceria justa e respeitosa na luta pela construção de uma sociedade mais capaz de lidar com tantas diferenças, e assim poder educar as crianças para que, desde a mais tenra idade, possam conviver em harmonia com as diferenças entre ser menino e ser menina, o que não os torna melhor nem pior, mas que, num dado momento, se completa.

Valendo-se de alguns autores, na parte específica pertinente ao desenho das crianças participantes deste trabalho (cap. 9), esta pesquisadora apresenta as devidas análises em relação ao assunto ora abordado.

7 OBJETIVOS

7.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as formas relatadas de expressão do afeto e a manifestação do amor, num grupo de crianças na faixa etária de seis a dez anos.

7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar, por meio de relatos e desenhos, as formas como crianças de ambos os sexos se expressam acerca das relações afetivas e do amor.

Identificar, por meio da análise de relatos, desenhos e história do desenho, a influência das formas como as crianças de ambos os sexos se expressam acerca das relações afetivas e do amor.

Investigar, pela análise de relatos dos pais, as possíveis performances das formas nos processos de introjeção e expressão do afeto nas relações cotidianas infantis.

Verificar, por meio da expressão no teste HTP-F, o modo como a criança se vê na relação familiar e como se relaciona com sua família e, ainda, como ela manifesta os seus sentimentos, associando com dados colhidos na entrevista e na observação participante.

Neste capítulo, procura-se mostrar os caminhos percorridos nesta pesquisa, comentando inicialmente a respeito da escola escolhida para a coleta de dados, e justifica-se a opção por essa instituição de ensino detendo-se em algumas reflexões metodológicas, ou seja, nos procedimentos utilizados na investigação.

8.1 O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO: LOCAL DA PESQUISA

As crianças participantes desta pesquisa estudam na escola O Pequeno Bandeirante, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Foi fundada no ano de 1983, atende crianças do maternal ao 5º ano e está localizada próximo ao centro da cidade. A instituição está situada em uma área de 3.500 m², com nove salas de aula, uma cozinha, uma sala para os professores, um laboratório, duas salas dos diretores, um depósito, uma sala de materiais, um ateliê para pintura, a secretaria, nove banheiros, horta, piscina, campo de futebol, parque com brinquedos recreativos, viveiro com animais e um lago natural com peixes do Pantanal (FIGURA 1).

Em torno de dezessete anos, funcionou nos dois períodos: matutino e vespertino. Como o número de alunos do período matutino diminuiu bastante, segundo informações da secretária, esse turno foi extinto e passou a funcionar, então, apenas com o período vespertino. Atualmente, conta com três turmas no período matutino: Maternal I, Maternal II e Jardim I e com nove turmas no período vespertino: Maternal I, Maternal II, Jardim I, Jardim II, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º séries. Possui um total de 128 alunos, sendo 71 da pré-escola e 57 do ensino fundamental.



FIGURA 1 - Painel de imagens da escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.

A escola tem como proposta

Compartilhar um grande ideal de educação, criando e implementando uma escola de educação de crianças (educação infantil e 1ª etapa do ensino fundamental). Ser efetivamente uma referência de educação personalizada e de qualidade, tanto no conteúdo pedagógico quanto nas relações com as crianças, professores e funcionários, com as famílias e com a rede de profissionais especializados na saúde e desenvolvimento infantil (ESCOLA O PEQUENO BANDEIRANTE, 2008, p. 5).

A metodologia de ensino da escola, segundo seu regimento interno, fundamenta-se em estudiosos da área, como: Montessori, Freinet, Piaget, Wallon e Vygotsky.

Nessa escola, ocorrem atividades que a diferenciam de outras, como, por exemplo, o Momento Cívico que acontece todas as segundas-feiras, cada semana com uma turma responsável pelo material colocado para reflexão, geralmente algo relacionado à Bandeira do Brasil, à preservação da natureza, aos relacionamentos interpessoais (FIGURA 2).



FIGURA 2 - Painel de imagens dos alunos, em Momento Cívico, da Escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.

8.2 MÉTODO

Nesta parte, faz-se uma breve explicitação sobre o método qualitativo empregado no trabalho, uma fundamentação sobre as técnicas utilizadas no estudo, os procedimentos realizados nas fases da coleta de dados e na análise dos resultados.

Por quatro meses, visitou-se O Pequeno Bandeirante, para a realização de uma pesquisa, um estudo de caso baseado em entrevistas, para observação regular do cotidiano de algumas crianças e aplicação de testes projetivos.

Para a construção da análise, optou-se pelo Método Clínico Qualitativo, que toma a pesquisa como algo sempre em construção, e o pesquisador, como o principal instrumento da

pesquisa, apreendendo e registrando os dados encontrados, no ambiente natural de observação e coleta. O Método Clínico Qualitativo leva em conta o significado que as pessoas dão às coisas, aos fatos e a sua vida.

O método clínico qualitativo de estudo de caso busca descrever a pessoa dentro de um contexto no qual se encontra inserido, sem a manipulação proposital do pesquisador, levando sempre em consideração a cultura. Os pesquisadores qualitativos investigam os acontecimentos em seu cotidiano, ressaltando a qualificação dos fatos então estudados, mais que sua quantificação. Em outras palavras, as técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa não favorecem a observação para quantificar, mensurar e explicar os acontecimentos por via de simples estatísticas (CALIL; ARRUDA, 2004).

Para Turato (2003), o que interessa ao pesquisador qualitativo é o significado, o sentido que os acontecimentos representam para as pessoas, expressos por meio da fala e do comportamento. A mira de seu interesse é sempre o significado que as coisas ganham de um único indivíduo ou de um determinado grupo. Ou seja, ele quer entender e interpretar não as pessoas em si mesmas, para depois dizer o que pensa que acontece com elas; o pesquisador qualitativo quer é compreender os processos com que as pessoas dão significados e descrevem seus sentidos.

O método clínico qualitativo surgiu para preencher uma lacuna existente na produção científica, até meados do século XX. Os métodos utilizados até então não permitiam ao pesquisador compreender de maneira tão eficaz os sentidos e significações dados por pessoas e grupos a suas vidas e relações.

Segundo Turato (2003, p. 230):

Os três pilares sustentadores da metodologia clínico-qualitativa consistem nas seguintes particularidades: a) A ATITUDE EXISTENCIALISTA: da valorização dos elementos “angústia” e “ansiedade”, presentes na existencialidade do sujeito a ser estudado; b) A ATITUDE CLÍNICA da acolhida dos sofrimentos emocionais da pessoa, inclinando-lhe a escuta e o olhar, movido pelo desejo e hábito de proporcionar ajuda; c) E A ATITUDE PSICANALÍTICA do uso de concepções vindas da dinâmica do inconsciente do indivíduo, tanto para a construção e aplicação dos instrumentos auxiliares, assim como para referencial teórico para discussão dos resultados. Foram utilizados alguns teóricos da psicanálise e da psicologia psicodinâmica, com recortes de reflexões sobre gênero.

O autor considera que fazer ciência é, rigorosamente, fazer teorias. Para ele, uma teoria é uma “visão elaborada e complexa” daquilo que pode passar despercebido aos olhos da maioria das pessoas, mas que se torna perceptível para o pesquisador.

O estudo de caso permite a utilização de várias fontes de informação, podendo cruzá-las, confirmá-las ou rejeitar hipóteses. O conhecimento é construído na interação sujeito e objeto, numa relação dialética e intersubjetiva.

Para Calil e Arruda (2004, p. 97):

O estudo de caso procura, também, retratar os diferentes pontos de vista conflitantes sobre uma mesma situação, colocando, além disso, sua própria visão sobre o assunto. Utiliza-se, para seu desenvolvimento, uma forma de linguagem mais acessível, comparada a outras pesquisas, já que os dados podem ser apresentados por meio de narrativas, ilustrações, citações, desenhos, fotografias, colagens, exemplos, descrições.

O método clínico-qualitativo considera as angústias e ansiedades existenciais das pessoas envolvidas no estudo e acata um conjunto interdisciplinar de referências teóricas, com especial atenção às concepções psicanalíticas básicas em função de seu caráter pessoal e e/ou de difícil verbalização no campo emocional (TURATO, 2003).

As técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa foram a entrevista, a observação participante, as aplicações de testes.

Na pesquisa qualitativa, a observação ocorre naturalmente no contato direto do pesquisador com os participantes. O entrevistador, ao mesmo tempo em que observa os participantes, também se observa enquanto partícipe da elaboração do conhecimento. Assim, o entrevistador é parte do campo, ou seja, ao mesmo tempo em que exerce o seu papel objetivo de observador, ele também desempenha um papel subjetivo de participante, que é objeto de sua pesquisa. Segundo Bleger (1998) e Calil e Arruda (2004), essa posição coloca-o numa condição privilegiada para perceber e descrever o comportamento humano, não havendo como fazer uma pesquisa qualitativa séria, sem essa inserção do observador no campo da observação.

Lüdke e André (1986) propõem que, para realizar uma observação qualitativa, o pesquisador precisa fazer registros descritivos, separar os detalhes relevantes dos triviais,

fazer anotações organizadas e utilizar meios rigorosos para validar suas observações. Precisa ainda estar mentalmente preparado para permanecer concentrado durante o tempo de observação.

A observação participante foi a opção feita para esta pesquisa. E assim sendo, inseriu-se a pesquisadora como observadora no contexto de sua observação, no espaço interno e próximo da escola considerada.

Segundo Pais (2008, p. 166), o “[...] estudo de casos é um método de pesquisa utilizado na investigação de fatos importantes para o conhecimento científico, que ocorrem no cotidiano da vida dos indivíduos que se tornam objetos de estudo.” Devido a sua forma, ele não pode ser reproduzido ou estudado dentro de um laboratório científico.

A investigação é um Estudo de Caso, e para Calil e Arruda (2004), o estudo de caso é aquele que tem o seu foco voltado para um caso específico e que visa apresentar um quadro claro de uma unidade em ação. Esses autores advertem que o caso precisa ser bem demarcado e descrito com clareza e que é suficiente para fundamentar um julgamento fidedigno e indicar possível intervenção.

Um Estudo de Caso pode até ser semelhante a outros casos, no entanto, precisa ser qualificado e despertar interesse próprio. A curiosidade deve estar naquilo que ele tem de único, ainda que mais tarde alguém venha a estudá-lo e perceber semelhanças com outros casos. Devido a sua particularidade singular, um estudo de caso não pode jamais suscitar generalizações. Nada é em todos os casos, por ter sido em um caso.

Para a construção da análise nesta pesquisa, valeu-se ainda da apreciação do desenho das crianças então observado.

Sabe-se que o desenho é uma das maneiras mais utilizadas pelas crianças para expressar o que sentem e pensam a respeito de algo.

Segundo Darrault-Harris e Grubits (2001, p. 153):

O desenho infantil, em cada etapa da evolução das atitudes intelectuais, perceptivas e motoras das crianças, representa um compromisso entre suas intenções narrativas e seus meios. Trata-se, portanto, de um campo de estudos original de psicologia da criança.

Ocampo, García-Arzeno e Piccolo (1979) sugerem que o traçado das figuras dá acesso a estratos básicos e que constituem expressão menos controlada da personalidade do sujeito.

A expressão gráfica tem um conteúdo simbólico importante e possibilita, por meio da projeção da personalidade, a manifestação de conteúdos mais profundos e inconscientes.

8.3 ASPECTOS ÉTICOS

Nesta pesquisa houve, do começo ao fim, a preocupação com a ética, tanto no sentido amplo, quanto no que tange à reflexão ética para o contexto mais específico deste estudo.

Durante todo o procedimento de coleta e análise dos dados, procurou-se seguir os critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Psicologia, na sua Resolução n. 016, de 20 de dezembro de 2000, que normatiza a pesquisa com seres humanos, na área da Psicologia. Considerou-se também a Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, que aborda essa mesma matéria. Assim, por ter sido uma pesquisa com seres humanos, foi necessário seguir alguns princípios de natureza ética. Para assegurar uma conduta ética, foram adotadas algumas providências: encaminhamento prévio do projeto de pesquisa para apreciação e juízo do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (ANEXO). Uma vez aprovado, solicitação às pessoas participantes e/ou responsáveis que efetuassem a leitura e, posterior, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com conteúdo claro e objetivo, visando informar a respeito dos objetivos, procedimentos e os cuidados éticos que seriam tomados (APÊNDICE A).

8.4 INSTRUMENTOS

As técnicas da pesquisa qualitativa empregadas nesta pesquisa foram: a entrevista, a observação participante, teste HTPF e o estudo de caso.

8.4.1 Entrevista

Utilizou-se de entrevista semiestruturada, tanto com os pais como com as crianças individualmente (APÊNDICE C). A entrevista semiestruturada é largamente utilizada não apenas nas atividades científicas, mas também em vários outros segmentos da sociedade. Conforme Calil (2001) a entrevista, ao lado da observação, é um dos procedimentos básicos da coleta de dados em pesquisa qualitativa. No campo de aplicação da psicologia clínica, a entrevista é considerada como uma técnica científica da maior importância.

Pelo fato de a entrevista ser uma técnica de investigação científica, Bleger (1998, p. 1) explica que, por meio de sua utilização, é possível “[...] levar a vida diária do ser humano ao nível de conhecimento e de elaboração científica. E tudo isso em um processo ininterrupto de interação”.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

A entrevista favorece uma relação de interação entre o entrevistador e o entrevistado, criando uma atmosfera em que um pode influenciar e receber a influência do outro. E para Minayo (1996), na entrevista não estruturada, a ordem dos assuntos abordados não obedece a uma sequência rígida e, sim, é determinada frequentemente pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos assuntos em pauta. A autora, ao abordar as entrevistas abertas, semiestruturadas e não estruturadas, lembra que elas podem ser realizadas verbalmente ou por escrito, mas geralmente contam com a presença do pesquisador e costumam promover um intercâmbio entre o entrevistador e seu entrevistado. Elas, na maioria das vezes, são complementadas por outras formas de observação participante.

Segundo Lüdke e André (1986), na entrevista semiestruturada, não há a obrigatoriedade de seguir uma ordem rígida de questões. O entrevistado tem liberdade para falar sobre o tema proposto baseado nas informações que tem a seu respeito. Na realidade, o entrevistador dá voz e liberdade ao entrevistado, ouvindo o que este tem para falar sobre o tema proposto, e isso consiste na verdadeira razão da entrevista.

Neste estudo, para a realização das entrevistas, estabeleceu-se um roteiro prévio, empregado, porém, com a flexibilidade necessária. Isso possibilitou combinar perguntas fechadas e abertas, permitindo aos entrevistados discorrerem sobre o que falaram sem se prenderem a tantas indagações formuladas. Noutras palavras, esses momentos foram, como sugere Minayo (2007, p. 64), “[...] acima de tudo uma conversa a dois”.

Por se tratar de uma conversa com propósito, essas entrevistas permitem que tanto o entrevistado quanto o entrevistador possam se posicionar do lugar de onde estiverem falando.

O roteiro da entrevista foi realizado levando em consideração os objetivos da pesquisa e a teoria do desenvolvimento psicológico infantil, da Psicanálise e da Psicologia Psicodinâmica.

8.4.2 Observação participante

Na pesquisa qualitativa, a observação ocorre naturalmente no contato direto do pesquisador com os participantes. O entrevistador, ao mesmo tempo em que observa os participantes, também se observa enquanto partícipe da elaboração do conhecimento.

Para Bleger (1998), o entrevistador é parte do campo, ou seja, ao mesmo tempo em que ele exerce o seu papel objetivo de observador, também desempenha um papel subjetivo de participante, que é objeto de sua pesquisa. Segundo esse autor, essa posição coloca-o numa condição privilegiada para perceber e descrever o comportamento humano.

Calil e Arruda (2004) argumentam que não há como fazer uma pesquisa qualitativa séria, quando o observador não se insere dentro das significações que os indivíduos atribuem aos seus atos.

Lüdke e André (1986) ressaltam que, para realizar uma observação qualitativa, o pesquisador precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Ele também precisa preparar-se mentalmente para permanecer concentrado durante a observação.

A observação participante foi de extrema valia na análise. Cada criança foi observada durante a aula num período aproximado de uma hora e meia a duas horas, isso porque, para as que foram observadas antes do recreio, o tempo era de duas horas e para as de depois do recreio, de uma hora e meia. Elas também foram acompanhadas durante o recreio de trinta minutos com cada criança. A pesquisadora ainda esteve presente com elas durante todos os recreios e em outros momentos cotidianos da escola (FIGURA 3).



FIGURA 3 - Painel de imagens dos alunos, em brincadeiras na área externa, da Escola O Pequeno Bandeirante, em 2008.

8.4.3 Estudo de caso

Segundo Pais (2008, p. 166), o “[...] estudo de casos é um método de pesquisa utilizado na investigação de fatos importantes para o conhecimento científico, que ocorrem no

cotidiano da vida dos indivíduos que se tornam objetos de estudo”. Devido a sua forma, ele não pode ser reproduzido, ou estudado dentro de um laboratório científico.

Para Calil e Arruda (2004), o estudo de caso é aquele que tem o seu foco voltado para um caso específico e que visa apresentar um quadro claro de uma unidade em ação. Os autores advertem que o caso precisa ser bem demarcado e descrito com clareza e que é suficiente para fundamentar um julgamento fidedigno e para indicar uma intervenção.

Ele pode até ser semelhante a outros casos, no entanto, precisa ser qualificado e despertar interesse próprio, ou seja, a curiosidade deve estar naquilo que ele tem de único, ainda que, mais tarde, alguém venha estudá-lo e perceber semelhanças com outros casos. Devido a sua particularidade singular, um estudo de caso não pode ser generalizado.

8.4.4 Teste do desenho

Sabe-se que o desenho é uma das maneiras mais utilizadas pelas crianças para expressar o que sentem e pensam a respeito de algo. Por essa razão foi escolhida essa técnica.

Segundo Darrault-Harris e Grubits (2001, p. 153):

O desenho infantil, em cada etapa da evolução das atitudes intelectuais, perceptivas e motoras das crianças, representa um compromisso entre suas intenções narrativas e seus meios. Trata-se, portanto, de um campo de estudos original de psicologia da criança.

A expressão gráfica é, por muitos, considerada como menos possível de controle do que a verbal, tem um conteúdo simbólico e possibilita, por meio da projeção da personalidade, a manifestação de conteúdos mais profundos e inconscientes.

O desenho também tem sido utilizado associado a histórias, como técnica de investigação clínica (TRINCA. 1997). De acordo com o autor, este procedimento tem servido como uma diretriz metodológica básica de pesquisas qualitativas na área da saúde, sendo utilizado para levantar características comuns em grupos específicos.

O HTP (House-Tree-Person) é uma técnica projetiva de desenho, que visa adentrar na personalidade da pessoa. É considerado sensível a aspectos inconscientes ou velados do

comportamento e permite ou encoraja uma ampla variedade de respostas na pessoa, pois o desenho apresenta um potencial facilitador na expressão da personalidade. Por ser um meio de expressão e de comunicação, revela muito do inconsciente daquele que desenha, ou seja, mostra mais sobre o artista do que sobre o objeto retratado.

8.5 PROCEDIMENTOS

Como procedimento inicial, foi estabelecido contato com a proprietária e diretora da escola, e solicitado autorização para a realização da pesquisa. O momento seguinte se deu após a autorização pelo Comitê de Ética, quando então se enviou uma carta-convite (APÊNDICE A) aos pais das crianças do 1º ao 5º ano. Nessa carta, foi-lhes informada, de maneira clara, a realização da pesquisa científica intitulada “AS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE CUIABÁ-MT E AS SUAS MUITAS CARAS DO AMOR: UM ESTUDO DE CASO”. Todos os pais das crianças referentes ao Ensino Fundamental citado acima foram convidados, e o comparecimento foi facultativo. Aos interessados presentes à reunião foram explicados detalhes da pesquisa e o modo como as crianças poderiam participar, tais como: ter entre seis e dez anos e estar inserida em uma das salas de aula do 1º ano ao 5º ano. Também, foram explicadas aos pais as questões éticas que envolveriam essa pesquisa, o que se encontra no Apêndice A.

As entrevistas com os pais dos participantes desta pesquisa se deram com o pai e a mãe, juntos quando isso foi possível. Foram feitos três encontros com cada um. Os relatos das reuniões com os pais encontram-se aqui no Apêndice B.

As entrevistas com as crianças se deram individualmente, numa sala privativa e reservada para tal, próxima ao laboratório, à piscina e sala de aula do Jardim I. Numa sala à parte, pôde-se preservar o sigilo e a não interferência de outros, embora nas gravações das entrevistas perceba-se o barulho vindo da sala do Jardim I, contígua à da pesquisa.

Num primeiro momento, foram feitas as entrevistas individuais e, posteriormente, a aplicação do teste com os desenhos das crianças o HTP-F (House, Tree, Person, Family). O HTP é uma técnica projetiva de desenho que visa penetrar na personalidade do sujeito, estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito do examinando (BUCK, 2003).

Nos desenhos, solicitou-se à criança olhar para a família desenhada e escrever uma frase que combinasse com essa família, com o objetivo de verificar como a criança percebe a sua família e como se vê em relação a ela. Após a aplicação do HTP-F, que cada criança representasse, por meio do desenho o que era para ela o amor; em seguida, que construísse uma história baseada no desenho realizado por ela.

A coleta e construção de corpus de dados se deram durante três meses, realizando-se visitas à escola. No início, duas vezes por semana (quatro horas cada visita); depois, devido à proximidade das férias de julho e à necessidade de concluir a pesquisa antes das férias, passou a cinco dias na semana (quatro horas cada visita), para realização das conversas individuais com as crianças e do teste HTP-F e representação do amor em forma de desenho e suas respectivas histórias, resultando num total de oito encontros com cada criança.

As observações e o convívio no ambiente escolar pátio, sala de aula, deram-se com a permissão e ciência da criança, em período de uma hora para cada uma em cada ambiente. Essa metodologia possibilitou acesso a alguns momentos de convivência com as crianças, e também com seus pais, tendo como cenário a escola.

8.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os desenhos das crianças foram analisados, guardados e acondicionados em pastas, e as entrevistas gravadas e transcritas literalmente. As anotações do diário de campo também foram utilizadas para ajudar na compreensão dos dados. Algumas dessas notas de campo foram das mais relevantes para o entendimento do que foi exposto pelos participantes.

Inicialmente, houve um levantamento bibliográfico para a busca de referências e alguns conceitos teóricos da Psicanálise e da Psicologia Psicodinâmica, necessários para a compreensão do objeto deste estudo.

Os dados coletados foram analisados por meio da escolha de temática pertinente ao referencial teórico comentado pelo levantamento bibliográfico e coerente com os objetivos propostos. Desde os primeiros dados levantados, foi feita uma análise e interpretação das falas dos pais e das crianças, obtidas nas entrevistas, nas histórias contadas por elas acerca de seus desenhos. Em todo o momento da análise, sempre se levaram em conta os fundamentos

teóricos relativos à Psicologia Psicodinâmica e alguns aportes da Psicanálise, expostos na parte das referências bibliográficas.

A pesquisa se deu com um total de quatro crianças, sendo duas meninas e dois meninos. Do 1º ano do Ensino Fundamental houve três crianças, uma menina e dois meninos com idade de seis anos. Do 3º ano participou uma menina de nove anos. Todas as crianças participaram após o consentimento dos seus pais.

A escolha dos participantes se deu com a presença dos pais à reunião. Dizendo de outro modo, foram os pais que escolheram as crianças – os seus filhos – e a si mesmos como participantes do Estudo de Caso. Ao aceitarem o convite para a reunião e, daí, ao assinarem um termo de compromisso com a pesquisa, esses pais, na realidade, fizeram uma terceira escolha. Foi assim que se percebeu que a pesquisadora não os escolheu, mas foi escolhida e acolhida por eles.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os relatos obtidos com as entrevistas, busca-se eleger passagens relevantes na fala dos pais e das crianças, associando os dados que puderam ser extraídos dos desenhos e relatos das histórias contadas pelas crianças.

9.1 AS CRIANÇAS

A análise dos dados segue os princípios encontrados na Psicologia Psicodinâmica, que tem como princípio básico analisar como o homem se relaciona consigo e com os outros, dá sentido ao homem enquanto espécie e o estabelece como ser histórico que tem uma identidade, alguém que tem algo para falar e que pode, assim, ser compreendido por um interlocutor. Também segue os princípios da abordagem psicanalítica segundo os autores: Freud, Klein, Winnicott e Dolto.

Neste trabalho, as crianças são identificadas por nomes fictícios Alice e Bia para as meninas, e os meninos, Carlos e Daniel. As quatro crianças estudam no período vespertino que começa às 13h e vai até às 17h30; três delas – Alice, Carlos e Daniel são do 1º ano e estão aprendendo a ler e escrever, enquanto Bia é do 3º ano:

Ele está no C. A.², a paixão dele é aprender a ler e escrever, isso é todo dia. Hoje, no cardápio, lá no almoço, ele: “Mamãe, feijão”. Lendo o cardápio das plaquinhas, eu achei assim lindo – ele: “Já sei mamãe”. (Mãe de Daniel)

Duas das crianças são filhos primogênitos – Alice e Daniel, um é filho único – Carlos, e uma é filha do meio – Bia:

Ela é a minha filha mais velha, é do meu primeiro casamento [...]. O irmãozinho, ele é muito pequenininho. (Mãe de Alice)

Ele é o nosso filho mais velho [...]. Tem um irmãozinho de três anos. (Pai de Daniel)

Ele não tem irmão, é filho único. (Mãe de Carlos)

Ela tem duas irmãs. Sendo que a mais velha é excepcional, não anda, usa cadeira de rodas [...] a irmãzinha dela, a Bianca é a caçulinha. (Mãe de Bia)

² C.A. Classe de Alfabetização, que há dois anos mudou para 1º ano.

Três dessas crianças – Alice, Bia e Carlos – contam com o convívio e apoio dos avós no dia-a-dia.

A convivência diária de pais, avós e netos, ou seja, o convívio de três gerações na mesma casa pode ser considerado como algo positivo. Nas famílias em que três gerações – avós, pais e netos – passam a viver juntas, criam-se novos arranjos familiares para melhor administrar o cotidiano, como já foi reportado por Peixoto e Luz (2007).

A interação com outros familiares na mesma casa é uma forma importante de transferência e suporte entre gerações (CAMARANO, 2003). Parece que, para essas crianças, está sendo um benefício esse estreitamento da relação no convívio diário com os avós, em que a criança manifesta o seu amor e gratidão aos avós, bem como os avós podem presentear-los com a história familiar, acrescida do carinho e dedicação manifestos nos cuidados diários, como se pode perceber por meio dos relatos:

Ah, porque ela tipo assim: “vó”, chama a avó pra cá, abraça a avó, sobe no colo da vó, dependura no pescoço dela. (Mãe de Bia)

Com o avô e a avó paternos dela, ela é excepcional, é outra. Como se fosse uma outra mãe pra ela, porque ela é bem..., porque eles tratam ela como se fosse uma filha; eu vejo que não é nem como uma neta. (Mãe de Alice)

Os avós, porque minha mãe é que me ajuda né, com ele [...] porque eu trabalho[...]. Ela que me ajuda, que é meu apoio assim nesse sentido porque com o pai eu não posso contar assim de nada [...]. Aí minha mãe dá a janta já deixa só pra eu passá pra pega pra ir embora pra casa [...]. Ele [...] é diferente em relação à avó do lado do pai dele. Porque a avó de lá é muito galinhona [maneira de se referir à pessoa que dá aconchego], ela protege, ela é carinhosa e minha mãe não é. Meus pais, eles não são carinhosos, eles são assim de chamar atenção, tudo chama atenção, e Carlos não gosta que fica chamando atenção [...]. Ele não abraça, não beija, nada. (Mãe de Carlos)

Segundo a mãe de Alice, falar para Alice que ela está linda a deixa encabulada.

Alice demonstra ser uma criança sociável e atenciosa com os coleguinhas, o que pode ser percebido com a observação da participante em sala de aula:

Alice enquanto pinta conversa com a colega do lado sobre a cor que tinha escolhido para pintar. Ela pinta e canta com a colega do lado a música: “Fada querida”. Fica em pé o tempo todo que está pintando. Elas formaram um trio, em pé pintam e cantam. Alice em pé no seu lugar, concentrada, está fazendo as atividades, depois de vez em quando conversa com as colegas do lado. Ao terminarem a lição fica esperando as professoras passarem pelas carteiras fazendo a correção. (Observação 1)

No recreio Alice recebe uma demonstração de amor de sua colega:

Ela esqueceu de trazer lanche de casa, mas a coleguinha do lado, divide o lanche com ela. Ao terminar de lanchar, sai da sala acompanhada por duas amigas e a pesquisadora. No caminho foram conversando. Alice e suas colegas resolvem brincar de procurar pedra e colocar dentro da caixa de papelão no parquinho e depois por todo o pátio da escola. (Observação 2)

Bia é bolsista na escola e parece saber aproveitar a oportunidade que está recebendo, notado por meio da observação participante em sala de aula:

A professora devolve para as crianças um trabalho que fizeram no dia anterior para refazerem a margem. O de Bia não precisa fazer a margem e ela recebe um elogio da professora: “Da Bia está ótimo, só a letra que precisa melhorar”. (Observação 3)

E no recreio, Bia demonstra ser extrovertida, brincalhona com as colegas:

Ela sorri para os colegas o tempo todo; começa a abrir o seu lanche estando em pé, a professora pede para ela sentar-se. Esconde o garfo da coleguinha dela; quando a colega chega, Bia e as outras colegas começam a rir. (Observação 4)

Carlos conversa muito e passeia pela sala de aula:

Ele sobe na mesa e pula do outro lado, sai correndo da sala, volta correndo e vai à carteira do colega conversar, depois volta, senta em seu lugar, pega um chiclete, tira o papel, levanta-se e coloca o papel no lixo. Volta para o seu lugar, senta-se por alguns segundos, levanta de novo, vai à carteira do colega conversar, volta, senta-se e se debruça sobre a carteira. O colega dele estava distribuindo a atividade, entrega uma para ele; imediatamente, Carlos começa a fazer. (Observação 5)

No recreio, durante a festinha de aniversário de seu colega, Carlos mostra-se bem desenvolvido:

Carlos se levanta e vai sozinho se servir novamente, quando volta, vem sorrindo. Continua comendo e balançando as pernas e os pés. Volta lá, se serve novamente de salgado e suco. Entrega o pratinho para a professora e fica com um salgado na mão, comendo e andando de um lado para o outro. Pega mais suco de uva, toma e volta a sentar-se e a balançar as pernas. (Observação 6)

Daniel, em sala de aula, é atencioso e consegue ficar quieto enquanto faz os deveres:

Ele parece ser rápido e concentrado no que faz, na maioria das vezes, é o primeiro a terminar. É incrível como ele consegue se manter concentrado no meio de tanta gritaria. Ele termina e continua quieto em sua carteira, com o dedo na boca. Tem uma coleguinha que toda hora vem até a carteira dele, como se fosse pedir ajuda, ele fala e escreve em um papel para ela. (Observação 7)

No campo de futebol, Daniel é um dos que mais corre e tem domínio de bola.

No Quadro 1 apresenta-se a síntese das características das crianças participantes da pesquisa.

QUADRO 1 - Características das crianças

Item	Características
1	Meninos: Carlos e Daniel
2	Meninas: Alice e Bia
3	Idade: Três de seis anos e uma de nove anos.
4	Série: 1º e 3º ano anos
5	Alice e Daniel são primogênitos, Carlos é filho único e Bia filha do meio
6	Alice, Bia e Carlos contam com o convívio e apoio dos avós no dia a dia

9.2 CARACTERÍSTICAS DOS PAIS

Das quatro crianças, apenas o pai e a mãe de Daniel vieram juntos para a entrevista. De Carlos, Bia e Alice quem veio foi a mãe deles. Isso pode ser pelo fato de os pais serem separados, e os pais da Alice não se casaram, ou seja, a mãe dela a assumiu sozinha. Seus pais eram namorados quando a sua mãe engravidou. O pai não procura a filha e não ajuda financeiramente, conforme conta Bia, mostrando-se indignada. É possível constatar essa particularidade nos seus comentários diante do desenho feito por ela com o tema da Família Ideal. Ela comentou o que gostaria em relação ao pai:

Ele me ajudasse. Que ele comprasse as coisas pra mim, me desse dinheiro, passeasse comigo.

A mãe de Alice é jovem, comunicativa e sorridente. Mas, segundo ela própria, é muito nervosa:

[...] eu sou uma pessoa que eu tento me policiar, porque sou uma pessoa nervosa, pessoa ansiosa... é... às vezes, eu falo alto, mas é o meu jeito de me expressar e não é assim... que falo alto porque to brava com alguma coisa. Mas, eu tô tentando, até uma questão pessoal, melhorar isso comigo mesma.

A idade atual dos pais das crianças está entre 31 e 41 anos para os pais, e entre 31 e 35 anos para as mães. Os pais de duas das crianças, Alice e Carlos, são divorciados, e apenas os de uma criança ainda estão casados. O estado civil em relação ao pai/mãe das crianças na

época do nascimento delas era de quase todos casados, exceto os pais de uma criança que foram apenas namorados:

Eu não moro com o pai da Bia. Nós só fomos namorados. (Mãe de Bia)

Três pais, pai de Alice, de Carlos e de Daniel, e duas mães, são funcionários públicos, sendo dois deles advogados. O grau de instrução de dois casais de pais é superior completo, porém existe um casal de pais que não possuem o grau superior, e um casal que são mestres.

O relacionamento atual com o pai/mãe da criança é considerado por duas famílias como bom, uma mãe considera “péssimo” – não se comunicam –, enquanto outra comenta que conversam o necessário em relação ao filho. Os pais de Daniel e as mães de Alice e de Bia têm outros filhos além do participante desta pesquisa, porém, o pai de Alice, o de Bia e os pais de Carlos não têm outros filhos.

O número de pessoas que moram na casa das famílias é diversificado. Na casa de Alice são quatro pessoas, ela, a mãe, o irmão e o padrasto. Já na casa de Bia, são sete pessoas, ela, a mãe, as duas irmãs, a avó materna, a tia e o primo. Enquanto que na casa de Carlos, mora apenas ele e sua mãe. Na de Daniel, moram cinco pessoas, ele, o pai, o irmão, a mãe e uma tia irmã da mãe.

O responsável pela renda ou pela maior parte da renda familiar em duas casas é a mãe, em uma, o casal, e em outra, o pai.

9.3 A MANIFESTAÇÃO DO AMOR NA FAMÍLIA

Nesta parte, apresentam-se as diferentes formas de manifestação do amor encontradas nas famílias das quatro crianças participantes desta pesquisa. São considerações pertinentes ao amor dos pais pelas mulheres e pelos filhos, das mulheres pelos maridos e pelos filhos. É também, e principalmente, uma análise dessas manifestações, no caso das crianças consideradas.

9.3.1 A manifestação do amor do homem pela mulher e da mulher pelo homem

As respostas são diversificadas. Havendo referências desde a brigas, devido ao desgaste da relação, até carinhos, beijos e abraços, o que se pode conferir nesta fala:

A gente brigava demais, todos os dias. A gente não se respeitava mais. Era só brigas e gritaria e às vezes ela chegava a chorar, mas ela só tinha um ano e meio acho que nem se lembra disso, né? Então foi a fase bebê dela. Então esse... foi o período, desde o nascimento; até um ano e meio eu... estávamos juntos, né. Temos um contato até muito bom, um contato até bem próximo com relação ao que a gente consegue ver hoje dos pais que estão separados [...]. Então, ele tem a responsabilidade de pegá-la na escola, então isso faz com que ele dia-a-dia esteja com ela [...]. A gente se vê diariamente [...]. (Mãe de Alice)

Já em outro momento, a mãe de Alice se contradiz:

Ele ainda é um meninão, tem horas que disputa com ela (filha), a faz chorar. Acho que ele só tem contato com ela porque os pais dele exigem. Os pais dele sim são muito carinhosos, ela parece mais uma filha deles do que neta.

Um clima de desrespeito e intolerância pode tornar tensa e desagradável a convivência não só para o casal, mas também para a criança, ainda que ela seja um bebê, como foi o caso de Alice. Se o relacionamento dos pais, observado e introjetado, serve de esquema para os futuros relacionamentos pessoais, como afirma Siegel (2005), pode-se pensar que, mesmo ainda sendo um bebê de um ano e meio, Alice, de alguma forma, foi afetada por essas experiências diárias. O clima de tensão entre os pais, segundo a mãe, pode ter afetado a formação da sensação de segurança que costuma ser edificada nessa fase.

A mãe de Daniel comentou que, além da demonstração por meio do contato físico, há também a manifestação do amor por meio de um interesse demonstrado em entender o outro:

Olha, eu procuro sempre dar demonstrações de carinho, expressões físicas e também de conduta. Na de conduta, entra a questão de respeito e também de você, muitas vezes, tentar entender, falo tentar entender, porque, a tentativa é de entender, embora muitas nem sempre alguma conduta da gente condiz com aquilo que a pessoa esperava, por exemplo. [...] Mas eh... nós temos o quê?..., um período de oito anos e meio juntos; temos uma série de probleminhas e uma série também de momentos felizes, bons. E compartilhamos disso na medida do possível.

O que sustenta a realidade do mundo é o diálogo entre as pessoas que participam de um compromisso validado socialmente, no caso, o cônjuge com seu par, de acordo com Berger e Kellner (1970). Dessa maneira, pode-se compreender que uma das coisas que podem estar sustentando o relacionamento dos pais de Daniel, pode ser o fato de conseguirem dialogar. Os casais que conseguem ter um bom diálogo são denominados por Parrott e Parrott (2000) como casais felizes, que costumam dialogar livremente sobre assuntos difíceis. Os autores afirmam que isso se torna perceptível num casal, pela maneira como um compreende o outro. Isso pode explicar a impressão que deixaram transparecer durante a entrevista.

Enquanto a mãe de Daniel fala, o pai presta atenção olhando para ela. Quando o marido fala, a mulher também presta atenção no que ele diz. Eles se olham de maneira carinhosa. (Observação 8)

O único pai a participar desta pesquisa, declara que ele costuma demonstrar o amor que sente pela sua mulher com abraços e beijos, inclusive na frente dos filhos:

Eu acho que abraçar e beijar na frente das crianças, acho que é um fator até importante também [...]. A gente tem os nossos problemas também, mas a gente evita também discutir esse tipo de coisa próximo das crianças. Acho que eles não têm idade para compreender a dimensão de um relacionamento. Por isso a gente não tem nenhum constrangimento em demonstrar afeto. Por outro lado, no caso de desavença, discussão, a gente evita discutir com as crianças, próximo das crianças. (Pai de Daniel)

Um casamento que tenha um bom relacionamento precisa ter uma abrangência comparável à que a mãe dá para o bebê, ou seja, o casal precisa acreditar no fato de que as brigas e discordâncias não irão destruir a relação, de acordo com Colman (1994 apud GOMES; PAIVA, 2003).

O relacionamento dos pais costuma ser um modelo na vida dos filhos. Seria bom para a criança crescer observando e introjetando as demonstrações de afeto e carinho entre seus pais. Nessa família, parece que as demonstrações de carinho costumam ser evidentes e, portanto, também o respeito e a consideração. Isso pôde ser percebido desde o primeiro momento de contato com eles por telefone, para marcar um horário para a entrevista. Os dois demonstraram interesse e preocupação em relação ao horário disponível para cada um. Durante a entrevista, também, ao se mostrarem interessados no comentário do outro.

Segundo o relato da mãe de Carlos, antes da separação, já foram considerados um casal exemplar:

Nós éramos um casal exemplar, que eu venho de um namoro desde a adolescência, eu tenho trinta e cinco anos, né, então, desde os dezesseis anos eu namorava ele, e ele tinha dezessete, então nós tivemos uma convivência muito grande, então, nós tínhamos muito carinho assim de afeto de beijos, abraços entre nós. Tanto é que... foi até engraçado, né quando nós separamos, foi automático assim, acabou tudo, acabou o carinho, acabou o pegar, acabou o afeto de estar assim demonstrando, né [...]. Era a forma que a gente demonstrava beijos, abraços e ele junto também né [...]. Era assim que a gente demonstrava. (Mãe de Carlos)

Todo problema de ser casal vem da dificuldade em lidar com as individualidades de cada um, quando cada um tem desejos e percepções do mundo, histórias de vida e identidades individuais diferentes. No entanto, terão que aprender a ser dois em um e a acolherem a possibilidade de o cônjuge não corresponder às suas expectativas (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

De acordo com Capelatto, I. (2007), amor é não é um “mar de rosas”, nem um romance de sussurros e carinhos, mas uma avalanche de gritos, queixas, apelos, xingamentos e, após essa vivência vulcânica, a possibilidade de pedir desculpas, aceitar desculpas, beijar, abraçar, chorar, se necessário, e rir da experiência maior da vida, que é saber amar.

9.3.2 Demonstração do afeto dos pais pelos filhos

Todo ser humano traz consigo a necessidade de sentir-se amado, acolhido. Parece que apenas o saber intelectual de que se é amado não é suficiente: é preciso sentir-se amado e, para que isso aconteça, alguém precisa demonstrar, por meio do cuidado, o amor que sente.

A mãe de Bia e o pai de Daniel comentaram que costumam demonstrar o amor que sentem pelo filho por meio de abraços e beijos. Também houve referências tanto do pai de Daniel como da mãe de Alice a falar ao filho que o ama, a brincar com a criança, a fazer o bolo de que ela mais gosta. Isso pode ser constatado nestas falas:

Quando eu chego do serviço eu abraço e beijo, né. E, tipo assim,... na hora que vai dormir as duas... a outra, não: dorme em meu braço, porque não

cabe na cama, né. [sorri]. Mas, as duas dormem em meu braço [...]. Tipo assim... tem dia que eu estou muito cansada e não quero nenhuma delas em meu braço; a Bia fica triste. Elas ficam tristes, mas, mesmo assim, elas vêm achando um jeitinho e encostam perto de mim. [sorri]. (Mãe de Bia)

Eu abraço, beijo. Falo que eu o amo, que ele é a coisa mais importante pra agente, né [olha para a esposa] com muita franqueza, e faço isso, e repito quantas vezes forem necessárias. Porque, de fato, eles são muito importante pra agente. Eles são a coisa mais importante que a gente tem. (Pai de Daniel)

Quando você deixa muitas vezes de fazer alguma coisa em função deles [...]. Quando, agora recente mesmo, o meu marido foi para Brasília, DF, e só voltaria meia-noite, aí o Daniel não podia ir nesse dia na Escola do Gaúcho³. [...]. Aí, ele terminou a reunião lá mais cedo e conseguiu pegar um vôo antes, então, quando a gente chegou aqui na escola [deu uma gargalhada], a alegria de Daniel foi tão grande. Ele [o marido] poderia ficar lá em Brasília mais tempo, ir pro Shopping, isso tudo [...]. Nesse momento, ele pode não saber que isso tudo aconteceu. Isso é forma de amor. Comigo também, isso é bem tranquilo em relação a externar mesmo a falar e, quando você não vai ao trabalho porque fica com ele, eu falo isso para ele. Eu acho que isso é forma de amor, não está assim explícito, não seria só o eu te amo. E ele, apesar de não ter falado isso, eu vejo nas atitudes dele, que faz em função do bem-estar dele, de vê-lo feliz [...]. Acaba sendo uma grande demonstração de amor, e a gente faz isso verdadeiramente, não porque tem que ou a sociedade cobra, porque parece que para filho é aquela coisa que brota mesmo, que nasce e você acaba sentindo a necessidade disso acontecer. Não é como no serviço, que, às vezes, você vai fazer uma hora extra obrigatoriamente. Então, com filho, não existe essas horas extras, sai fácil mesmo, eles acabam fazendo parte da gente. (Mãe de Daniel)

Brinco com ela quando ela me pede: “Mamãe vamo brincar”. Eu paro, às vezes, o que to fazendo para demonstrar isso co ela [...]. O tempo que eu to co ela eu tento fazer o máximo pra ela senti essa minha presença em casa. To ausente, to longe, mas, eu tento ficá o mais próximo possível através do telefone [...]. É... quando to perto dela tento, por exemplo, ela ama bolo de cenoura, se eu pudesse fazer três vezes ao dia eu faria. Então, é assim pequenos gestos. (Mãe de Alice)

De acordo com Piccinini et al. (2001), a constituição dos padrões de apego depende da sensibilidade da mãe às necessidades da criança, bem como da disposição da criança em utilizar a mãe como base segura, para onde ela retorna quando se sente em perigo ou angustiada.

³ Escola do Gaúcho: Escolinha de Futebol.

A satisfação da necessidade de sobrevivência e de gratificação do desejo de sentir-se amado, conforme Klein e Riviere (1975), está interligada, inclusive, pelo fato de terem vindo da mesma fonte, a mãe. Afinal, foi com ela que a segurança foi estabelecida nos primórdios da infância, quando ela, ao satisfazer as necessidades emocionais da criança, trouxe alívio à ansiedade dela.

A mãe faz parte dos objetos de amor mais importantes na vida de uma criança. Por isso, a sua forma única de abraçar, beijar, aconchegar, e até o seu próprio cheiro fazem dela tão essencial na vida de um bebê e depois na da criança, principalmente quando essa criança é uma menina, que, a partir dos seis anos, precisa se identificar com a genitora para se tornar feminina como ela. Os sentimentos de uma mulher por seu filho constituem, em essência, um modo de linguagem que instrumenta todos os gestos e todas as palavras que a mãe dirige ao filho, conforme Dolto (1996).

O amor dos pais, embora seja comovente, traz em si aspectos infantis, que é denominado por Freud (1915) de “narcisismo dos pais renascidos”, ou seja, os pais, ao terem o amor pelo filho transformado em amor objetal, estariam na verdade revelando sua natureza anterior, em relação ao amor objetal vivido quando filho-bebê com a sua mãe.

Na maioria das vezes, costuma ser por meio da identificação, o processo pelo qual a criança incorpora os valores e as atitudes da cultura em que ela vive para assumir o seu papel na sociedade. A base das diferenciações de ser menino ou menina é biológica, mas as construções e a forma por meio das quais costumam se processar são simbólicas, são sociais. Dessa maneira, a convivência, no sentido de proximidade emocional com o progenitor do mesmo sexo que a criança, torna-se imprescindível nessa fase de formação da identidade sexual, de acordo com Silva (2004).

Quando não há esse envolvimento afetivo entre o pai e o filho, a perda pode ser grande, pois o pai costuma ter um poder enorme sobre o filho. Quando o pai não se envolve com o filho, acaba provocando um sofrimento no filho o que pode perdurar por décadas, segundo Dobson (2003). A presença de ambos os pais é que permite à criança viver de forma mais natural os processos de identificação e diferenciação, e, quando um falta, ocorre sobrecarga no papel do outro, gerando um desequilíbrio que pode causar prejuízo na personalidade da criança, conforme Ferrari (1999).

Os pais são importantes não somente para gerar os filhos, mas também para o processo de desenvolvimento de personalidades saudáveis e de pessoas com uma autoimagem adequada, de acordo com McDowell (1996). Nesse sentido, a família pode funcionar metaforicamente como um espelho no qual a criança pode se ver, e sua autoestima poderá depender em grande parte do valor ou da falta de valor refletido nas pessoas que lhe são importantes, como seu pai e sua mãe. Dessa forma, pode-se afirmar que essas crianças participantes desta pesquisa estão construindo junto aos seus pais, autoestima saudáveis.

9.3.3 Demonstrações do afeto: falam os pais

Nesta parte do trabalho, há indicações acerca das diversas formas como as crianças participantes desta pesquisa demonstram o amor que sentem pelos seus pais, irmãos, amigos e parentes, baseando-me na percepção dos pais delas, o que pode ser extraído de suas falas e finalmente dos desenhos das crianças.

A maneira como a criança costuma expressar seus sentimentos pode estar relacionada com o meio em que ela se encontra inserida. No início da fase de latência, período em que as crianças participantes desta pesquisa se encontram, ela ainda costuma se preocupar muito em agradar a seus pais. Por isso, se a maneira de expressar o afeto que sente pelos pais, irmãos e familiares encontra aceitação, é provável que ela se utilizará dessa maneira, porque no fundo o que ela realmente quer é ter certeza de que está agradando aos pais. Embora a criança já seja capaz de expressar sentimentos complexos como amor, infelicidade, ciúme e inveja nos níveis verbal e não-verbal, esses sentimentos ainda estão muito relacionados a eventos somáticos, como cansaço e fome. Ela se preocupa profundamente em ter aprovação e aceitação das pessoas que lhe são queridas, principalmente de seus pais, conforme Bassols, Dieder e Valenti (2001).

Em relação a pai/mãe/padrasto, duas crianças demonstram o afeto por meio de abraços e beijos. Uma, fazendo desenhos, e outra, tendo proximidade física. Isso pode ser percebido nos relatos dos pais:

O Daniel é daqueles que vem abraça, diz: “Papai eu te amo, você é a pessoa mais importante da minha vida”. (Pai de Daniel)

É mais isso essa questão do beijo, ele fica beijando, e toda hora [...]. É mais assim, mais beijo, nem é tanto o abraço, porque às vezes eu quero ficar

abraçada com ele, mas ele não gosta muito, é mais a questão de tá beijando, toda hora ele qué beijá (Mãe de Carlos)

Por mim, ela ama, eu creio assim, ama até demais [sorri], porque quando eu tô com ela em casa, ela fica em cima de mim direto, quer que eu brinco, eu é que não tenho tempo de brincar com ela, né. (Mãe de Bia)

Ela gosta muito de caneta, lápis, desenhar. Então, ela faz um desenho. A Alice demonstra o carinho dela fazendo desenhos [...]. Com meu marido, meu atual marido, ela demonstra o carinho por ele querendo pegá, querendo tá no colo dele. (Mãe de Alice)

É na família que as pessoas se relacionam e trocam experiências, onde encontram espaço que lhes garantem a sobrevivência, desenvolvimento, bem-estar e proteção integral por meio de aportes afetivos e, sobretudo, materiais, de acordo com Nascimento (2006). Com isso, pode-se afirmar que é na família o lugar no qual a pessoa encontra meios para se desenvolver de maneira saudável ou não. A participação rotineira na vida da criança pode ser estruturante. Porém, o fato de ter família não costuma ser passaporte para a felicidade, é preciso sentir-se pertencente à família. É o desejo que garante a continuidade dos cuidados, mesmo nas situações mais difíceis, conforme Capelatto, I. (1999). E pode ser esse sentimento de pertença que leva uma criança de seis anos a verbalizar ao pai que ele é a pessoa mais importante de sua vida, como fez Daniel, segundo relato de seu pai.

O desenho possui uma analogia total e global com o objeto, a criança costuma desenhar não só a representação daquilo que ela vê, mas também a exposição afetiva daquilo que ela viu ou está vendo no momento do desenho. Algo que lembre a experiência que ela teve com o objeto do desenho, segundo Merleau-Ponty (2006). A criança se utiliza do desenho como uma forma de manter contato com o mundo visível, ou seja, ela procura comunicar, por meio do que desenha, o que percebe e sente. É uma representação gráfica daquilo que a criança quer expressar. Às vezes, se torna difícil para a criança transformar em palavras aquilo que está sentindo, quando então o desenho entra como substituto e de uma maneira muito eficaz. Parece estar acontecendo isso com Alice, como relatou a sua mãe anteriormente. Isso pode justificar a preferência de Alice na demonstração do amor que sente, por meio de desenhos.

A família deveria ser o referencial mais forte e seguro que uma pessoa pudesse alcançar. Assim, as crianças poderiam tirar de dentro de seus lares as diretrizes de todas as batalhas e desafios que viessem a enfrentar na vida. O desenvolvimento da criança é

influenciado por diversos fatores, entre eles está o relacionamento entre irmãos, que pode ser considerado como um dos relacionamentos mais importantes na vida da criança. É junto dos irmãos que a criança costuma aprender a ser sociável e inclusive a dividir aquilo que lhe é mais precioso – a atenção de seus pais. Isso pode ser percebido nestas falas:

Com o irmãozinho ela gosta de pegá-lo, ele é muito pequenininho. Então, ela, ela que brinca com ele, mas do jeito dela, ele não entende ainda. Hoje mesmo, ela tava conversando, e pegou uma pedra grande e deu na mão dele e falou: “Oh isso é pesado” e soltou e foi pá no pé dele. (Mãe de Alice)

A Bia é muito carinhosa, fica beijando a irmãzinha dela a caçulinha. (Mãe de Bia)

Com o irmãozinho, ele acaba cedendo. E, essa coisa de ceder na idade dele, pra mim, é uma demonstração de carinho, de afeto. (Pai de Daniel)

A relação com o irmão costuma ser importante na vida da criança, pois, por meio dessa relação, a criança descobre aspectos interessantes, tais como companheirismo, cooperativismo, lealdade, solidariedade, além da competição em si inerente a essa relação.

O relacionamento entre irmãos é uma fonte fundamental de apoio, companheirismo, cooperação, ainda que haja conflitos, ciúmes, competição e até mesmo agressão, segundo Dunn (1983) e Turnbull e Turnbull (2001). Isso pode ser verificado na relação de Alice com seu irmãozinho tem conflitos naturais advindos do ciúme, sentimento tão comum entre irmãos, principalmente por ele estar numa fase em que tem mais os cuidados dos adultos.

Nas interações entre as crianças, sobretudo entre irmãos, há maior semelhança de papéis, o que também pode conduzir tanto a conflitos como a resolução deles, em conformidade com Lobato (1990). Cabe ressaltar aqui que algumas das primeiras noções sobre divisão de materiais, competição, rivalidade, e compromisso são aprendidas durante as negociações com os irmãos, como se pode notar no ceder de Daniel e na relação de Alice com seu irmãozinho.

Os avós se veem como agentes do movimento socializador da maternidade e paternidade e, nessa condição, cabe a eles auxiliar os pais de seus netos a desempenhar suas funções consagradas no nascimento do filho, de acordo com Barros (1987). Na manifestação do afeto pelos avós, os pais percebem o “tomar benção” dos avós como uma demonstração de carinho por eles. Além disso, há também a demonstração de carinho, contato físico. É o que se observa na fala dos pais:

Ele chega na casa dos avós toma benção, dá abraço, beijo. São atitudes nele que eu acho muito carinhosa. (Pai de Daniel)

Os avós... com meus pais, ele não abraça, não beija, nada. Ele só chega e toma bença né, porque os cuiabanos em geral é... os cuiabanos antigos, eles são muito... eles não têm o negócio do carinho, do tato, do beijo, entendeu? Eu acho que é diferente em relação à avó do lado do pai dele. Porque a avó de lá é muito galinhona [maneira de se referir à pessoa que dá aconchego], ela protege, ela é carinhosa, e minha mãe não é. (Mãe de Carlos).

Ela gosta do avô dela, tipo de estar lá com o avô dela, né [...]. Ela também ama a avó que mora comigo, porque ela tipo assim: “vó”, chama a avó pra cá, abraça a avó, sobe no colo da vó, dependura no pescoço dela. (Mãe de Bia)

Com os avós dela [...] ela tem um carinho [...]. Inclusive ela fica meio dividida, quando ela tá em casa ela fala: “Ai, como será que a minha vó ta?”. Ela fica assim preocupada em sabê como a avó dela e o avô estão. Então, eles têm uma participação muito assim efetiva na vida dela. Inclusive, às vezes, eu brinco: “Olha, vou passar a Alice pro nome dos avós” porqu, eles participam muito, e eu acho isso bom, porque com essas minhas ausências, os avós... não tem pessoa melhor pra ela do que eles. Então, ela é carinhosa lá com eles. (Mãe de Alice)

Os avós, quando querem e podem, ajudam muito na vida diária dos netos, seja no final de semana, seja durante a semana. Pode ser interessante para a criança e também para os avós essa proximidade de gerações porque, de certa maneira, um pode contar com o outro. Os avós, no lugar de quem cuida e dá a história familiar de presente ao neto, e este, no lugar de quem é cuidado e, em troca, retribui com amor, respeito e companhia, como se pode observar nos relatos dos pais de Alice, Carlos e Bia. Os avós se veem como agentes do movimento socializador da maternidade e paternidade e, nessa condição, cabe a eles auxiliar os pais de seus netos a desempenhar suas funções consagradas no nascimento do filho, de acordo com Barros (1987).

Alguns desses avós chegam, às vezes, a ocupar um lugar muito importante na vida do (a) neto (a), quando seus filhos trabalham o dia todo, e os netos podem ficar com eles, ou ainda, quando há separação do casal. Esse é um momento difícil para todos, principalmente para a criança que terá de passar por tantas mudanças, como tem sido o caso de Carlos e Alice, que, além de terem a mãe que trabalha o dia todo fora, também passaram pelo processo de separação de seus pais. Por isso, contar com o apoio dos avós, no momento ou mesmo depois dessa ocorrência, é imprescindível para a saúde emocional da família que sofreu a ruptura. Às vezes, os avós, com a própria experiência, ou mesmo com a estabilidade já

alcançada com a experiência, conseguem trazer a flexibilidade necessária para a redefinição de papéis e das relações familiares, tão necessárias em tempo de separação.

Os avós são os que mais tendem a sofrer as consequências desfavoráveis da separação, após os cônjuges e seus filhos, até por causa do envolvimento maior com seus filhos nesses momentos, conforme Jaskowski e Dellasega (1993 apud ARAÚJO; DIAS, 2002). A importância dos netos para os avós é eloquente e negar o acesso dos avós a seus netos pode ser nocivo para ambos (WILSON; DESHANE, 1982). Isso, é claro que, quando essa relação não envolve nenhum tipo de abuso, ou seja, a relação é saudável tanto para a criança como para os avós.

Pode ser saudável para a criança a percepção e compreensão de que os relacionamentos afetivos não precisam ser exclusivos, e que podem ser estendidos a outras pessoas de seu convívio, como, por exemplo, os amigos e colegas.

Algumas das crianças que participaram da pesquisa parecem já compreender isso, outras ainda estão em fase de aprendizado e compreensão:

Aí em relação aos amigos eu quase num, num percebo assim, porque é uma gurizada lá, a gente mora em prédio, e é uma molecada, e brinca. Ele adora brincar, mas é uma brincadeira de aloitação [luta] né, de brigaiada [briga] e quando eu vejo, ele já sobe zangado, e já brigou por lá, e já não que brincá. E eu percebo, ele muito egoísta em relação a brinquedo, os meninos vai pegá o brinquedo, aí ele num que. Em relação... tem a questão da prima dele, que é a menina que ele... assim, fica e... é a pessoa que ele tem afinidades, desde pequenininhos juntos e, eu vejo que ele preocupa muito com ela, prima dele. (Mãe de Carlos)

Amigos, bom ele tem alguns, principalmente aqui na escola, que ele tem uma relação muito estreita. De sempre estar em casa falar dos amigos aqui da escolinha, ele fala do Visconde, do Marcus, outros que eu não sei precisar os nomes aqui. (Pai de Daniel)

Ele é muito feliz, porque na sala dele tem mais homens. (Mãe de Daniel)

Uma das características dessa fase é a divisão em grupos que a criança passa a fazer. Esse período é marcado por essa separação de identificação sexual, quando a identidade de gênero, ou seja, o ser menino ou ser menina, começa a vigorar. Pode ser que venha daí a alegria de Daniel em ter em sua sala mais meninos do que meninas, como comentou sua mãe.

As crianças mostram as relações estabelecidas com pares em diferentes conjunturas, sendo na escola que isso se torna mais evidente pela própria classificação das crianças em faixa etária, facilitando assim o conhecimento da amizade que acaba surgindo por meio das atividades compartilhadas na escola, conforme Muller (2008).

O processo de educação, no que concerne à socialização de uma criança, de fato necessita da orientação de um adulto cuidador, pois a criança pequena ainda não teve experiências que pudesse usar como referência para os relacionamentos atuais. Por isso, toda criança necessita de um adulto que a oriente. No entanto é esperado que uma criança, aos seis anos, já tenha aprendido a compartilhar com os amigos os seus brinquedos. Talvez o fato de Carlos ser filho único e morar sozinho com a sua mãe possa estar contribuindo com essa dificuldade apontada por ela.

A educação foi associada ao processo de socialização, concebendo-a não somente como a ação repetida e sucessiva das gerações adultas sobre as crianças, mas também como um empenho sucessivo para atribuir às crianças modo de ver, de sentir e de agir, aos quais elas não chegariam espontaneamente, de acordo com Durkheim (1974).

As crianças são constrangidas pela estrutura social que impõe a internalização das regras sociais, mas, ao mesmo tempo, estão ativamente contribuindo para a produção e mudança cultural (CORSARO, 1997).

Seria importante para a criança que tem primos poder desenvolver uma relação de amizade com eles. O relacionamento entre primos costuma ser, no mínimo, uma relação de amizade com a “garantia” de durabilidade, pois, por pertencerem à mesma família, vez por outra, nas festividades familiares, é comum haver o encontro e, com isso, poder estar juntos. Isso pode trazer à criança a sensação de segurança em relação à amizade dentro do contexto familiar.

Para os pais também costuma ser boa a ideia da amizade entre os filhos e primos, pela própria facilidade que envolve o contexto, seus filhos estarem com os amigos primos, filhos de seus irmãos. Porém, é preciso lembrar que todo relacionamento traz consigo os seus próprios conflitos, o que muitas vezes pode ser percebido pelo adulto como algo ruim, podendo inclusive desperdiçar a oportunidade de ensinar à criança lidar na prática com o conflito. Isso pode ser observado na relação de Carlos e sua prima, e de Daniel e seus primos pequenos:

A prima é amiga né, são da mesma sala [...]. É, têm afinidade, mas [...]. Eu costumo brincar é relação de amor e ódio né, porque na mesma hora que tá de um jeito, aí já desentendem lá, aí a farpa, aí a brigaiada, a Maria é uma menina assim muito..., porque ela é a 'rapa do tacho' [maneira cuiabana de se referir ao filho (a) caçula], né. Então, como tamos entre nós aqui, eles mimam bastante, ela é a menininha da casa, e as irmãs já grande, e então tudo é ela. Então, a Maria, ela quando ela zanga, ela dá aqueles gritos estridentes, bem assim mimada mesmo [...]. Carlos deixa ela, larga ela. Não, ela é assim. Não, não faça isso". E ele fica... qué muito ir pra casa desse meu irmão né, ficá lá, dormir, só que eu não deixo assim porque ele é muito..., ele não comporta [...]. Então é,... vira aquele rolo, aquele furdúncio [linguajar cuiabano que refere a uma bagunça exagerada], e ele, tem hora, é desobediente. (Mãe de Carlos)

Ele tem uma relação estreita com os primos pequenos. Primos pequenos um pouco maiores que ele torna talvez, um pouco referência, então, ele não tem uma aproximação muito grande. Neste final de semana que estivemos no sítio, eu percebi uma coisa, que ele ficou meio tristinho de um lado, é que no sítio tem o filho do caseiro que é do tamanho do primo dele, um pouco maior, e os dois resolveram brincar, ele ficou um pouco de lado porque ele é menor, aí ficou tristinho. (Mãe de Daniel)

Quando os pais observam grupos de crianças em ocasiões simples, usam diversas táticas para animar a brincadeira em vez do conflito entre os seus filhos e outras crianças, fortalece assim a associação do conceito de amizade à partilha de acordo com Corsaro (1997).

No entanto, à medida que as crianças vão formando opiniões diferentes daquelas dos adultos, os conflitos começam a ser entendidos como parte da relação de amizade, sendo assim, a relação de Carlos e sua prima ainda pode melhorar.

Com relação à demonstração do afeto por tios, tias, apenas uma mãe se refere a esse tema, e aparecem novamente abraços, beijos e o “tomar benção”:

Ela também ama, gosta muito da tia dela. A tia, que é Marina, de todas as tias é a que mais gosta né. Ah, porque ela tipo assim... ela fica muito com a tia dela quando está em casa. Inclusive, quando a tia dela está em casa... eu e ela estamos em casa, ela fica mais com a tia do que comigo, porque a tia dela tem mais tempo pra ela. Tarefa ela faz com a tia dela, não faz comigo, faz com a tia dela, porque eu chego do serviço cansada, aí eu vou deitar. Aí, ela respeita e nem vai me procurar, vai procurar a tia dela. Outro dia, até fiquei assim: “Bia, por que você não vem fazer tarefa comigo, só faz com a sua tia?”. “Ah! mãe, porque eu gosto de fazer com a minha tia! Então, esse é o amor que ela sente pela tia. Todas as tias dela, ela ama. Tipo assim, as outras porque não estão lá, mas quando aparece ela abraça, toma benção [benção], é o costume nosso dá bença. (Mãe de Bia)

A família é a primeira instituição de socialização e afetividade, tendo como característica de seu funcionamento a vinculação do afeto. É o lugar autorizado para sentir amor, ódio, ciúme, inveja, alegria, tristeza, entre outros sentimentos. É onde alguém – pai/mãe ou alguns pai/mãe/avós/tios contribuirão para que a criança desenvolva algumas coisas, como, por exemplo, o limite, o afeto e o amor, determinando sua subjetividade.

A família da criança é a única entidade que pode dar continuidade à tarefa da mãe (e depois do pai) de atender às necessidades do indivíduo de acordo com Winnicott (1997). Ainda conforme o autor, tais necessidades incluem tanto a dependência como o caminhar do indivíduo em direção à independência.

9.4 O GOSTAR E O NÃO GOSTAR: COMO É DEMONSTRADO PELA CRIANÇA

Com o intuito de analisar as formas como meninos e meninas se expressam acerca das relações afetivas e do amor que perguntei a elas a respeito de sua ação, quando gostam e quando não gostam de alguém.

Parece que para as crianças que participaram da pesquisa, o brincar está relacionado ao gostar, se gostam brincam, se não gostam não brincam. No entanto, há uma que até radicaliza, ela não brinca, não olha e nem fica com a pessoa quando não gosta dela:

Quando eu gosto eu brinco com ela e falo com ela e fico junta. Quando não gosto eu não brinco com ela, não olho para a cara dela e não fico com ela. (Bia)

Eu gosto quando a pessoa me deixa feliz. Eu brinco co ela. Quando não gosto, eu fico chorando. (Alice)

Quando eu gosto eu brinco, quando não gosto... Não brinco. (Carlos)

Quando eu gosto da pessoa eu brinco com ela, quando eu não gosto eu... Eu fico... Não fico do lado dela. (Daniel)

Parece ser corriqueiro que a criança relacione o gostar com o fazer o outro feliz e ter como reação o desejo de brincar com a pessoa que desperta nela o sentimento de estar feliz, de bem estar.

É no brincar, e somente no brincar, que a pessoa, criança ou adulto, pode ser criativa e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativa que a pessoa descobre o eu (*self*), de acordo com Winnicott (1975). Assim, pode-se compreender por que o brincar é importante e está vinculado ao gostar da pessoa para estas crianças.

Por meio de uma brincadeira de criança, pode-se compreender como ela vê o mundo, como se sente como gostaria que fosse bem como os seus conflitos internos. A criança utiliza-se da brincadeira para expressar o que teria dificuldade de traduzir em palavras.

Com o brinquedo, a criança pode lidar criativamente com a realidade externa, e, ao final, isso pode produzir um viver criativo que conduz à capacidade de sentir-se real e sentir que a vida pode ser usada e enriquecida, conforme Winnicott (1994d).

9.4.1 Sentir-se amado

Nenhuma das quatro crianças associou o sentir-se amado ao ganhar um objeto. Parece que para estas crianças o sentir-se amado está relacionado à ligação afetiva, ou seja, elas se sentem amadas quando recebem ajuda, são cuidadas e fazem algo junto das pessoas que elas amam.

Ajuda eu. (Alice)

Quando eu quero comer alguma coisa e, ela faz o que eu quero comer.
(Bia)

A Minha mãe cuidar de mim. (Carlos)

Eu gosto quando no meu aniversário. Eu gosto, não gosto de presente, eu gosto que vem todo mundo. E, também, também eu gosto de passear, gosto de ir em alguns lugar que meu pai, meu pai me leva. Sabe um dia foi um monte de dia pra trocar o meu tênis que eu to, o All Star, porque demorou muito. (Daniel)

Amor significa o contato afetuoso com a mãe, segundo Winnicott (1997). Nessa perspectiva, justifica-se a afirmação de Carlos em sentir-se amado quando é cuidado pela sua mãe.

Com a fala destas crianças, pode-se afirmar que elas estão tendo um desenvolvimento saudável ao se sentirem amadas por meio de carinho e aceitas sem condições, pois as pessoas precisam de amor desde o momento em que nascem – ou melhor, antes mesmo de nascerem. Os recém-nascidos são totalmente dependentes de calor, afeto e atenção de seus pais e ou cuidadores. Esses cuidados satisfazem sua sensação de serem queridos e de fazerem parte da vida de seus pais. À medida que crescem, as crianças continuam a esperar que seus pais continuem demonstrando seu amor por elas. Compreendem melhor esse amor por meio das atitudes, dos gestos de cuidado e de carinho de seus pais (NOLTE, 2003).

O amor é originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer, de acordo com Freud (1915).

O pai é uma figura importante para o desenvolvimento psicoafetivo dos filhos, sua contribuição vai além do papel de provedor e mantenedor da família para, por meio de seu afeto e de sua atitude, ser referência na construção da personalidade dos filhos e ser o primeiro transmissor da autoridade social: “O pai personifica autoridade e segurança, ideais e valores” conforme Baruffi (2000, p. 4). Assim sendo, a fala de Daniel parece confirmar a afirmação desse autor.

9.4.2 Ações de amor

Essa é uma das indagações feitas para as crianças, com o intuito de desvelar possíveis interferências familiares nos processos de introjeção, significação e expressão do afeto nas relações cotidianas infantis.

Duas crianças responderam já ter visto atitudes de amor em sua mãe, uma criança falou de algo que possivelmente tenha visto fora de casa, e a outra disse que não se lembrava:

Já. Eu tava no meu quarto, e minha mãe tava do meu lado, aí meu irmão, ele tava dormindo, minha mãe ficou fazendo gracinha pra ele. (Alice)

Eu já. O meu pai sabe, um dia no aniversário da minha mãe, eu comprei uma flor pra é... uma flor pra ela e escondi atrás e falei parabéns pra ela, e ela se sentiu bem. E o meu irmão também fez a mesma coisa. E o meu pai, meu pai escond... ele escondeu atrás do celular que ele vai..., que ele deu pra minha mãe. Aí ele deu, e a minha mãe ficou muito feliz. (Daniel)

Ajudando o outro. Ah! A pessoa, a pessoa ajudando a pessoa que está na cadeira de rodas. (Carlos)

Não, não sei se eu vi ou não vi. Não lembro não. (Bia)

O relacionamento dos pais serve de referência para os futuros relacionamentos íntimos que a criança virá a ter na vida adulta. A criança observa, imita e tira suas conclusões em relação ao comportamento dos pais. E esse relacionamento observado e imitado acaba se tornando para a criança uma espécie de “esquema”, o qual no futuro ela usará para os seus relacionamentos íntimos, de acordo com Siegel (2005). Essa teoria parece fazer sentido, ao olhar para a fala de Alice e Daniel e perceber como essas duas crianças mantêm os olhos fixos – observando – os seus pais no dia-a-dia.

Todas as escolhas posteriores, seja de amizade, seja de amor, seguem os esboços das impressões mnêmicas deixadas pelos primeiros modelos de relacionamento introjetados ainda na infância (FREUD, 1914). Parece haver certa semelhança entre a teoria de Siegel (2005), que afirma ser o relacionamento dos pais, no caso, os primeiros modelos de relacionamento, e a de Freud (1914), em que aquilo que foi observado, imitado e concluído pela criança se torna um modelo a ser imitado.

Os pais capazes de demonstrar respeito e afeto mútuos e de resolver suas divergências de modo construtivo acabam passando para os filhos que o casamento é um lugar em que as pessoas cuidam umas das outras, apreciam conviver com elas e sabem resolver seus problemas. Com isto, a criança cresce mais segura, com autoestima saudável e será capaz no futuro de dedicar-se à sua própria vida sem carregar o fardo dos pais, segundo Siegel (2005).

Embora sinta ciúmes de seu irmão, Alice é capaz de reconhecer atitudes de amor da sua mãe para com seu irmão e de demonstrar, por meio de seu comentário, sentir-se bem com esse reconhecimento. A relação estabelecida no subsistema fraterno é essencial, não apenas no início da vida, mas também durante a idade adulta, dado que o relacionamento entre irmãos é o mais duradouro dos relacionamentos familiares (FRANK, 2000; LOBATO, 1990).

9.4.3 Histórias de amor

Quando solicitadas a contar uma história de amor, as crianças são expressivas. Ao contá-las, essas crianças não estão apenas realizando um exercício de imaginação. Na

realidade, elas falam sobre suas alegrias e inquietações, como é possível perceber na fala de Bia, Carlos, Daniel e Alice.

Vou falar só a metade de uma. Amor é que, quando assim uma pessoa quer dar carinho, já é amor porque ele gosta de você. Agora, quando uma pessoa não dá carinho, não olha para você, não brinca com você, implica com você, xinga você, é, quer dizer que ele não tem amor por você, e [...] [silêncio]. E, por exemplo: uma pessoa gosta de você, mas é falso o amor dela, só que você não sabe. Ela fica te maltratando, assim, é porque... assim..., ela às vezes dá amor para você, às vezes não. Às vezes, você tá chata, por exemplo, você não tá chata, e ela tá achando você chata, quer dizer que ela não está assim reparando direito a gente. É só. (Bia)

Ai. Ah. Eu lembro aquela que primeiro a mãe dá remédio, mas agora eu troquei. Era o médico e agora é a mamãe. A mãe deu e depois foi andar de bicicleta com o filho, depois foi almoçar assistir televisão com o filho, a mãe, aí foi jantar, depois foi passear e depois foi dormir. (Carlos)

Eu já vi um monte de pessoas fazendo coisas bom pra outra. Sabe eu já vi um menininho que ele, ele tava fazendo labarismo, aí depois ele, lá na rua, lá na frente, depois ele fazia, depois, depois ele ia lá, cada um dava um dinheirinho pra ele, porque ele era pobre. (Daniel)

Uma menininha, ela tava no jardim, aí apareceu um passarinho, ela ficô falano com o passarinho. O passarinho, ele voou, aí apareceu uma borboletinha, a borboletinha ficou lá parada e olhano pra ele. E a borboletinha queria falar com ela. Falou que tava feliz porque ela..., o primo dela ia chegá. (Alice)

Por meio de suas histórias, é possível observar que essas crianças também relatam experiências angustiantes vividas por elas ou observadas, como é o caso de Bia e Daniel, em que tentam comunicar de tal modo que a linguagem se transforma em uma ferramenta para a subversão da realidade. Com isto, ousa esta pesquisadora afirmar que esse processo criativo é marcado pela mistura de informações vindas de suas próprias vivências, observações e fantasias. De acordo com Winnicott (1990), a fantasia prova ser a característica do humano, a matéria-prima da socialização e da própria civilização.

Devido ao recalçamento da imaginação e ao maior desenvolvimento do ego, esse estágio do desenvolvimento – período de latência – há como consequência a habilidade em distinguir entre realidade e fantasia, fazendo ao mesmo tempo com que a criança comece a ver-se a si mesmo e aos demais. Sendo assim, pode-se dizer que essas crianças se comportam como um poeta, no sentido de criar um mundo próprio, ou seja, elas estão por meio das

histórias contadas tentando reordenar as coisas de seu mundo numa nova forma em que o oposto ao jogo não é o sério, mas o real conforme Freud (1908).

9.4.4 A criança e suas concepções de amor

A partir deste momento, apresenta-se uma análise das respostas das crianças quanto à percepção sobre o que seja amor, tanto nas entrevistas quanto nos desenhos, e da historinha contada em relação ao desenho.

Para obtenção disso, indagou-se aos pais e às crianças o seguinte: “Como é que você acha que ela (criança) definiria o amor?”. E para a criança: “Me fale livremente sobre o que é o amor para você”.

Para melhor compreensão e visualização das entrevistas com relação à concepção de amor, demonstra-se o Quadro 2 contendo as respostas das crianças e o que seus respectivos pais presumem vir a ser a concepção do (a) filho (a). É interessante observar nesse quadro como se dá a intimidade entre os pais e o (a) filho (a).

QUADRO 2 - Sinóptico de respostas das crianças e dos pais em relação ao termo amor

Resposta dos pais	Resposta da criança
Mãe de Alice: “Ela ia pensa e fala algo que tivesse dentro da casa dela, né. Então assim, ela ia fala que é gosta das pessoas. Então, eu acho que o amor pra Alice é, eu acredito que seja, ela fala: “Minha mãe e meu pai” alguma coisa assim”.	Alice: “Amor, é quando deixa as pessoas felizes”.
Mãe de Bia: “Ah, é, carinho, né estar junto, né”?	Bia: “Amar é ajudar os outros e... (silêncio) só”.
Mãe de Carlos: “O amor pra ele é, eu acho que é... é... é isso: carinho, é beijo, abraço, sabe? Eu acho que tá muito ligada a essa parte de contato físico, beijo, de carinho, de afeto. Acho que mais é isso”.	Carlos: “Tomar banho, mas não de chuveiro, nem de piscina, de praia”.
Mãe de Daniel: “Acho que ele definiria como uma coisa boa. Acho que ele sabe das pessoas que ele convive mais próximo, que ele tem essa relação mais próxima, ele consegue ver a importância e de gostar de estar com essas pessoas, por exemplo, de se sentir bem. Acho que é uma questão de bem estar e de valorizar nesse sentido do que faz a pessoa ficar bem, alegre, feliz. Acho que vai ser algo nesse sentido”.	Daniel: “Meu amor é paz”.
Pai: “Acho que vou mais ou menos por essa linha. Linha do querer bem. De ver a outra pessoa como uma pessoa importante pra si. Eu acho que pra mim ele tem essa visão do amor”.	

Por meio da leitura desse quadro, percebe-se que a concepção das crianças em relação ao termo amor passa pela simplicidade de perceber a vida sem muitas complicações e até valorizando aquilo que é simples, mas que, de fato, para elas é aquilo a que deve ser dada importância, como “Ajudar os outros”, “Deixar as pessoas felizes”, que remete à alteridade e ao vínculo de cuidado.

A percepção dos pais não está diversa: há certa congruência no sentido de que três deles, pais de Alice, de Bia e de Daniel, presumem algo como “Gostar das pessoas” e a filha aponta para o fato de “Deixar as pessoas felizes”. Pode-se afirmar que, para deixar o outro feliz, é necessário gostar e até suportar o sofrimento do outro, conforme Klein e Riviere (1975).

No dizer de Bia, “amar é ajudar os outros” e no de sua mãe, “carinho, estar junto”, falas em que também há harmonia, pois supõe-se que a ajuda dada ao outro é uma

demonstração carinhosa ou uma forma de solidariedade, como Aratangy (2007), que relaciona o amor à solidariedade.

Para Daniel o amor é “Paz”, sua mãe pensa ser para o filho “algo que faz a pessoa ficar bem, alegre, feliz”, e seu pai, “Ver a pessoa sendo importante para si”. Neste caso, a percepção da mãe parece aproximar-se mais da concepção de Daniel, se olhada a paz como a pessoa sentir-se bem, ficar alegre e feliz por sentir-se leve, bem com ela mesma, ou ainda pelo fato de existir, respirar, estar viva e identificar-se como sendo uma pessoa amada, segundo Winnicott (1997).

No entanto, em relação a Carlos e sua mãe, não fica perceptível a congruência, pois a mãe presume ser a concepção do termo amor para o filho como algo relacionado ao “contato físico, beijo, abraço, carinho e afeto” enquanto que Carlos responde ser “tomar banho de praia”.

Parece, assim, serem convergentes a visão dos pais e a concepção das crianças, uma vez que o diferente é apenas o ângulo por onde cada um olha. Ou seja, a criança na sua simplicidade percebe o conceito de uma maneira, enquanto o adulto, com a sua experiência, compreende-o de outra forma; mas tanto adultos quanto crianças passam pelo mesmo caminho: a criança no início da caminhada percebe-o por um ângulo e o adulto, que já caminhou mais, por meio das experiências o vê de um outro ângulo; mas, nos dois casos, o amor é compreendido como uma relação de cuidado de uns para com os outros.

9.5 O DESENHO DA CRIANÇA E AS SUAS MUITAS CARAS DE AMOR

O desenho costuma ser uma das maneiras que a criança se utiliza para expressar, de forma simbólica, o que pensa e sente por determinado objeto ou situação. A atividade gráfica é inteiramente expressão daquilo que se é em um dado momento da história pessoal. É a transmissão de uma mensagem particular ao círculo de amigos, à família de acordo com Darrault-Harris e Grubits (2000). De um modo geral, os desenhos estão relacionados à investigação do desenvolvimento da inteligência, cognição, motricidade e afetividade, bem como dos aspectos sociais e culturais do meio ambiente das crianças (GRUBITS, 2003).

Para Menezes, More e Cruz (2008), o desenho tem sido compreendido como um meio que permite à criança organizar informações, processar experiências vividas e pensadas, estimulando-a a desenvolver um estilo de representação singular do mundo.

Nesta parte deste trabalho busca-se apresentar os desenhos das crianças, que são a representação gráfica do que é o amor para elas, e a historinha que ela contou a respeito do desenho. Esse desenho das crianças pode ser nomeado de Desenho Livre uma vez que elas próprias escolheram o que desenhar para representar simbolicamente o que seja o amor.

Na sequência, faz-se uma breve análise, baseada em Hammer (1991), sobre a técnica projetiva do Desenho Livre e da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) conforme o *Manual e Guia de Interpretação* de Buck (2003). Embora esse Manual não aprove a aplicação do HTP em crianças menores de oito anos, por julgá-lo mais adequado para pessoas acima de oito anos de idade, escolheu-se esse instrumento por considerar que se fará apenas uma interpretação voltada para o modo como ocorre o desenvolvimento infantil dessas crianças, em que se busca fazer uma associação com a observação participante e a entrevista.

No primeiro momento, há os desenhos das crianças os quais representam o amor, a história relatada por elas em relação a esse desenho, seguidos da apresentação dos desenhos do HTP e das famílias: Qualquer, Real e Ideal com uma breve interpretação deles (FIGURAS 4-7).

Alice



FIGURA 4 - Desenho livre de Alice, representando o que vem ser amor para ela.

Historia sobre o desenho:

[Alice depois de longa pausa] *Nosso passarinho tava voando, aí ele queria pará, mas ih aí ele... penso... falava... aí, paro na árvore. Era tão bonita que ele não conseguia pará de olha pra ela.*

Bia

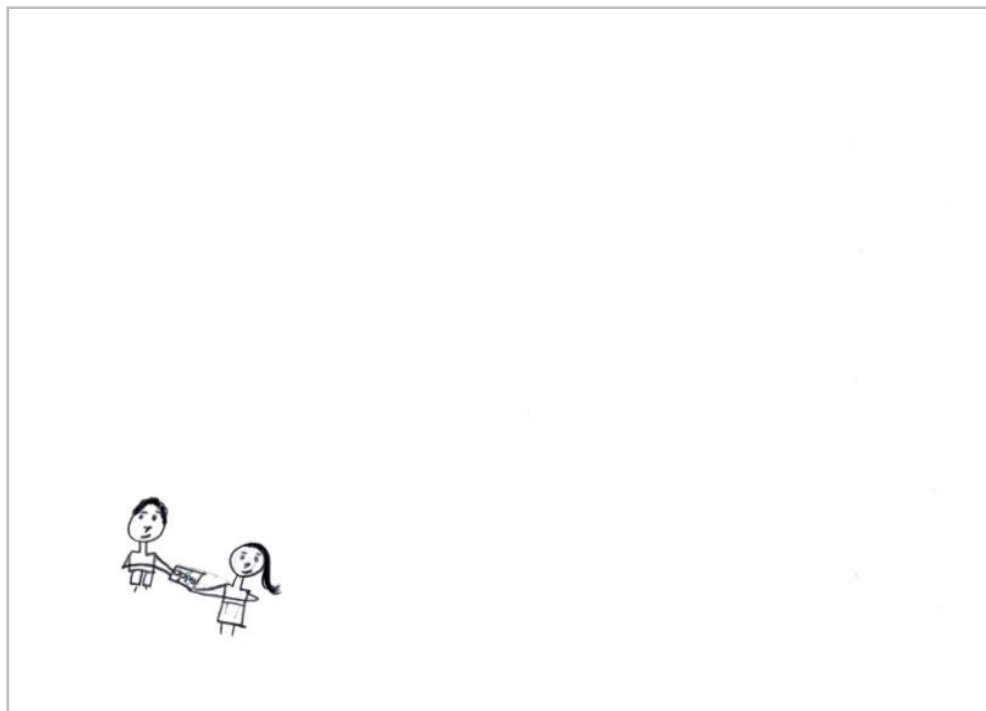


FIGURA 5 - Desenho livre de Bia, representando o que vem ser amor para ela.

Historia sobre o desenho:

Era uma vez um... um... menina, uma menina que tava... chorando na pedra, tava sentada assim na pedra, aí um menino passou, né... ele ia dá pra um menina de presente, só que aí ele falou assim: "Por que você tá chorando"? Porque minha irmã tomou minha caixa de bombom. ah! eu dou essa daqui pra você.

Carlos



FIGURA 6 - Desenho livre de Carlos, representando o que vem ser amor para ele.

Historia sobre o desenho:

Eu, eu vo pensá como... como assim pode... eu acho co. [...]. Eu vo vê como ela pode... [silêncio]. Eu to pensando como é que ela pode machucar sem querer. [...]. É dixa eu vê... É... Ih... Era uma vez o pai, a mãe e a filha, ele... ele brincava e co... Comia. Brincava dentro do... Aí, a menina... ele... tava... tava ino no lugar. Aí sem querer ela caiu e machu... e machucou. Aí ela foi lá nu... neles, aí tinha que... ela tinha que... que andá de cadera de rodas. Aí, no outro dia, ela foi lá... foi lá pra... lá... no mercado. Aí te... aí ela te... o pai e a filha comprou... comprou as coisa no mercado. Aí voltaram. Aí... eles comeram. Aí limparam.

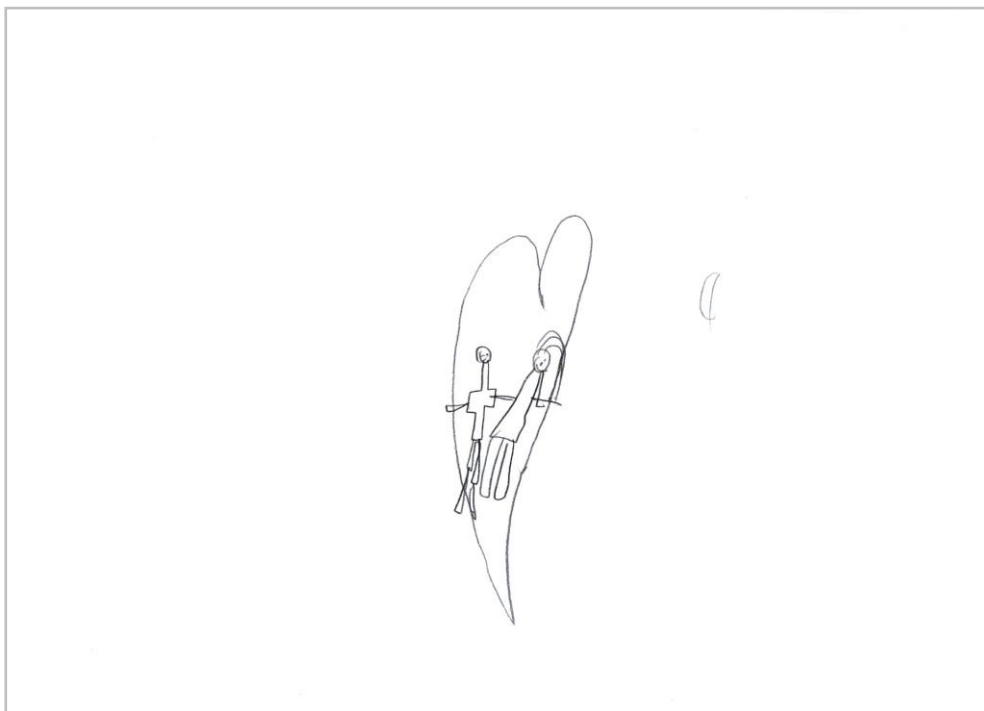
Daniel

FIGURA 7 - Desenho livre de Daniel, representando o que vem ser amor para ele.

História sobre o desenho:

É uma pessoa, cum [...]. É fazendo pra escola, outra vez, pessoa, pra não ter ninguém morando na rua.

9.5.1 Análise dos desenhos

O desenho livre, segundo Aguiar (2004), traz em seu conteúdo revelações de sua existência e não disfarces. Ele é uma representação, uma maneira de ver as coisas e de se colocar diante delas e, de acordo com Di Leo (1985), pode ser considerado melhor que a fala, por expressar sutilezas do intelecto e afetividade, que estão além do poder ou liberdade de expressão verbal.

Conforme Darrault-Harris e Grubits (2000), a preocupação da criança não está relacionada à representação das coisas tal como elas são, mas a figurá-las de maneira identificável.

O desenho livre do coração culturalmente simboliza o amor, o afeto. Ele aparece no desenho de duas crianças: Alice e Daniel. No desenho de Bia, parece demonstrar mais o vínculo entre as pessoas. A criança tem uma maneira singela de ver e de expressar seus sentimentos, como o amor e o afeto, por estarem relacionados ao seu cotidiano, no que se refere ao que sentem e veem.

Somente uma criança, Carlos, desenhou de forma um pouco diferenciada. Essa diferença pode ter mais sentido se considerada a partir da história de vida dessa criança, que parece ter demonstrado, de maneira mais real, no sentido concreto, como ele se vê diante de sua realidade. Nas entrevistas, ele comenta fatos de “machucar”, “necessidade de ser cuidado”:

A mãe dá remédio [...]. A Minha mãe cuidar de mim [...]. A pessoa ajudando a pessoa que está na cadeira de rodas [...]. Eu to pensando como é que ela pode machucar sem querer [...]. Aí sem querer ela caiu e mach... e machucou. Aí ela foi lá nu... neles... aí tinha que... ela tinha que... que andá de cadera de rodas.

A mãe de Carlos comenta que ele mora com ela e que todo dia, ao sair da escola, ele fica na casa da avó materna esperando a mãe buscá-lo e que ele quase não tem amigos e só vê o pai de vez em quando:

Ele acompanha o pai pra Chapada, né [...]. Eu percebo ele muito egoísta em relação a brinquedo: os meninos vai pegá o brinquedo, aí ele num qué; aí, é o jogo, ele não gosta de perdê, ele não gosta de perdê [...] porque

minha mãe é que me ajuda né, com ele, porque eu trabalho de meio-dia às sete; tem dia que eu vou no período da manhã, e ela que me ajuda [...].

No entanto Bia, no seu Desenho Livre, demonstrou a existência de um vínculo entre um homem e uma mulher, o que pode ser a demonstração do afeto entre essas duas pessoas, em que uma presenteia a outra com uma caixa de bombom, segundo o relato da história contada por Bia:

Por que você tá chorando? Porque minha irmã tomou minha caixa de bombom. Ah! eu dou essa daqui pra você.

9.5.2 Desenhos das crianças HTP

O HTP busca informar o fluxo da personalidade à medida que ela submerge o campo da criatividade artística, segundo Hammer (1991). Como o objetivo desta pesquisa é falar da relação da criança com sua família e de como ela manifesta os sentimentos, apresentam-se os desenhos do HTP e das famílias: Qualquer, Real e Ideal (FIGURAS 8-15).

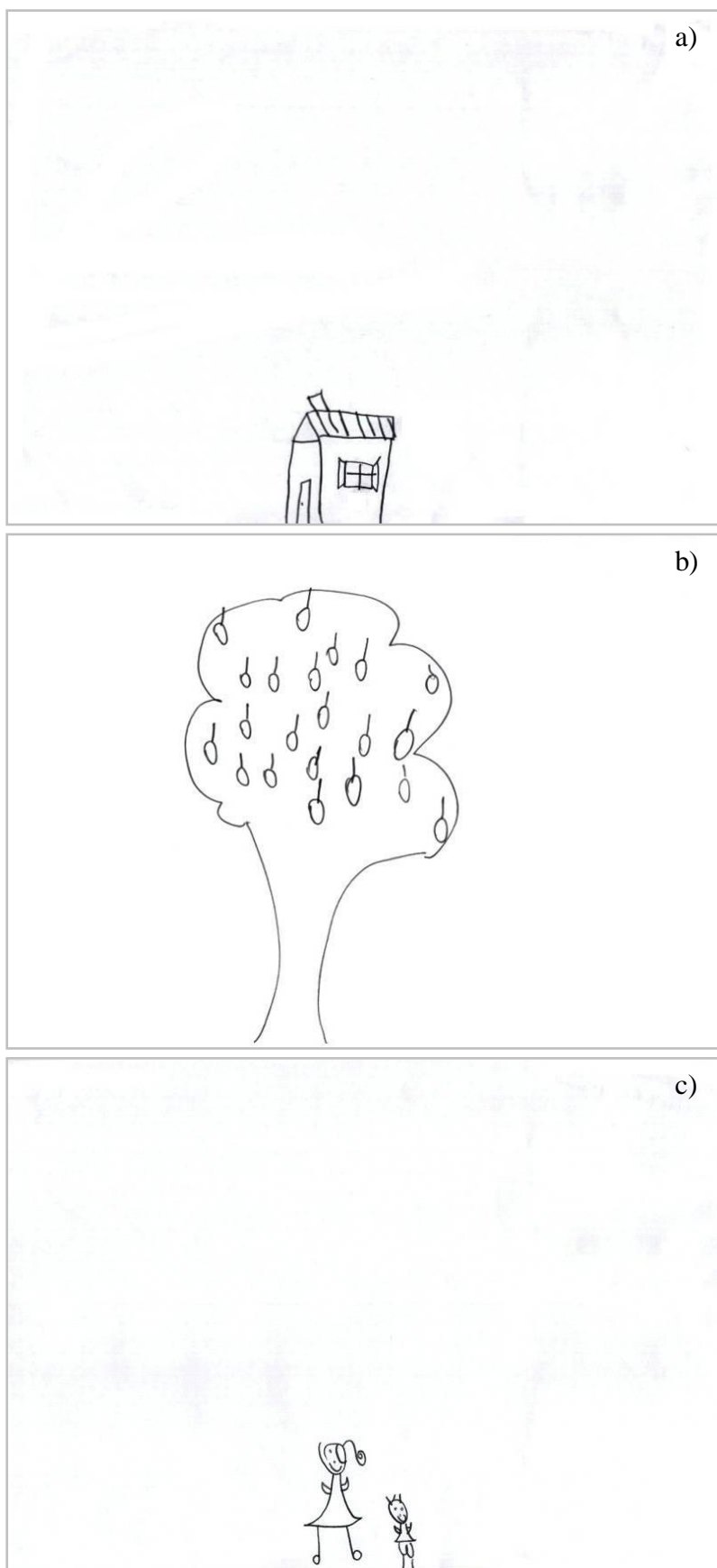


FIGURA 8 - Desenhos de Alice: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.

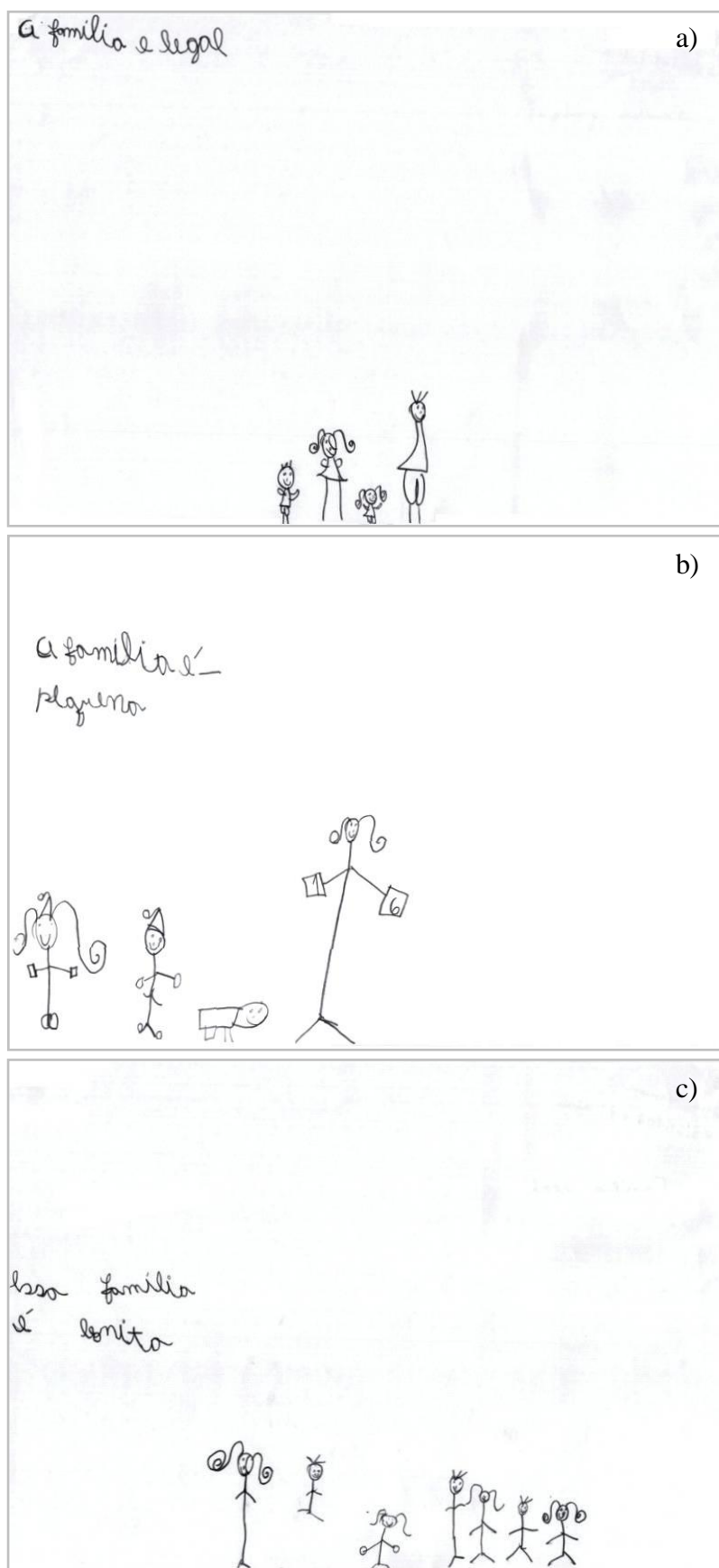


FIGURA 9 - Desenhos de Alice: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.

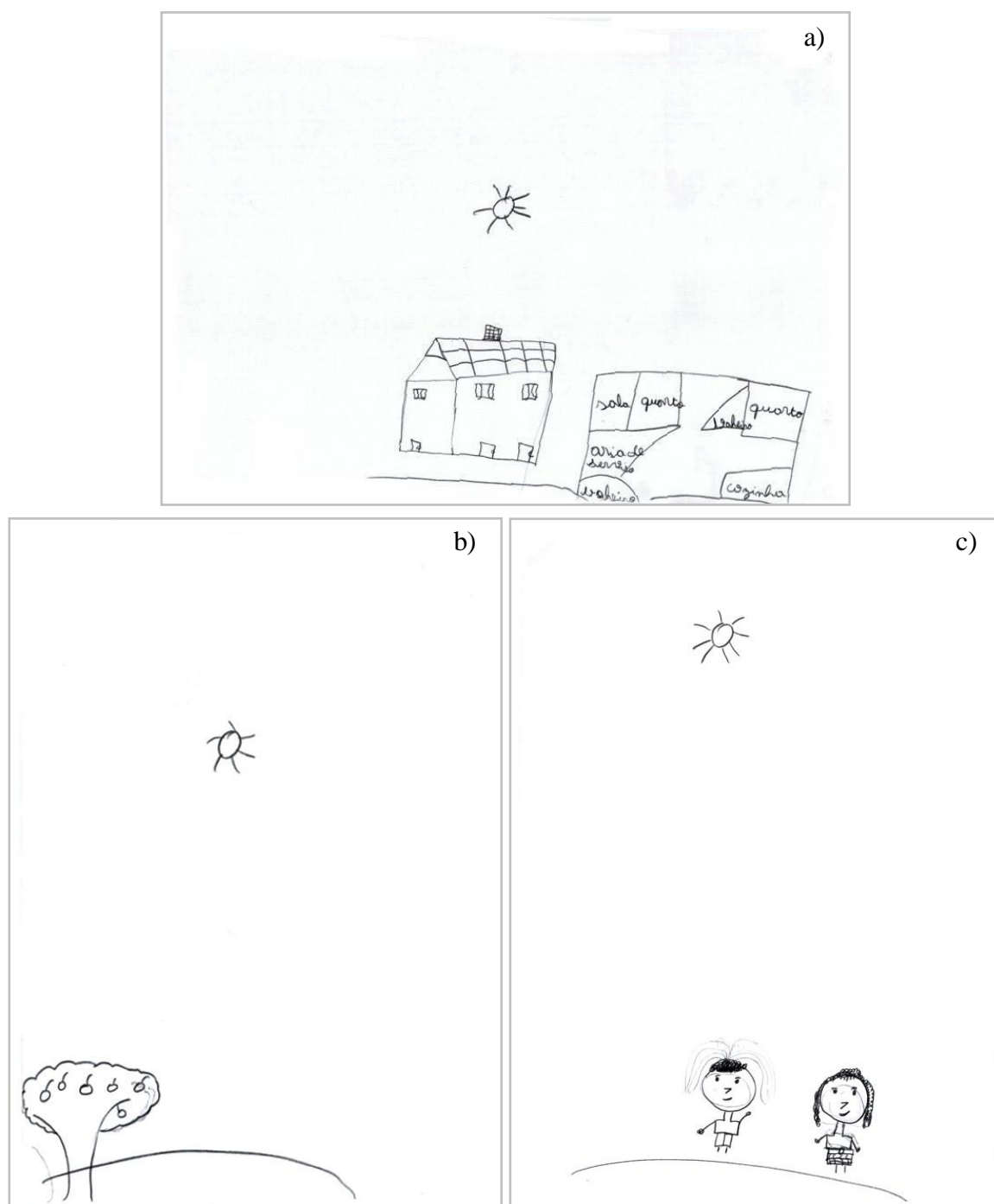


FIGURA 10 - Desenhos de Bia: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.

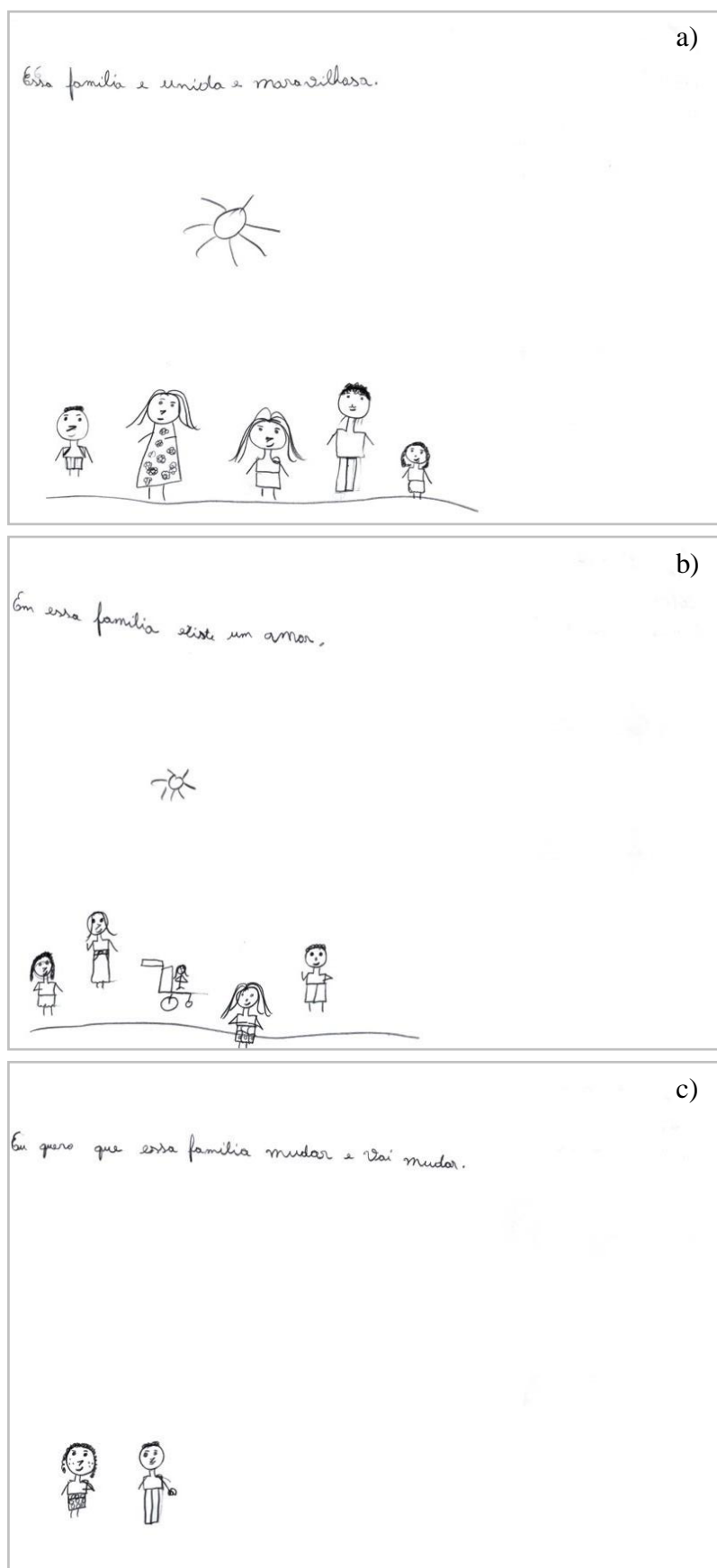


FIGURA 11 - Desenhos de Bia: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.

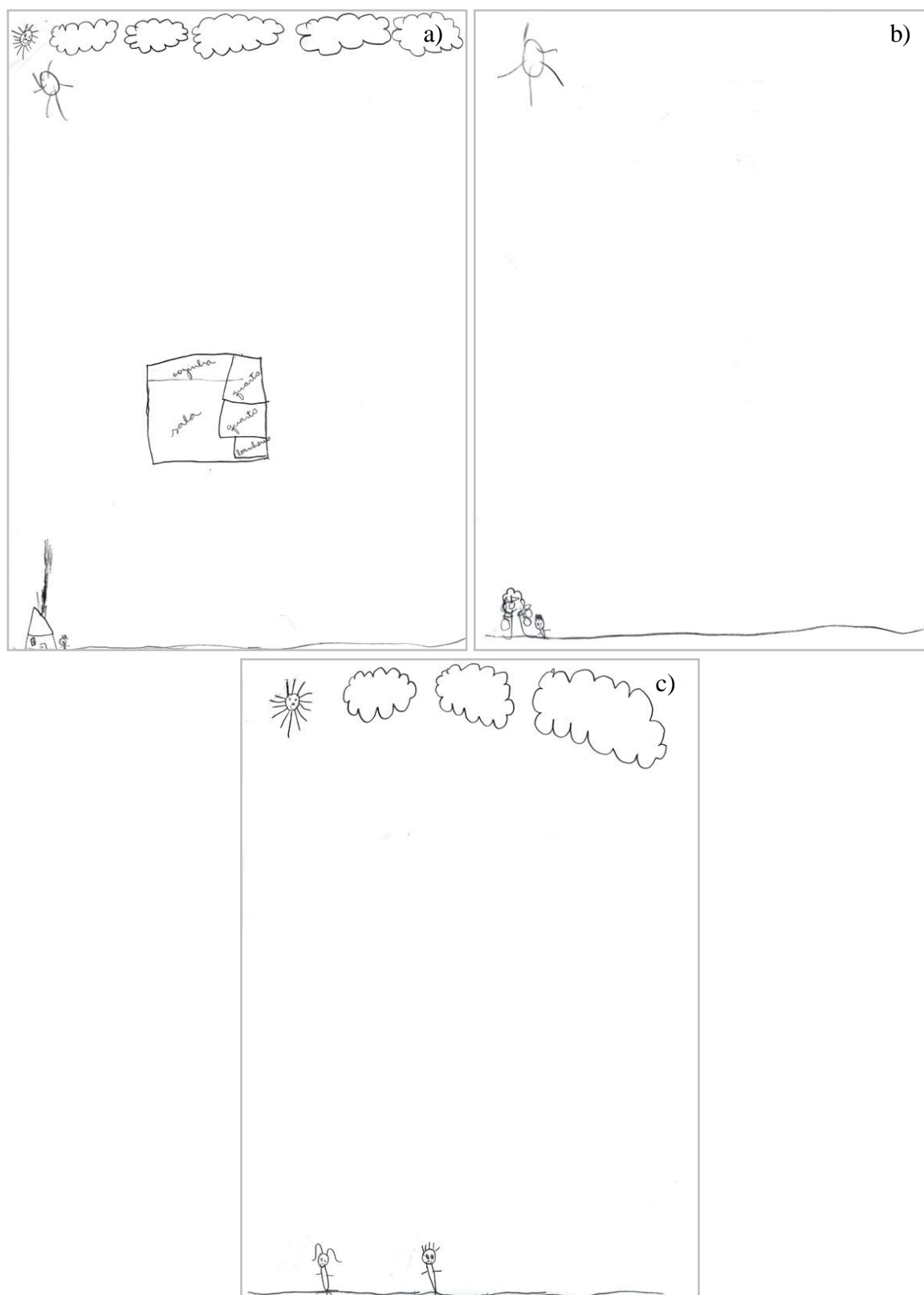


FIGURA 12 - Desenhos de Carlos: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.



FIGURA 13 - Desenhos de Carlos: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.

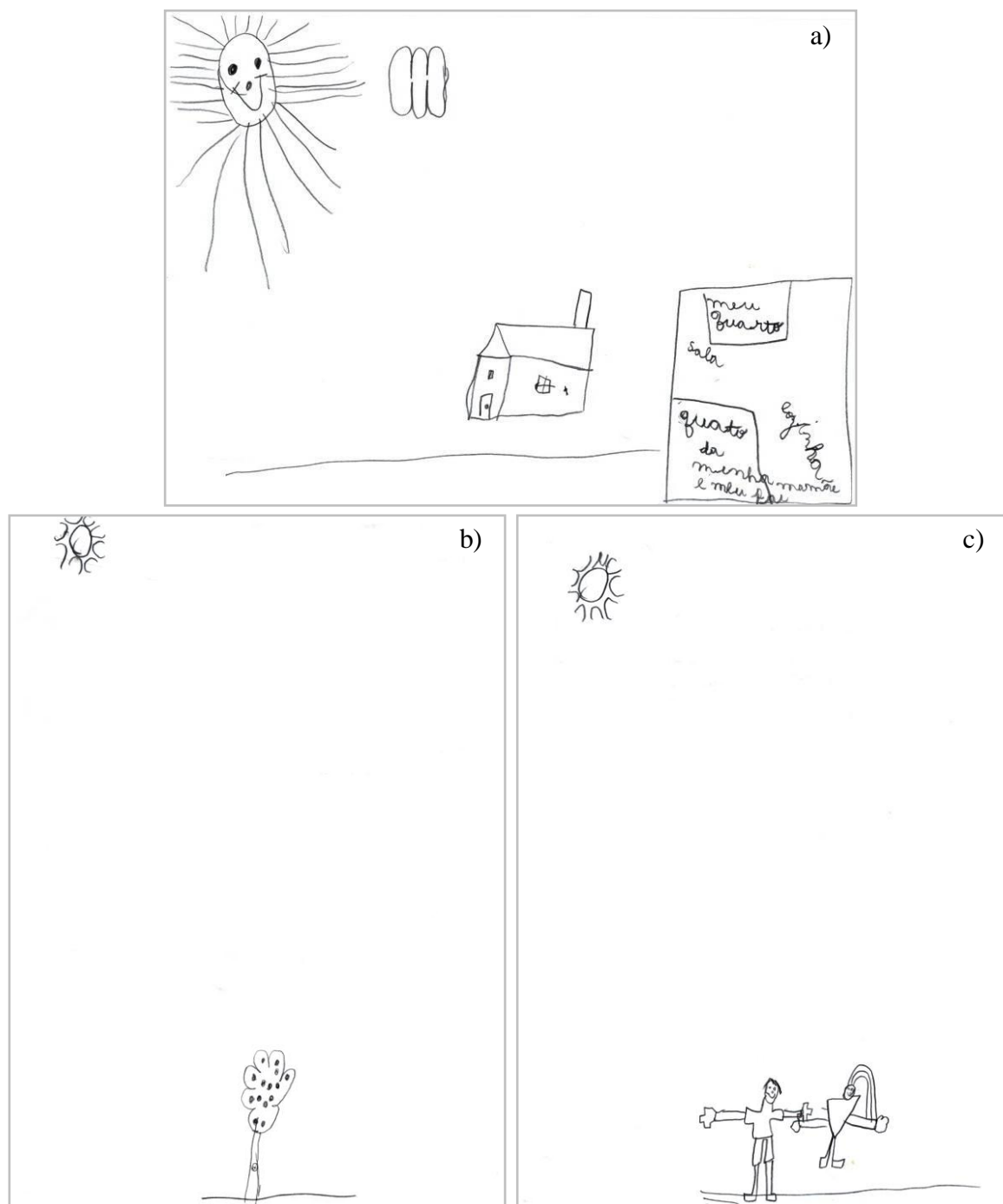


FIGURA 14 - Desenhos de Daniel: a) Casa; b) Árvore; c) Pessoas I e II.

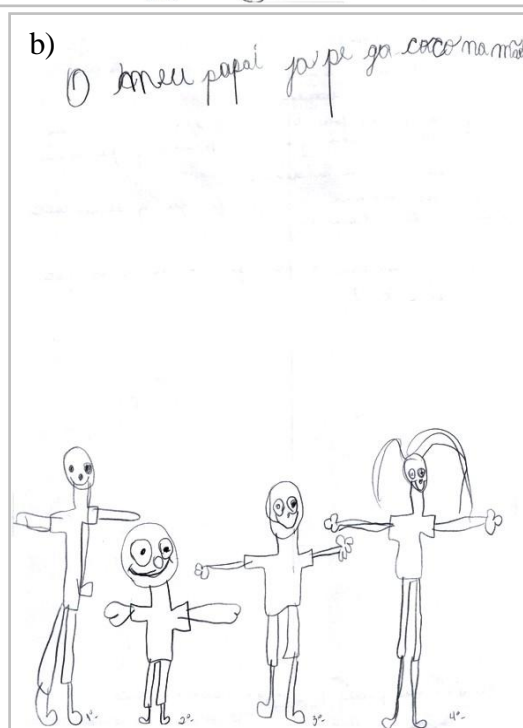


FIGURA 15 - Desenhos de Daniel: a) Família qualquer; b) Família real; c) Família ideal.

9.5.3 Análise dos desenhos HTP e das famílias

O HTP é um teste em que a pesquisadora pode se apoiar para observar o modo como a criança está se relacionando com a família. No desenho da casa das crianças participantes desta pesquisa, pode-se inferir que a casa simbolize o lugar onde são buscados os afetos relacionados à vida familiar. É interessante observar que as crianças que moram com mais pessoas na casa desenharam uma casa maior, como é o caso de Bia, Alice e Daniel, enquanto Carlos desenhou uma casa minúscula, o que pode estar relacionado ao fato de morar apenas com a sua mãe. Ainda pode ser que essas crianças simbolicamente estejam representando aquilo que desejam ou fantasiam de que a quantidade de pessoas numa casa possa estar relacionada à possibilidade maior número de relacionamentos, afetos e de sentir-se amada.

Essas crianças de certa forma ainda são muito vulneráveis pela sua condição em desenvolvimento, no momento que ainda estão em formação de sua personalidade, sendo que o ambiente também reflete nas suas relações familiares e na internalização do conceito de amor. Isso pode ser observado nos desenhos, no espaço vazio da folha que representa o ambiente.

A janela de Bia e a de Carlos se encontram junto ao teto, o que pode indicar tendência a viver mais no mundo da fantasia do que na realidade, ou necessidade de fuga (RETONDO, 2000). A fantasia é importante no desenvolvimento para organizar a percepção da realidade. Ela é inferida a partir de observação de um fato, seja sonho, brinquedo ou qualquer outro modo de expressão. Conforme Duarte e Castro (1989) é por meio dela que o conteúdo mental inconsciente é revelado.

A árvore é o desenho mais primitivo, mais inconsciente, e revela a relação da pessoa com ela mesma, ou seja, simbolicamente, atinge os aspectos mais profundos e básicos da personalidade. É o desenho que menos muda ao longo do desenvolvimento, porque fala das características mais estáveis da personalidade.

A maioria das crianças desenhou a árvore de uma maneira que pode-se inferir estar relacionada ao concreto, à realidade que é considerada adequada nessa idade. Apenas Alice desenhou uma árvore grande, o que parece estar representando ora a sua colocação no mundo, ora sentimentos de ameaça. Isso pode ser observado na fala de sua mãe:

Eu percebo que há ainda um ciúme bem grande de Alice pelo irmão. Então, o Pedrinho ainda tá na fase de depender mais de mim. E eu percebo que Alice às vezes fica enciumada, isso ainda é muito novo pra mim assim como é que eu lido com isso. Às vezes, eu me..., entre aspas, eu me descontrolo um pouquinho, porque não sei como lidar com o choro dela, ela chora, ele chora também [...]. Alice é uma criança que, ela não permite muito, tipo a gente chegar abraçá-la, ficar fazeno carinho nela. (Mãe de Alice)

Aos seis ou sete anos, a criança já sabe que precisa responder a alguma coisa relacionada ao fato que está ocorrendo no momento, como por exemplo, Alice poderia falar para sua mãe sobre o ciúme e outros sentimentos que tem em relação ao irmão, ao invés de ficar chorando. Dizer algo relevante, não repetir o que já foi dito e até a diferenciar as palavras utilizadas de acordo com o ouvinte a quem ela se dirige, são características dessa fase dos seis, sete anos conforme Bassols, Dieder e Valenti (2001).

A figura humana trata da relação da pessoa com ela mesma. O desenho de pessoa costuma manifestar três tipos de projeções: auto-retrato, eu ideal ou ideal de ego e percepção das pessoas significativas: pais, irmãos, professores e outros de acordo com Retondo (2000).

Os desenhos das figuras Humanas dessas crianças estão bem diferentes um do outro, isso porque prioriza as questões individuais de cada uma delas.

A finalidade dos desenhos da Família Real e da Família Ideal é identificar conteúdos inconscientes que se referem às relações do examinando com os objetos internos e externos pertencentes ao seu mundo familiar, de acordo com Retondo (2000). No entanto a pesquisadora busca verificar o modo como as crianças participantes desta pesquisa se veem na relação familiar e como se relacionam com sua família, bem como manifestam os seus sentimentos.

No desenho da Família Qualquer, as meninas desenharam uma família que elas conhecem; no entanto os meninos desenharam um casal, o que pode significar para eles por onde a família começa, como se pode perceber em seus comentários durante os desenhos:

Eu vou desenhar essa família, porque a minha mãe conhece e é amiga deles. [quando terminou de desenhar comentou:] O pai é bem grande, porque ele tem que ser maior. (Alice)

Tem que desenhar todo mundo? Vou desenhar a família de minha amiga. (Bia)

Esse é o pai e a mãe que tá casano pra tê bebê, o filhinho deles. (Carlos)

O pai e a mãe foi casá, pra... pra tê os filhinhos. (Daniel)

A identidade de gênero tem sido definida por meio da capacidade da criança em reconhecer que é membro de um sexo e não de outro. Ela pode ser inferida nas brincadeiras da criança de acordo com seu sexo, nas quais elas expressam sua identificação com o sexo masculino ou feminino, por marcadores culturalmente aceitos de masculinidade ou feminilidade: papéis de gênero, de conformidade com Bassols, Dieder e Valenti (2001). Isso pode explicar o fato de esses dois meninos conceberem a família de forma diferente das meninas. Para eles, a família começa no casamento. E o casamento acontece para o casal ter a autorização para terem filhos.

O casamento costuma ser visto por meio do contexto familiar, como uma necessidade básica do casal a qual se centra em ter filhos, pois os pais precisam das crianças para desenvolver seu relacionamento, conforme Winnicott (1997). Visto por esse ângulo, justifica-se a colocação do autor nos comentários de Carlos e Daniel durante o desenho da Família Qualquer.

No entanto, no desenho e comentário de Bia e de Alice, encontra-se uma família conhecida, o que pode estar relacionado à fase de latência, período do desenvolvimento que vai dos seis aos onze anos, já descrito anteriormente, no qual a criança não se prende mais apenas a sua família, mas ela se volta para as pessoas próximas como amigos dela e de seus pais e irmãos. A busca de outros princípios tem o sentido de deixar a ligação inicial, fazendo novos vínculos e caminhando em direção a uma identidade própria, de acordo com Ferreira e Araújo (2001).

No desenho da Família Real, três crianças, Alice, Bia e Carlos, desenharam as pessoas distantes uma das outras, o que pode indicar sentimento de isolamento, distanciamento entre os membros da família.

No entanto, as figuras de Bia, em negrito, são as duas irmãs dela e ela em algumas partes do corpo, o que pode estar vinculado ao ciúme que ocorre entre irmãos, ainda mais quando uma das irmãs é excepcional e requer de fato mais atenção e cuidado, e a outra irmã é a caçula da família, ainda muito nova, e necessita também de cuidados e atenção diária. Muitas mães acabam se ligando ao filho com deficiência de maneira tal, que chegam a

considerar que os outros filhos, por serem considerados normais, não precisam dela, de acordo com Regen, Ardore e Hoffmann (1993).

Algo interessante ocorre no desenho da família Real de Bia: ela desenha o pai dela no mesmo espaço em que ela e sua mãe estão e faz o seguinte comentário enquanto desenha:

Meu pai veio eu não gosto dele.

O fato de o pai não morar com ela, a mãe e as irmãs e de não ter nenhum contato com ela e, ainda assim, ela desenhá-lo e fazer esse comentário sugere que ela pode estar tendo dificuldade para assimilar essa realidade inaceitável, conforme Retondo (2000).

A menina, quando abomina o pai, tem mais dificuldade de optar pelo caminho que a levará ao desenvolvimento de sua feminilidade (PAIS, 2008).

Outro aspecto que me chamou a atenção no desenho da Família Real foi o desenho de Alice, que omitiu a figura do pai e do padrasto, o que pode indicar medo, dificuldade e conflito com essas figuras, de acordo com Retondo (2000). Na entrevista com a mãe de Alice, a mãe relata essa questão do medo de Alice em relação à figura paterna:

Ela tem medo dele. Eu acho que não é nem um respeito, mas ela tem medo, eu sei o porquê, que ela responde ao pai é por medo. [...] porque ele reage. E ela é uma criança, ela tem seis anos. Cê pede uma, duas vezes, eles não atendem de prontidão. Então, aí ele parte pra braveza. Ela faz por medo e não porque acha que aquilo é certo.

A figura paterna é de suma importância na vida da criança na fase do complexo de Édipo, pois o pai ou seu substituto serve de modelo de masculinidade para o menino e gratifica e reforça a feminilidade da menina segundo Anton (2000).

Ainda no desenho de Alice, é possível observar que a figura da mãe traz uma placa em cada uma das mãos, em cada placa está escrito a idade de cada filho.

O desenho de Daniel traz os membros da família próximos um do outro, pode-se inferir sentimento de interação, manifestação de relacionamento que pode estar havendo mais proximidade afetiva entre seus membros.

É no contexto familiar que a criança faz as suas primeiras relações de objeto, as quais vêm posteriormente determinar as modalidades de vínculos que ela estabelece com o mundo. São do interjogo entre a Família Real e os sentimentos, impulsos e desejos da criança, que ela constrói uma família dentro de si, que são seus objetos internos. A representação da Família Ideal molda e interfere em sua relação com a Família Real, conforme Retondo (2000).

No desenho da Família Ideal, cada criança desenha conforme o seu ideal de família, seu desejo; no entanto o desenho de Daniel traz algo interessante, é o mesmo desenho da Família Real, apenas seus membros mudaram de posição, como se fosse uma imagem refletida no espelho. Isso sugere uma boa aceitação da família como ela é. A família, qualquer que seja a sua constituição, é o núcleo primordial que recebe e contém a criança, o lugar onde ela realiza a experiência de existir como um ser em si mesmo. Representa a primeira vivência de contato com o mundo. Costuma ser o lugar onde a pessoa pode ter suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, mas também pode ser o lugar de onde a pessoa traga suas tristezas, desencontros, brigas, de acordo com Capelatto, I. (1999).

O desenho de Carlos da Família Ideal traz todos juntos e de frente – o pai, a mãe e o filho—, o que pode indicar o desejo de Carlos em existir em sua família sentimento de interação, solidariedade, pertinência e união.

Alice desenha todos os membros da sua família: mãe, irmão, pai, avó, avô, prima, tia, mas se esquece dela e só percebe quando termina de nomear. Ao perguntar-lhe: cadê você? surpresa, ela comenta:

Faltou eu desenhar, eu faço agora.

Essa omissão de Alice de seu grupo familiar sugere sentimentos de rejeição, de não participar do grupo familiar, de não ser apreciada, querida, de ser inferior, de não receber a afetividade desejada. Pode ser tanto rejeição como sentir-se rejeitada ou desejo de afastar-se, conforme Retondo (2000). Já o desenho de Bia se diferencia dos demais, ela opta por se excluir, a sua mãe e a sua irmã caçula, deixando apenas a irmã mais velha, excepcional e portadora de deficiência física, e o pai de Bia que não é o mesmo da irmã. Em seu comentário após fazer o desenho, fica clara sua preocupação com a situação real de sua família:

Só a Maria e o meu pai. Queria que ela andasse. Que meu pai me ajudasse. Que ele comprasse as coisas pra mim, me desse dinheiro, passeasse comigo. Olha para o desenho e fala: Ele está com a mão cheia de dinheiro.

Uma vez afirmado para Bia que essa família é só de duas pessoas, ela concorda. Em seguida, indaga-se onde ela está. Ela comenta:

Ainda não nasci. Só depois que vem eu e minha irmã.

Indagada se ela pensa que a irmã não anda por causa dela, Bia diz que não:

Não, é pra ela cuidar de mim, brincar comigo.

É interessante a colocação de Bia, pois ela deseja ser cuidada pela irmã mais velha que é portadora de deficiência. Isso pode estar relacionado ao fato de a família ser considerada o primeiro sistema de apoio no universo de serviços e suportes para crianças deficientes, segundo Pell e Cohen (1995).

Outro fato que chama a atenção é o desejo de Bia em ser cuidada por seu pai, de sentir-se amada por ele, embora o tempo todo ela contradiga dizendo:

Eu não gosto dele.

O pai costuma ser uma figura importante no desenvolvimento psicoafetivo dos filhos, indo além do papel de provedor e mantenedor da família para, por meio de seu afeto e de seu agir, ser referência na construção da personalidade dos filhos e ser o primeiro transmissor da autoridade social. O pai personifica autoridade e segurança, ideais e valores (BARUFFI, 2000).

Os irmãos de pessoas com necessidades especiais frequentemente passam pelas mesmas experiências que os pais, com sentimentos de medo, raiva, culpa, etc. de acordo com Gargiulo (2003). Isso pode explicar o desejo de Bia, que é de ser cuidada e não mais de ser apenas ajudante nos cuidados de sua irmã mais velha. E até mesmo do ciúme que sente em dados momentos por essa irmã, como se pode perceber em seu relato já citado anteriormente:

Por que você tá chorando? Porque minha irmã tomou minha caixa de bombom. Ah! eu dou essa daqui pra você. (Bia)

Ao longo da análise comparativa dos resultados, pôde-se perceber a interferência familiar na introjeção e expressão do afeto e amor na vida das crianças participantes desta pesquisa. Ficou isso claro, principalmente na relação dos pais enquanto marido e mulher, com os parentes mais próximos, por exemplo, os avós e tias, e na convivência com os irmãos e amigos. Isso foi possível se identificar não só nas entrevistas, mas também na análise dos desenhos.

Três das crianças participantes tem seis anos de idade, início do Período de Latência para alguns, enquanto outros ainda estão fixados na fase Edípica. Assim, com relação à expressão do amor nas relações afetivas de gênero, essa questão da diferença não fica bem clara, pois algumas dessas crianças ainda estão vivenciando essa fase. E isso não possibilita a análise, a não ser no desenho de uma Família Qualquer em que a diferença da representação simbólica aparece semelhante nas meninas e nos meninos, inclusive no comentário deles enquanto desenhavam.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados obtidos, apresentam-se algumas conclusões.

O amor é um tema amplo e histórico, e a maneira como cada um concebe esse sentimento e o manifesta pode estar relacionada à experiência vivida. As crianças desta pesquisa demonstram isso de maneira singela: o amor para elas pareceu estar mais relacionado ao fazer cotidiano e às realizações junto do próximo, como por exemplo, brincar com quem gosta. No entanto, quando não gostam, não mostram interesse em fazer algo com a outra pessoa. É interessante essa maneira clara e objetiva de se relacionar e expressar o que sentem. Já seus pais demonstram o amor que sentem por meio de abraços, beijos, verbalizando e/ou fazendo algo, para agradar a pessoa amada, como um bolo de que ela gosta, tal como costuma ocorrer no contexto cuiabano, local desta pesquisa.

Os pais dessas crianças parecem ser a maior referência na vida delas enquanto marido e mulher, visto que, na maioria das vezes, são os atores do processo pelo qual a criança incorpora os valores e os costumes da cultura em que vive para assumir o seu papel na sociedade, num mecanismo de identificação. É fácil perceber o quanto pode ser benéfico para o desenvolvimento poder contar com os pais que têm um bom relacionamento enquanto marido e mulher. No caso de Daniel, essa interferência positiva parece estar contribuindo para que ele consiga ter um bom relacionamento e aceitação da família. Quando teve a chance de manifestar de maneira projetiva a visão que tem a respeito da família ideal, ele o fez por meio do desenho de sua família real. Até mesmo em seu comportamento com os colegas, foi possível notar que se trata de uma criança segura, tranquila e amável, de fácil convivência com seus colegas, o que foi observado também em sala de aula e no pátio da escola.

A separação dos pais, é um processo que costuma ser doloroso para todos os envolvidos, para o casal e os filhos, para os avós, os tios, etc. As crianças participantes desta pesquisa puderam contar com o apoio de parentes próximos, mais precisamente dos avós, para ajudá-las na elaboração e adaptação dessa nova vida. Foi possível constatar que essa participação ocorreu por parte da família do cônjuge que detém a guarda da criança, a não ser quando o processo da separação ocorreu de maneira amistosa, em que o respeito e a consideração dos pais se fizeram presentes, como foi com os pais de Alice. Quando não, como aconteceu com os pais de Carlos, a relação ficou interrompida e complicada para ser restabelecida. E isso veio dificultar o relacionamento não só da criança com seus pais, como também dela com os avós paternos ou maternos, conforme a condição da guarda dessa criança.

A atuação desses avós e tias na vida dessas crianças sempre tem sido importante e não apenas nos momentos quando da separação de seus pais. Percebeu-se que essa colaboração até o momento não tem ultrapassado os limites do que é comum na relação de avós e tias. Não houve, tanto na fala das crianças como na de seus pais, nenhuma referência com a avó ou tia querendo ocupar o lugar da mãe ou do pai na vida do (a) neto (a) ou sobrinho (a). Até mesmo quando a mãe de Alice “brinca” com as palavras dizendo “Olha, vou passar a Alice pro nome dos avós” a frase é refeita e em seguida, complementada: “com essas minhas ausências, os avós, não tem pessoa melhor pra ela do que eles”. Isso mostra que essa mãe considera positiva a relação dos avós com a filha dela.

A família costuma ser o contexto onde a pessoa encontra espaço para desenvolver-se de maneira saudável, ou não, por meio do relacionamento intrafamiliar. Com isso, a participação rotineira na vida da criança é importante fazendo com que a criança também se sinta pertencente a essa família.

Em relação ao entrosamento dos participantes com os irmãos, há o entendimento de que os conflitos existentes são naturais, advindos da interação estabelecida ao que costuma ter grau de simpatia entre uns e outros, o que pode favorecer ou não a solução desses mesmos conflitos.

A ausência física e emocional da figura paterna na vida das crianças participantes desta pesquisa – tanto da menina, Alice, quanto do menino, Carlos –, parece estar ocasionada a uma perda no desenvolvimento afetivo delas, pois costuma ser por meio do afeto e das ações que o pai se torna referência na construção da personalidade dos filhos. Com essa ausência, a criança tem mais dificuldade de optar pelo caminho que a levará ao desenvolvimento de sua feminilidade ou masculinidade, conforme sugere Pais (2008).

Nesta pesquisa, ficou evidente a maneira habitual utilizada por essas crianças para expressar seus sentimentos por meio de abraços, beijos e afagos. Isso aparece no traço da criança quando desenha, por exemplo, os familiares de “mãos dadas” ou, simplesmente com a proximidade corporal.

O desenho é a forma simbólica mais prática de dizer o que pensam e sentem. A criança costuma desenhar não só a representação daquilo que vê, mas também a exposição afetiva daquilo que ela viu ou está vendo no momento do desenho. É a transmissão de uma mensagem particular ao círculo de amigos, à família, conforme Darrault-Harris e Grubits

(2000). A análise dos desenhos e histórias conseguidas nas técnicas projetivas aplicadas propiciou o contato com as projeções inconscientes das crianças estudadas.

Percebe-se com os desenhos feitos pelas crianças que há diferenças nas formas como meninos e meninas se expressam acerca das relações afetivas e do amor, no tocante à constituição da família. Para os meninos, a família começa com o casamento, que parece estar relacionado à autorização para ter filhos, e com a identificação sexual.

É preciso lembrar que este estudo não pretendeu esgotar a amplitude de um assunto tão abrangente, como é a afetividade da criança nas relações interpessoais e, sobretudo, nas relações com seus familiares. Os questionamentos ainda perduram, reclamando por uma continuidade desse estudo.

É possível concluir que as crianças do grupo considerado têm como maior referência o vínculo afetivo, ou seja, a vivência com sua família e essa referência parece contribuir, tanto para a construção de valores, como para a sua expressão dos afetos nas relações interpessoais. Isso responde em parte à indagação propulsora desta pesquisa. As crianças aqui consideradas parecem ter, em relação aos afetos, mais referências afetivas e familiares. Não foi constatada, entre as crianças participantes dessa pesquisa, uma tendência maior ou mais patente à valorização do estético em lugar do ético. Em outras palavras, não se observou entre as crianças e familiares desse grupo de crianças a desvalorização do relacionamento humano e uma valorização das relações superficiais, substituíveis. Essa inversão e/ou troca de valores tem estado presente na mídia, por exemplo, é feliz aquele que, estética e economicamente, é bem sucedido. Entretanto essa inversão não pareceu clara ou prevalente. Essa constatação veio corresponder negativamente à segunda indagação do presente estudo. Ou seja, a presença da mídia e de seus apelos não parece constituir uma influência maior ou mais forte que a presença da família na construção dos valores nessas crianças, nem na sua vivência e expressão dos afetos.

Sabe-se da singeleza dos resultados colhidos com este trabalho, cuja análise se valeu de determinada metodologia e dos autores citados. Certamente os caminhos seriam outros, tanto quanto os resultados, caso se optasse por outros autores e outros meios. Reconhece a pesquisadora essa singeleza de propósitos e de resultados. Entretanto igualmente reconhece a grandeza da experiência que significa chegar a essas conclusões, apesar de modestas. Valerá a pena continuar num outro momento o mesmo assunto, então com a experiência e ambição

para mais e melhores resultados. No mundo dos afetos, sempre haverá muito a ser pesquisado. E, para a autora deste trabalho, a sua elaboração oportunizou a lição de como se tornar uma pesquisadora.

A dificuldade em lidar com questões afetivas, em falar sobre o amor e expressá-lo faz refletir sobre o individualismo reinante em muitos contextos, o que pode ser entendido como uma seqüela das formas de afeto, resultado da formação dos que, outrora em sua infância, também foram tolhidos em sua vivência e expressão de amor. A presença amorosa da família, sobretudo na infância, é fundamental na ampliação das relações com a alteridade e promove a autoestima, a segurança, o fortalecimento da identidade, o autorespeito e a própria capacidade de expressão dos afetos.

Com esses resultados, considera-se a importância de os pais refletirem a respeito de como vem sendo sua relação com os filhos, se suas crianças se sentem amadas e integradas à família, tomando consciência de sua responsabilidade. Uma criança que se sente amada consegue crescer mais tranquila não só para aprender e amadurecer, mas até para simplesmente pensar nos outros, como disse Bia: “Amar é ajudar os outros e... só”.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.
- AGUIAR, E. N. *Desenho livre infantil: leituras fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- ALMEIDA, L. P.; ATALLAH, R. M. F. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 203-218, 2008.
- AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006.
- ANTON, I. L. C. *A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- ARATANGY, L. R. *O anel que tu me deste: o casamento no divã*. São Paulo: Artemeios, 2007.
- ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- ARRUDA, A. *O linguajar cuiabano e outros escritos*. Cuiabá: [s.n.], 1998.
- BARON-COHEN, S. *Diferença essencial: a verdade sobre o cérebro de homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BARROS, M. L. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BARUFFI, A. M. Z. *Família e socialização: um estudo das implicações da situação de presença/ausência paterna*. 2000. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BASSOLS, A. M. S.; DIEDER, A. L.; VALENTI, M. D. A criança pré-escolar. In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 91-104.
- BENGHOZI, P.; FÉRES-CARNEIRO, T. Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 112-118.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality. In: DREITZEL, P. H. (Org.). *Recent sociology*. New York: MacMillow, 1970. p. 20-38.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; CALDANA, L. H. R.; SILVA, F. G. M. D. Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico científico. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 49-62, 1997.

BIDDULPH, S. *Criando meninos: por que os meninos são diferentes e como ajuda-los a se tornarem pessoas felizes e equilibradas*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2002.

BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOWLBY, J. *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE: mulheres casam mais quando jovens*. Brasília, 2007. não paginado.

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1046>. Acesso em: 20 de jul. 2009.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. *Resolução n. 016, de 20 de dezembro de 2000*.

Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, 2000.

Disponível em: <<http://www.vademecum.com.br/sbpd/CFP0162000.htm>>. Acesso em: 8 mar. 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 out. 1996. Disponível em:

<<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>>. Acesso em: 9 nov. 2008.

BRASIL. Secretaria de Planejamento. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico: famílias e domicílios*. v. 1, tomo 6, n. 18. Rio de Janeiro, 1983. (IX Recenseamento Geral do Brasil). Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Familias_e_Domicilios_RJ.pdf>. Acesso em: 20 set. 2009.

BRAZELTON, T. B. *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRUN, D. A gramática amorosa da amizade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 311-319, 2007.

BUCK, J. N. *H.T.P. casa-arvore-pessoa, técnica prejetiva do desenho: manual e guia de interpretação*. São Paulo: Vetor; 2003.

CALIL, R. C. C. *Psicoterapia de grupo de criança: aspectos clínicos de um estudo de caso*. 2001. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

- CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. Reflexões sobre o método qualitativo em ciências humanas. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Orgs.). *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação*. São Paulo: Vetor, 2004. p. 93-104.
- CALLIGARIS, C. A paixão pelo novo e o casamento. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 jun. 2001. Ilustrada, p. E8-11.
- CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35-63, 2003.
- CAPELATTO, H. S. Ter ou ser família? Eis a questão fundamental. *Vir a Ser*, Londrina, v. 26, n. 3, p. 25-26, 1999.
- CAPELATTO, I. *Diálogos sobre a afetividade*. Campinas: Papyrus, 2007.
- _____. A família é o nosso lugar. *Vir a Ser*, Londrina, v. 7, n. 3, p. 6-10, 1999.
- CARRETEIRO, T. C. Vinculações entre romance familiar e trajetória social. In: FÉRES-CORNEIRO, T. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 119-133.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-29.
- CARUSO, I. *A separação dos amantes*. São Paulo: Diadorim Cortez, 1989.
- CHAPMAN, G.; CAMPBELL, R. *As cinco linguagens do amor das crianças*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- CICCO, M. F.; PAIVA, M. L. S. C.; GOMES, I. C. Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 53-63, 2005.
- CORSARO, W. *The sociology of childhood*. California: Pine Forge, 1997.
- DARRAULT-HARRIS, I.; GRUBITS, S. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- _____. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2000.
- DI LEO, J. H. *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 55-62, 2003. Edição especial.

- DIHEL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, A. (Org.). *Família em cena*. Rio de Janeiro: Vozes. (2002). p. 135-158.
- DOBSON, J. C. *Educando meninos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- DOLTO, F. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Psicanálise e pediatria*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1988.
- DOLTO, F. *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- DUARTE, I.; CASTRO, M. G. K. A psicoterapia com crianças na fase de latência. In: DUARTE, I; BORNHOLDT, I.; CASTRO, M. G. K. (Orgs.). *A prática da psicoterapia infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 146-152.
- DUCIBELLA, J. S. Consideration of the impact of how children are informed of their parents' divorce decision: a review of the literature. *Journal of Divorce & Remarriage*, London, v. 24, n. 3/4, p. 121-141, 1995.
- DUNN, J. Sibling relationships in early childhood. *Child Development*, New Orleans, v. 54, n. 4, p. 787-811, 1983.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1974.
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- ESCOLA O PEQUENO BANDEIRANTE. *Projeto Político Pedagógico*. Cuiabá, 2008.
- FÁBIO JÚNIOR. *Pérolas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2000. 1 CD.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 134-143.
- _____. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. não paginado. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso&tl>. Acesso em: 20 set. 2008.
- FERRARI, J. L. *Ser padres en el tercer milenio*. Mendoza: Ediciones del Canto Rodado, 1999.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, M. H.; ARAÚJO, M. S. A idade escolar: latência (6 a 12 anos). In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 105-115.
- FRAIBERG, S. H. *Os anos mágicos: a primeira infância – compreensão e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FRANK, N. Helping families support siblings. In: BECKMAN, P. J. (Ed.). *Strategies for working with families of young children with disabilities*. Baltimore, MD: Paul Brookes, 2000. p. 169-188.

FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 301-320.

_____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 104, p. 127-162.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14. p. 85-119.

_____. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 11, p. 53-124.

_____. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. 9, p. 135-143.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7, p. 166-186.

FRY, P. S. The kid's eye view: The single parent family and children's perceptions of personal needs and concerns for the future. *Journal of Child Care*, v. 1, n. 5, p. 31-50, 1983.

GARCIA, M. L. T.; TASSARA, E. T. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 8, n. 1, p. 127-133, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17242.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2009.

GARGIULO, R. M. *Special education in contemporary society: An introduction to exceptionality*. Belmont: Thomson Learning, 2003.

GLADSTONE, J. Perceived changes in grandmother-grandchild relations following a child's separation or divorce. *The Gerontologist*, St. Louis, v. 28, n. 1, p. 66-72, 1988.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. Casamento e família no século XXI: possibilidade de *holding*? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 3-9, 2003. Número especial.

GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 14, p. 32-37, 2005.

GOOGLE EARTH. *Município de Cuiabá, MS*: imagem de satélite. 1 fotografia aérea. Disponível em: <<http://www.google.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

GRAY, J. *Marte e Vênus juntos para sempre*: novas formas de relacionamento para um amor duradouro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GRUBITS, S. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 97-105, 2003.

HAMMER, E. F. A técnica projetiva do desenho da casa-árvore-pessoa: interpretação do conteúdo. In: HAMMER, E. F. (Org.). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 121-153.

HEIMANN, P. Notas sobre a teoria dos instintos de vida e de morte. In: RIVIERE, J. (Org.). *Os processos da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. p. 344-365.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 44-68, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JABLONSKI, B. Atitudes frente à crise do casamento. In: FÉRES-CORNEIRO, T. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 81-95.

KLEIN, M. Amor, culpa e reparação. In: KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 347-384.

_____. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 85-110.

KLEIN, M.; RIVIERE, J. *Amor, ódio e reparação*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

LEVY, S. Desenho projetivo da figura humana. In: HAMMER, E. F. (Org.). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 61-85.

LOBATO, D. J. *Brothers, sisters, and special needs*: Information and activities for helping young siblings of children with chronic illnesses and developmental disabilities. Baltimore, MD: Brookes, 1990.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, M. T. *Casamento: término e reconstrução*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

MANDELBAUM, E.; MANDELBAUM, B. A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 143-150, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200009&tlng=en&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2008.

- MANFRO, G. G.; MALTZ, S.; ISOLAN, L. A criança de 0 a 3 anos. In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 73-89.
- MCDOWELL, J. *Construindo uma nova imagem pessoal*. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1996.
- MENEZES, M.; MORE, C. L. O. O.; CRUZ, R. M. O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. *Avaliação Psicológica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 189-198, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. *Psicologia e da pedagogia da criança: curso da Sorbonne 1949-1952*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Psicologia e Pedagogia).
- MINAYO, M. C. S. O trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 61-77.
- _____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.
- MITCHELL, J. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- MULLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. *Educar*, Curitiba, n. 32, p. 123-141, 2008.
- MUZA, G. M. Da proteção generosa à vítima do vazio. In: SILVEIRA, P. (Orgs.). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 143-150.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 49-55, 2006.
- NASCIMENTO, A. M. População e família brasileira: ontem e hoje. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., Caxambu, 2006. *Anais...* Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2006. p. 1-24. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2008.
- NOLTE, D. *As crianças aprendem o que vivenciam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- OCAMPO, M. L. S.; GARCÍA-ARZENO, M. E.; PICCOLO, E. G. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- OLIVEIRA, R. D. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- OSÓRIO, L. C. *A família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PAIS, L. F. *Com quem me casei? De quem me separei?: um estudo de caso sobre mulheres vivenciando o processo de separação, a partir de um grupo de reflexão*. 2008. 332 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2008.

PARROTT, L.; PARROTT, L. *Casamento: sete perguntas que você deve fazer antes (e depois) de se casar*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2000.

PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 29, p. 171-191, 2007.

PELL, E. C.; COHEN, E. P. Parents and advocacy systems: A family systems approach. In: WANG, M. C.; REYNOLDS, M. C.; WALBERG, H. J. (Eds.). *Handbook of special and remedial education: Research and practice*. 2nd. ed. New York: Elsevier Science, 1995. p. 371-392.

PICCININI, C. et al. Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 469-485, 2001.

PIÉRON, H. *Dicionário de psicologia*. 7. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

PINCUS, L.; DARE, C. *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PÓVOAS, L. C. *Cuiabanidade*. Cuiabá: [s.n.], 1987.

RAMIRES, V. R. R. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, 2004.

REGEN, M.; ARDORE, M.; HOFFMANN, V. M. B. *Mães e filhos especiais: relato de experiências com grupos de mães de crianças com deficiência*. Brasília: CORDE, 1993.

REIS, J. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 99-124.

RETONDO, M. F. N. G. *Manual prático de avaliação do HTP (casa-árvore-pessoa) e família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

REZENDE, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

RODEMBUSCH, C. F. *A implementação de políticas públicas a partir do poder local em direção à prevenção e ao combate da violência intrafamiliar de que são vítimas as crianças e os adolescentes no município de Rio Pardo*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008.

ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995. p. 271-308.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SIEGEL, J. P. *O que os filhos aprendem com o casamento dos pais*. São Paulo: M. Books, 2005.

- SILVA, J. S. Identidade, território e práticas culturais : a experiência do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Cultura e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p. 74-89.
- SILVA, L. I. C. et al. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 114-121, 2004.
- SMALLEY, G. *O DNA dos relacionamentos: descubra que você foi projetado para relacionamentos satisfatórios*. São Paulo: Hagnos, 2007.
- SOUZA, R. M. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 16, n. 3, p. 203-211, 2000.
- SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- TERUYA, M. T. A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas de análise. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2000. p. 1-25. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2008.
- TIBA, I. *Anjos caídos: como prevenir e eliminar as drogas na vida do adolescente*. São Paulo: Gente, 1999. (Integração Relacional).
- TRAD, L. A. B.; BASTOS, A. C. S. O impacto sócio-cultural do Programa de Saúde da Família (PSF): uma proposta de avaliação. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 429-435, 1998.
- TRINCA, W. Apresentação e aplicação. In: TRINCA, W. (Org). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997. p. 11-34.
- TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TURNBULL, A. P.; TURNBULL, H. R. *Families, professionals, and exceptionality: Collaboration for empowerment*. 4th ed. Columbus: Merrill, 2001.
- URRIBARRI, R. Descorriendo el velo sobre el trabajo de latencia. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, Montevideo, v. 3, n. 1, p. 257-292, 1999.
- WADSBY, M.; SVEDIN, C.G. Parental divorce: From the children's viewpoint. *Nordic Journal Psychiatry*, Oslo, v. 48, p. 107-116, 1994.
- WILSON, K.; DESHANE, M. The legal rights of grandparents: A preliminary discussion. *The Gerontologist*, Oxford, v. 22, p. 67-71, 1982.
- WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Tudo começa em casa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. O pensar e a formação de símbolos. In: WINNICOTT, C.; SHEPHED, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994a. p. 167-169.

_____. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: WINNICOTT, C.; SHEPHED, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994b. p. 195-202.

_____. Individuação. In: WINNICOTT, C.; SHEPHED, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994c. p. 219-222.

_____. Notas sobre o brinquedo. In: WINNICOTT, C.; SHEPHED, R.; DAVIS, M. (Orgs.). *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994d. p. 49-52.

_____. *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WORTHINGTON, E. *Casamento, ainda resta uma esperança: modelos para terapia breve*. São Paulo: Sepal, 2000.

XAVIER, E. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ZAGURY, T. *Limites sem trauma: construindo cidadãos*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ZAVASCHI, M. L. S. et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 189-195, 2002.

ZAVASCHI, M. L. S.; COSTA, F.; BRUNSTEIN, C. O bebê e os pais. In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, M. S. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 41-58.

APÊNDICE A – Documentos de apoio logístico

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu
RG: CPF:
Endereço:
Cidade..... Estado:
Telefone:

proponho-me a participar e autorizo a participação de meu filho anos, na pesquisa acima citada, de forma voluntária, consentindo em que os dados coletados durante a pesquisa possam ser utilizados na produção de trabalhos científicos, na área de Psicologia, desde que seja preservada minha identidade e a do meu filho participante, bem como nossos direitos.

Ao decidir aceitar a participação deste estudo, fui esclarecido(a) e estou ciente de que:

- a) Essa atividade não é obrigatória e, caso eu não queira participar, isso em nada mudará a relação que tenho com a Escola Pequeno Bandeirante, onde meu filho estuda.
- b) Participarei das conversas e contatos que acontecerão nos períodos pré-combinados.
- c) Estamos cientes de que, caso eu, pai/ mãe ou responsável, ou meu filho(a) não nos sintamos à vontade com alguma questão levantada durante os encontros com a pesquisadora, podemos deixar de responder, sem que isso implique qualquer prejuízo.
- d) Sei que as informações que fornecerei poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que minha identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de meu nome ser identificado, sendo assegurado completo anonimato.
- e) Não há nenhum risco significativo em participar deste estudo. Contudo, alguns conteúdos abordados podem vir a trazer algum tipo de desconforto psicológico. Em função disso, terei a possibilidade de ser encaminhado(a) pela pesquisadora ao atendimento psicológico com profissional de Saúde Mental do Serviço Público, caso seja de minha vontade e necessidade.
- f) Minha participação é inteiramente voluntária.
- g) Caso necessite entrar em contato com a pesquisadora, estou ciente que posso encontrá-la pelo telefone (65) 3642-4081 e/ou pelo e-mail: rosagraciela@uol.com.br. A orientadora da pesquisa, prof. Dra. Sonia Grubits, também estará igualmente disponível e poderá ser encontrada pelo telefone (67) 33123605 e/ou e-mail: sgrubits@ucdb.br.

Recebi uma cópia deste termo, tendo tido a possibilidade de lê-lo juntamente com a pesquisadora antes de assiná-lo.

Cuiabá,..... dede 2008.

Assinatura do Pesquisador:
Assinatura do Orientador:
Assinatura do Participante:

MODELO DA PRIMEIRA CARTA-CONVITE AOS PAIS
--

Cuiabá, 25 de abril de 2008.

Prezados Pais,

O horário das entrevistas de avaliação do 1º bimestre, no próximo sábado (26 de abril de 2008), será das **9h30min às 11h**.

Neste mesmo dia, será realizada uma reunião com os pais dos alunos do ensino fundamental (1º ao 5º ano) com a psicóloga Rosa Graciéla de Campos Lopes, mestranda em psicologia da saúde, que desenvolverá um projeto de pesquisa na escola, cujo tema é “A CRIANÇA E A IDEIA DE AMOR”, um estudo entre gênero e afetividade.

8h30min às 9h30min

Contamos com a presença de todos.

Atenciosamente,

A direção.

Responsável:

MODELO DA SEGUNDA CARTA-CONVITE AOS PAIS

Cuiabá, de de 2008.

Prezados Pais,

No nosso primeiro encontro (dia 26 de abril de 2008), ficou combinado que eu iria verificar a possibilidade de enviar-lhes uma cópia do meu Projeto de Pesquisa.

Embora o Comitê de Ética em Pesquisa (órgão que cuida da avaliação e aprovação de projetos de pesquisa) tenha aprovado esse procedimento a ser utilizado nesta pesquisa, não poderia dispor o Projeto de Pesquisa na íntegra, por ainda não ter sido publicado. Por essa razão, não pode ser divulgado. Porém, concordamos que é necessário passar para você(s) partes do Projeto como forma de esclarecimento.

Esse ofício, então, está sendo encaminhado a você(s) com esse propósito.

Essa pesquisa, cujo tema é: “A criança e a ideia de amor: um estudo de caso sobre gênero e afetividade no período da Latência”, tem por objetivo refletir o sentido da palavra amor em crianças, meninos e meninas, no período que vai de seis anos a onze anos, realizando um estudo de poucos casos, verificando como as crianças nessa idade expressam a ideia de amor e como os pais têm lidado com isso.

Esse período, chamado de Latência, é a fase mais longa da infância, que termina quando a criança entra na adolescência. É a fase de relativa calma, do ponto de vista relacional, que coincide com a época em que a criança aprende a ler e escrever. Costuma acontecer por volta dos seis anos, quando o eu da criança se encontra mais livre para se concentrar em atividades intelectuais.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, isto é, não quantifica dados, mas tenta compreender como as coisas acontecem. A coleta de dados se dará a partir de entrevistas como conversas realizadas com dez crianças (cinco meninos e cinco meninas) e seus respectivos pais, bem como por meio dos desenhos realizados pelas crianças e observação no ambiente escolar. Talvez sejam necessárias em torno de três conversas com as crianças e com os pais.

O procedimento deste estudo se dará em dois meses, realizando-se visitas à escola, três vezes por semana (quatro horas cada visita) para realização das conversas com as crianças individualmente, bem como com seus pais. A produção de desenhos poderá ser feita individualmente ou em grupo. A observação das crianças no pátio e nas salas de aula se dará aleatoriamente, nos momentos variados em que a pesquisadora se encontrar na escola, porém a criança saberá disso. Ou seja, essa metodologia prima pelos momentos de convivência com as crianças e seus pais, tendo como cenário a escola.

Vale ressaltar que em momento algum os pais estarão sendo avaliados, analisados, nem tampouco julgados nas formas de educar os seus filhos. O objetivo é apenas compreender a maneira como as crianças dão significado às vivências de amor. Serão feitos encontros para realização de conversas com os pais, visando coletar dados sobre a visão deles em relação a como a criança se relaciona em casa e com os amigos.

Aproveito deste momento para convidar os pais interessados para uma nova reunião no dia 10 de maio de 2008, às 10h30, e desejam que seus filhos participem dessa pesquisa. Nessa reunião estarei esclarecendo dúvidas, escolhendo as crianças e leremos juntos o Termo de Consentimento para pesquisa chamado Livre e Esclarecido. Os pais que não participaram do primeiro encontro e que desejam participar podem entrar em contato com a pesquisadora Rosa Graciéla de Campos Lopes pelos telefones: 3642-4081 ou 9982-8744, ou virem diretamente na próxima reunião nesse dia e horário citados acima.

Sem mais para o momento,

.....
Rosa Graciéla de Campos Lopes (pesquisadora)

APÊNDICE B – Relatos

Primeira reunião com os pais (26 de abril de 2008)

Cheguei à reunião 15 minutos antes do combinado com os pais. Estava marcada para 8h30 e começamos dez minutos após o horário combinado, mesmo com poucos pais presentes, menos de 20% do número total de pais da escola.

Nesse mesmo dia, após a reunião com essa estudiosa, os pais teriam reunião com os professores de seus filhos para entrega de nota.

Começamos o primeiro encontro com apresentação da pesquisadora pela diretora pedagógica. Em seguida a pesquisadora apresentou sua proposta de pesquisa aos pais da seguinte maneira:

“Sou mestranda em Psicologia da Saúde na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, em Campo Grande, MS. O tema da minha pesquisa é: *A criança e a ideia de amor: um estudo de caso entre gênero e afetividade no período de Latência*. Ou seja, na fase que vai dos seis aos onze anos.

A presente pesquisa tem por objetivo refletir o sentido da palavra amor em crianças, menino e menina desse período, realizando um estudo de caso, discutindo como as crianças dessa fase expressam a ideia de amor e como os pais observam isso.

Período de Latência é a fase mais longa da infância, que termina quando a criança entra na adolescência, estando circunscrita entre seis a onze anos. É a fase que coincide com a época em que a criança aprende a ler e escrever e está mais voltada para atividades intelectuais, deixando um pouco de lado as questões emocionais vividas no período anterior.

Essa pesquisa é de natureza qualitativa e a coleta de dados se dará a partir de entrevistas como conversas, realizadas com dez crianças (cinco meninos e cinco meninas) e seus respectivos pais, em horários diferenciados, bem como por meio dos desenhos realizados pelas crianças e observação no ambiente escolar. Todas as crianças estudam na mesma escola.

O procedimento deste estudo se dará em três meses, com visitas à escola duas vezes por semana (quatro horas cada visita) para realização das conversas com elas individualmente, bem como com seus pais, produção de desenhos também individualmente, observação das crianças no pátio e nas salas de aula. As entrevistas terão duração de aproximadamente uma hora.

Os participantes, tanto as crianças como os pais, terão suas identidades preservadas e o direito de desistir de participar desta pesquisa, em qualquer tempo ou circunstância.”

Após toda a apresentação da pesquisadora, ela abriu espaço para perguntas. A primeira pergunta veio de um pai:

Pai 1: — A senhora tem uma hipótese?

A pesquisadora respondeu:

Pesquisadora: — Tenho um problema de pesquisa que é: “Numa sociedade, onde as relações estão mais erotizadas, como as crianças no período de Latência expressam a ideia de amor e como os pais têm lidado com isso?”

Mãe 1: — Qual o seu método de pesquisa?

Pesquisadora: — Método Qualitativo, que busca ver a pesquisa como algo que está sempre em construção.

Mãe 2: — Na psicologia vocês têm várias linhas teóricas, né? Qual vai ser a sua linha teórica nessa pesquisa?

Pesquisadora: — Irei trabalhar com a teoria da psicanálise.

Mãe 2: — Você não acha que a psicanálise está muito ultrapassada para a nossa época?

Pesquisadora: — A psicanálise ultrapassada é um termo muito utilizado na mídia, mas na comunidade científica não existe esse questionamento. Ela é uma ciência com mais de cem anos, que vem sendo revista e publicada em comunidades científicas renomadas como a USP. Vale ressaltar que não foi só Freud (pai da Psicanálise) quem a utilizou, temos o Winnicott, por exemplo, que será muito usado nessa pesquisa, e também autores atuais como: Jorge Fabes, Charles Melman (saiu na Veja dessa semana) entre outros.

Mãe 2: — Teria como você nos fornecer uma cópia do seu projeto para podermos ficar a par do que se trata e como será essa pesquisa?”

Pesquisadora: — Na segunda-feira terei um encontro com a minha orientadora lá em Campo Grande e estarei verificando essa possibilidade.

Mãe 3: — Achei muito interessante e importante o tema da pesquisa da senhora, uma vez que vivemos numa época de tanto egoísmo e falta de amor ao próximo. Basta vermos esse caso da menina Isabella que chocou os pais e as crianças em todo o país.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo da repercussão que isso teve em suas casas. Isso durou em torno de uns dois minutos.

O marido dessa mulher complementou:

Marido da Mãe 3: — Concordo com a minha esposa, por isso quero que a nossa filha participe dessa pesquisa.

Diretora pedagógica: — [Acrescentou] Há uns trinta e cinco anos trabalho na educação, nesta escola trabalho há vinte e cinco anos. Mais ou menos, de uns quatro anos para cá, venho percebendo grandes mudanças no comportamento das crianças. Antes no futebol, quando alguém se machucava, todos paravam o jogo para socorrer aquele que havia machucado, de uns tempos para cá, quando alguém se machuca, o jogo continua como se nada tivesse ocorrido. É como se a dor do outro não interessasse mais para o grupo.

Todos ficaram em silêncio até que um pai perguntou:

Pai 2: — Você terá um critério de exclusão?

Pesquisadora: — Sim. Serão excluídas da pesquisa crianças que sejam portadoras de distúrbios do desenvolvimento cognitivo, já que a pesquisa visa analisar questões muito subjetivas.”

Uma senhora (avó – responsável pela criação do neto) indagou: — Nós teremos de pagar alguma quantia por essa participação?

Pesquisadora: — Vocês não terão de pagar quantia nenhuma. Essa pesquisa faz parte do Mestrado que estou fazendo. Vocês e seus filhos serão meus colaboradores.

Mãe 4: — Se não completar as dez crianças, poderá pegar mais de uma criança da mesma série?

Pesquisadora: — Se não completar, poderei escolher mais de uma menina ou menino da mesma série.

Mãe 4: — No caso de pais separados, se um dos dois não quiser participar, assim mesmo o filho vai poder participar?

Pesquisadora: — Sim, poderá.

Professora: — Filho(a) de professora poderá participar?

Pesquisadora: — Desde que estude na escola em uma dessas salas, poderá.

Pai 3: — Irmãos poderão participar?

Pesquisadora: — Não.

Após esclarecimentos e não havendo mais indagações por parte dos pais, a pesquisadora encerrou a reunião dizendo:

Pesquisadora: — Quero agradecer a presença e a atenção de todos vocês, na terça-feira provavelmente já terei uma posição em relação à cópia do projeto, qualquer novidade entro em contato com vocês. Mais uma vez muito obrigado e um bom fim de semana a todos vocês.

Segunda reunião com os pais (10 de maio de 2008)

Essa reunião foi marcada com mais de uma semana de antecedência. A diretora pedagógica sugeriu que acontecesse depois da comemoração do Dia das Mães, por volta das dez horas e trinta minutos; assim os pais não precisariam se deslocar novamente em outro dia para a reunião com a pesquisadora. A sugestão foi aceita e assim foi enviada a segunda carta-convite aos pais.

A reunião começou às dez horas e quarenta minutos, com a presença de apenas três mães, duas já haviam participado da outra reunião e uma veio pela primeira vez.

A pesquisadora leu junto delas o Termo de Consentimento Livre, em seguida elas assinaram e devolveram-no.

Foi comentado com as mães que a entrevista com os pais será realizada aos sábados de manhã e que será agendado por telefone. Uma das mães que já havia participado do primeiro encontro disse:

Mãe 1: — Não poderei participar aos sábados, mas posso outro dia, é que trabalho no sábado de manhã.

A pesquisadora concordou e combinou ligar para ela para verificarem juntas um horário adequado para as duas.

Essa mesma mãe ainda comentou:

Mãe 1: — Meu filho não tem pai, só eu poderei participar, mas quero muito que ele participe dessa pesquisa.

Pesquisadora: — Tudo bem.

Mãe 1: — Deve ser muito difícil para os pais permitirem a participação de seus filhos, deve ser por isso que hoje a maioria não veio.

As outras mães concordaram, porém frisaram o desejo de que seus filhos participem:

Mãe 1: — Eu quero muito que a minha filha participe, a gente tem que pagar alguma coisa?

Pesquisadora: — A pesquisa faz parte do mestrado que estou fazendo, por isso, não terão que pagar absolutamente nada, a participação de vocês já é uma colaboração para a comunidade científica.

Mãe 2: — Eu também quero muito que a minha filha participe, achei o tema muito interessante.

Após o término da assinatura do Termo de Consentimento Livre, as mães o devolveram para a pesquisadora. Não havendo mais dúvidas por parte dessas mães em relação aos procedimentos da pesquisa, a pesquisadora deu por encerrada a reunião:

Pesquisadora: — Muito obrigada pela participação de vocês. Durante a semana estarei ligando para combinarmos o dia e o horário da entrevista. Em relação às crianças começarei na semana que vem aqui na escola no horário de aula. Tenham um bom fim de semana e um Dia das Mães todo especial.

A reunião encerrou por volta das 11 horas.

APÊNDICE C – Instrumentos de coleta de dados

ROTEIRO DE ENTREVISTA (CONVERSA) COM OS PAIS DAS CRIANÇAS

Fale sobre:

- 1) Costumes e formas de demonstrar o amor que sentem um pelo outro, pai e mãe.
- 2) Como costumam demonstrar amor ao(s) filho(s) ou pelos filhos?
- 3) Comente de que maneiras você pode perceber atitudes de amor de seu filho (a) em relação a vocês pais; em relação aos irmãos; a outros familiares; aos amigos. Dê exemplos de cada um, algo que se lembra e que gostaria de contar sobre seu filho.
- 4) Defina o que você pensa que é para seu filho amor.

ROTEIRO DE ENTREVISTA (CONVERSA) COM AS CRIANÇAS

“Estamos aqui para pensarmos juntos sobre o que é o amor”. Vamos conversar sobre isso como você preferir. Fale um pouco e livremente:

- 1) Sobre o que é o amor para você.
- 2) Sobre como você age quando gosta de alguém e quando não gosta dessa pessoa.
- 3) Sobre o que as pessoas fazem para você que o (a) faz sentir-se amado (a), que o faz se sentir bem.
- 4) Se já viu alguém ter uma atitude de amor para com o outro, conte como foi.
- 5) Contar uma história de amor.

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Missão Salesiana de Mato Grosso
Universidade Católica Dom Bosco
Instituição Salesiana de Educação Superior

Campo Grande, 08 de abril de 2008.

DECLARAÇÃO

Declaramos, para fins de direito, que o projeto "A criança e a idéia de Amor: Um estudo de caso sobre gênero e afetividade no período da latência", protocolo sob o nº. 088/2007 e responsabilidade de Rosa Graciéla de Campos Lopes, orientado pela Professora Dra. Regina Célia C. Calil, após análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco CEP/UCDB, foi considerado aprovado sem restrições.



Adir Casaro Nascimento
Presidente em Exercício do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Católica Dom Bosco

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)